



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CLARA DUARTE COELHO

**AS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E O FOMENTO À
LEITURA:
UMA ANÁLISE DA REDE LEITORA TERRA DAS
PALMEIRAS DE SÃO LUÍS-MA**

Londrina
2018

CLARA DUARTE COELHO

**AS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E O FOMENTO À
LEITURA:
UMA ANÁLISE DA REDE LEITORA TERRA DAS
PALMEIRAS DE SÃO LUÍS-MA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Bortolin.

Londrina
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C1672b Coelho, Clara Duarte.

As bibliotecas comunitárias e o fomento à leitura : uma análise da Rede Leitora Terra das Palmeiras de São Luís-MA / Clara Duarte Coelho. - Londrina, 2018. 172 f. : il.

Orientador: Sueli Bortolin.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Leitura - Tese. 2. Biblioteca Comunitária - Tese. 3. Mediação da Leitura - Tese. 4. Movimentos Sociais - Tese. I. Bortolin, Sueli. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02:372.41

CLARA DUARTE COELHO

**AS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E O FOMENTO À LEITURA:
UMA ANÁLISE DA REDE LEITORA TERRA DAS PALMEIRAS DE
SÃO LUÍS-MA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Bortolin
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Profa. Dra. Adriana Rosecler Alcará Engelmann
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 23 de janeiro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força para lutar e vencer os obstáculos que encontrei em meu caminho;

A minha mãe Joana Duarte Coelho pelo cuidado e carinho mesmo sofrendo com a distância; Ao meu pai José Raimundo Coelho (Bamba) pela paixão pelo social e auxílio durante a operacionalização da pesquisa;

Ao meu irmão Matheus Duarte Coelho pela parceria cuidando da família enquanto estive ausente;

A minha avó Terezinha Veras que me deu condições para buscar meus objetivos e ao meu avô Torquato Duarte (in memória) que deve estar feliz com as minhas conquistas; A minha avó Deuselina Coelho pelas palavras de incentivo e orações;

Aos amigos de infância Mariana, Sara, Mauro, Izadora e Nazaré que estiveram sempre *online* no Grupo Amigos da VG me proporcionando muitas risadas e a sensação de estar em uma calçada da Vila falando besteira;

A minha melhor amiga Alexsandra Leite, que mesmo que tenhamos nos perdido nesse processo não posso esquecer do quanto me amparou e não me deixou sozinha com ligações e mensagens para me ouvir reclamar e puxar minha orelha;

Ao Bruce Haslan meu companheiro das madrugadas por me socorrer nos perrengues com a tecnologia e por estar ao meu lado virtualmente em todos os momentos;

Ao amigo Jailton Lira que mesmo longe fisicamente contribuiu durante o processo de elaboração do projeto e continuou presente dividindo as angústias da pós-graduação;

Ao Luiz de França por ter aberto mão da sua felicidade ao meu lado para me ver feliz;

Aos colegas de trabalho do Sesi Clínica e do CEPT-IB que torceram pelo meu sucesso e em especial ao Wellyngton Silva que ultrapassou a relação profissional e tornou-se mais que amigo;

Ao SESI e SENAI MA por proporcionarem minha liberação das atividades profissionais;

A cidade de Londrina por ter me acolhido, cheguei sem conhecer ninguém e levo comigo colegas, amigos, amores, companheiros de moradia, momentos felizes, tristes e aventuras que nunca imaginei viver.

Ao Eduardo Aarão, Rosane Araújo e Terence Aarão pela recepção calorosa deixando a mudança um pouco mais leve;

A Maria Prisciane e Isabela por me abrigarem em um dos momentos mais difíceis;

A Renata, Seu Ângelo e Dona Giva por proporcionarem a sensação de lar e me fazerem sentir parte da família Zobiole;

Ao Thiago Barcelos que se tornou meu irmão trazendo alegria para minha vida com seu dom para a música, sua cantoria diária, com os ataques de mau humor e até por me torturar com os ensaios de viola, obrigada por me emprestar tua família, teus amigos e pelas jantas deliciosas;

Ao colombiano Heder Valencia por ter me ensinado a olhar a vida de outra forma, mesmo sendo chato e implicando comigo;

A Fernanda Mangili por todas as descobertas que fizemos juntas, viagens, baladas, passeios e pela paciência com as minhas crises;

Ao Guilherme Costa, meu melhor amigo em Londrina e que permanecerá nesse cargo para sempre, com seus áudios intermináveis com conselhos que eu nunca sigo e por estar presente e me oferecer porres e acolhimento nos momentos de solidão.

Ao Thiago Ferezim pelo companheirismo, sonhos compartilhados e pelas garrafas de vinho que não foram poucas, mas principalmente por traduzir em gestos o que significa o amor.

Ao Lauriano Benazzi, Wendy Miceli, Renan Oliveira, David Tettman, Guto Torresan, Pedro Mello, Gabriel Aguiar, Daniel Lima, Eder Ferreira, Guilherme Pessoa, Carla Polônio, Paulo Henrique e Renan Nishioka que fizeram a minha estadia em Londrina bem mais animada;

Ao professor Rovilson Silva não só pelas contribuições acadêmicas, mas me faltam palavras para expressar o quanto sou grata por sua sensibilidade;

A turma do Mestrado 2016 por tornarem os períodos em sala de aula mais agradáveis, não tenho como citar nomes porque todos foram especiais em cada atitude de cuidado e carinho durante a minha ambientação na Universidade;

A todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e em especial a coordenadora anterior Profa. Dra. Silvana Drumond pela sua empatia durante o processo seletivo e a coordenadora atual Profa. Dra. Ana Cristina Albuquerque pelo apoio no decorrer do curso e desenvolvimento da pesquisa.

A Profa. Dra. Brígida Cervantes pelas valiosas lições técnicas ensinadas com muito carinho e dedicação durante o tempo que passei como colaboradora da Informação&Informação;

A minha orientadora Profa. Dra. Sueli Bortolin por seus esforços, sua atenção e pertinentes considerações ao longo da concepção deste estudo e por ter ultrapassado muitas vezes a relação profissional repreendendo e cuidando de mim. Sei que não foi fácil ser minha orientadora, mas só tenho a agradecer por ter acreditado e não ter desistido de mim;

A Profa. Dra. Adriana Alcará por aceitar fazer parte da minha banca;
Ao Prof. Dr. Oswaldo Almeida Júnior por partilhar seus conhecimentos sobre o tema;

A CAPES que, com o provimento da bolsa, possibilitou a minha dedicação integral nesta pesquisa;

A todos que formam a Rede Leitora Terra das Palmeiras e em especial a Neuza da Silva Ribeiro e Thais Rodrigues.

E a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que esse sonho impossível se tornasse realidade. Meus sinceros agradecimentos.

“O Brasil foi “inventado” de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos”.

(Paulo Freire)

COELHO, Clara Duarte. **As bibliotecas comunitárias e o fomento à leitura: uma análise da Rede Leitora Terra das Palmeiras de São Luís-MA.** 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

As bibliotecas comunitárias são formadas a partir da iniciativa de grupos ou de uma única pessoa para disponibilizar espaço e livros de forma gratuita à comunidade. O presente estudo objetiva investigar os projetos de mediação da leitura da Rede Leitora Terra das Palmeiras localizada na região da Cidade Operária a partir de uma iniciativa conjunta de cinco bibliotecas com aporte financeiro do Instituto C&A. Como objetivos específicos buscou-se descrever as ações realizadas em duas das bibliotecas da Rede visando analisar a mediação da leitura presente nessas ações e identificar a percepção da comunidade sobre a contribuição dessas iniciativas para a formação de leitores. Nos procedimentos metodológicos adotou-se a pesquisa de campo com natureza básica e explicativa e abordagem qualitativa do problema. A pesquisa de campo foi realizada nas bibliotecas comunitárias Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria pertencentes à Rede Terra das Palmeiras. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada com os mediadores e entrevista narrativa estimulada por pergunta gerativa de narrativa com os leitores e com a bibliotecária. Os leitores com faixa etária entre 10 e 14 anos foram selecionados a partir dos critérios de frequência nas bibliotecas e quantidade de empréstimos realizados. O tratamento dos dados coletados se deu por meio da técnica de Análise de Conteúdo aplicada às falas com a definição de categorias para realização da análise temática. Os resultados demonstram que a Rede Leitora Terra das Palmeiras por meio dessas bibliotecas oferece contribuições significativas para a cidade de São Luís tornando-as espaços de convivência de crianças, adolescente em idade escolar e também a comunidade em geral. Concluiu-se que apesar do impacto positivo da mediação da leitura realizada pelos atores envolvidos nas bibliotecas comunitárias Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria as dificuldades quanto a sustentabilidade impedem a melhoria na oferta de ações e a ampliação das mediações de leitura tanto internas quanto externas.

Palavras-chave: Leitura. Biblioteca comunitária. Mediação da leitura. Movimentos sociais.

COELHO, Clara Duarte. **Community Libraries and Fostering Reading: an analysis of the Rede Leitora Terra das Palmeiras of São Luís - MA, Brazil.** 2018. 172 p. Dissertation (Master's degree in Information Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

Community libraries are formed from the initiative of groups or a single person to provide spaces and books free of charge to the community. The present study aims to investigate the reading mediation projects of the *Rede Leitora Terra das Palmeiras* in the Cidade Operária region of the city of São Luís, MA, Brazil, based on the joint initiative of five libraries with financial support of *Instituto C&A*. The study sought to describe the actions performed in two libraries of the network to analyze the reading mediation in those actions and identify the perception by the community on the contribution of those initiatives for the formation of readers. Methodological procedures comprised field research with basic explanatory nature and a qualitative approach of the issue. The field research was carried out on the community libraries Monteiro Lobato and *Portal da Sabedoria* belonging to the *Rede Terra das Palmeiras*. Data were collected through semi-structured interviews with the mediators and narrative interviews stimulated by narrative-generating questions with readers and librarians. Readers between 10 and 14 years old were selected based on library attendance and number of books checked. The data collected were treated using content analysis applied to the speech while defining the categories for the thematic analysis. The results show the *Rede Leitora Terra das Palmeiras*, through those libraries, provides significant contributions to the city of São Luís by turning them into living spaces for children, school-age adolescents, and the overall community. It is concluded that, despite the positive impact of reading mediation by the actors involved in the Monteiro Lobato and *Portal da Sabedoria* community libraries, the difficulties concerning sustainability prevent improvements in the actions offered and expansion of reading mediation both internally and externally.

Keywords: Reading. Community library. Reading mediation. Social movements.

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
AEC/Brasil	Associação de Educação Católica do Brasil
AEC/MA	Associação de Educação Católica do Maranhão
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CEP-UEL	Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina
CI	Ciência da Informação
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CSLL	Câmara Setorial do Livro e da Leitura
OIE	Organização dos Estados Ibero-Americanos
ONGs	Organizações Não Governamentais
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PMLLB	Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
RNBC	Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização dos Bairros da Rede Leitora Terra das Palmeiras	69
Figura 2 – Eixos metodológicos do Programa Prazer em Ler	71
Figura 3 – Organograma funcional da Rede Leitora Terra das Palmeiras.....	74
Figura 4 – Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato	80
Figura 5 – Estrutura da Biblioteca Monteiro Lobato.....	81
Figura 6 – Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria	82
Figura 7 – Estrutura da Biblioteca Portal da Sabedoria	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	OBJETIVOS	17
2.1	Geral	17
2.2	Específicos	17
3	BIBLIOTECA PÚBLICA	18
3.1	Bibliotecas Alternativas	24
3.1.1	Bibliotecas comunitárias	29
4	LEITURA	43
4.1	A Mediação da Leitura	50
5	A LEITURA NA REDE LEITORA TERRA DAS PALMEIRAS	58
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	75
6.1	Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato	80
6.2	Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria	82
7	ANÁLISE DE RESULTADOS	84
7.1	Voz da Bibliotecária	85
7.1.1	Perfil do bibliotecário	85
7.1.2	Planejamento das atividades	88
7.1.3	Mediação da leitura	89
7.1.4	Avaliação das ações	91
7.1.5	Participação dos leitores.....	92
7.2	Vozes das Mediadoras de Leitura	94
7.2.1	Atividades de leitura	95
7.2.2	Planejamento das atividades	98
7.2.3	Recursos utilizados.....	101
7.2.4	Conceito de mediação da leitura	103

7.2.5	Frequência e participação nas bibliotecas	106
7.3	Vozes dos Leitores	110
7.3.1	Importância da biblioteca	111
7.3.2	Atividades de leitura	116
7.3.3	Gêneros de leitura	119
7.3.4	Importância da leitura	124
8	OBSERVAÇÃO DA PESQUISADORA E SÍNTESE DAS VOZES.....	127
8.1	Observação da pesquisadora.....	127
8.2	Síntese das vozes	128
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS.....	138
	APÊNDICES	155
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para os mediadores	156
	APÊNDICE B – Pergunta gerativa de narrativa para os leitores	157
	APÊNDICE C – Roteiro de entrevista para os leitores.....	158
	APÊNDICE D – Pergunta gerativa de narrativa para o bibliotecário.....	159
	APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Crianças e Adolescentes	160
	APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Adultos.....	163
	ANEXOS	165
	ANEXO A – Declaração de concordância da instituição co-participante	166
	ANEXO B – Folheto da Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato.....	167
	ANEXO C – Boletim da Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria.....	168
	ANEXO D – Ações da Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria.....	169

1 INTRODUÇÃO

O acesso à leitura tão debatido ainda é uma realidade distante para muitos brasileiros. O contato com a leitura permanece atrelado, muitas vezes, ao que é oferecida pela educação formal no processo de escolarização, isto ocorre em virtude do número insuficiente de bibliotecas e projetos de incentivo à leitura que trabalhem o desenvolvimento intelectual da população.

As dimensões continentais do Brasil representam um empecilho para a aplicabilidade de políticas públicas que contemplem seus rincões. A falta de investimento tanto de recursos financeiros quanto humanos reforça a crise da leitura instaurada no país desde os tempos coloniais.

Nos estados do Nordeste, a carência de políticas públicas e de serviços básicos para a sobrevivência da população impacta diretamente no desenvolvimento dos níveis educacionais, contribuindo com os altos índices de analfabetismo e a escassez de locais provedores de acesso aos suportes de leitura.

Apesar da descentralização e ampliação dos investimentos do poder público na esfera federal, no Nordeste a questão da leitura e criação de bibliotecas públicas encontra-se em desenvolvimento a passos lentos. As classes populacionais excluídas não têm vivenciado e nem ao menos sabem da importância dessa prática, pois o incentivo à leitura é trabalhado em sua mais precária forma.

No Maranhão as políticas públicas de incentivo à leitura não receberam a devida importância nos últimos governos, e são interrompidas a cada mudança de administração governamental. Na cidade de São Luís do Maranhão apenas duas bibliotecas públicas são encarregadas de atender toda a demanda da cidade e as políticas culturais são descontinuadas a cada mudança de governo.

Mediante essa realidade, faz-se necessário um olhar crítico para discutir sobre os meios de acesso à leitura, principalmente pela população de baixo poder aquisitivo, tolhida pelo valor monetário a ter acesso aos múltiplos suportes.

A *Rede Leitora Terra das Palmeiras* vem conquistando destaque por seu trabalho na região periférica de São Luís. Composta por cinco bibliotecas comunitárias, a Rede é fruto da parceria entre instituições do Terceiro Setor apoiadas pelo Instituto C&A por meio do programa *Prazer em Ler*, atuando em

conjunto no fortalecimento de políticas de leitura na região da Cidade Operária e bairros adjacentes.

Esse panorama instiga a discussão sobre o crescimento das redes leitoras e a mobilização da sociedade civil para intervir de forma propositiva por meio da implantação de bibliotecas comunitárias para fomentar melhorias no acesso à leitura e, conseqüentemente, aos bens culturais em comunidades periféricas.

As bibliotecas comunitárias surgem em locais onde a biblioteca pública deveria estar atuando com projetos de leitura e acesso à informação. Esses espaços passam a existir a partir do inconformismo da sociedade civil quanto a ausência de projetos sociais que têm como foco a mediação da leitura.

Entretanto, as atividades de mediação da leitura promovidas pelas bibliotecas comunitárias manifestam-se muitas vezes sem um propósito definido ou com o envolvimento de profissionais não capacitados para trabalharem com leitura, contando apenas com a boa vontade de pessoas que se preocupam em mudar a realidade na qual estão inseridas. A mediação no sentido de aproximação entre suporte e leitor traz a lume a seguinte questão: Como a mediação da leitura está sendo conduzida no espaço das bibliotecas comunitárias?

A partir dessa problemática surgem outros questionamentos pontuais para entender melhor todo esse processo e apontar quais as dificuldades e características positivas dessas ações, dentre eles: Quais projetos estão sendo realizados para mediar a literatura? Há resultados comprovados sobre a eficácia desses projetos para o fomento a leitura? Qual a contribuição do bibliotecário para o desenvolvimento dessas ações?

Todos esses questionamentos são válidos para ampliar o debate sobre a intervenção da sociedade civil com propostas para desenvolver ações de estímulo à leitura e circunstanciar o funcionamento das bibliotecas comunitárias. O objetivo do estudo é investigar a mediação da leitura presente nos projetos das bibliotecas que compõem a Rede Leitora Terra das Palmeiras.

O presente trabalho com natureza básica e explicativa consistiu em uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa do problema. O campo de pesquisa foi delimitado às bibliotecas comunitárias Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria e as contribuições desses espaços para consolidar o gosto pela leitura.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada com os mediadores partindo de um esquema de questões preestabelecidas, e em seguida a realização de entrevista narrativa estimulada por pergunta gerativa de narrativa com os leitores e com a bibliotecária para conhecer a visão da comunidade sobre as atividades e a potencialidade das ações realizadas nas bibliotecas. O tratamento dos dados se deu por meio da técnica de Análise de Conteúdo aplicada às respostas dos entrevistados.

A temática escolhida se insere na linha de pesquisa do Mestrado em Ciência da Informação que versa sobre o Compartilhamento da Informação e do Conhecimento. Aborda as formas e processos de mediação da leitura fora das instituições convencionais objetivando a construção de conhecimento, pois a Ciência da Informação precisa também considerar em suas pesquisas os ambientes informais que desenvolvem atividades de leitura.

Partindo do interesse pessoal por movimentos sociais e o estudo sobre práticas de leitura durante a graduação fez-se o empenho em empreender investigação sobre essa temática focando a mediação da leitura realizada fora dos padrões das instituições comumente destinadas a essa finalidade. Outra motivação é a inexistência de dados científicos registrados que relatem as iniciativas de incentivo a leitura oriunda da sociedade civil na cidade de São Luís do Maranhão, visto que há uma crescente divulgação na mídia sobre essas ações.

De tal modo, a relevância da pesquisa está em contribuir com as concepções teóricas que retratam sobre os projetos de mediação da leitura na cidade de São Luís do Maranhão, abrangendo espaços fora das instituições formais mantidas pelo poder público. O estudo apresenta dados para avaliar a atuação dessa Rede para o fomento à leitura nas comunidades periféricas e apontar as demandas da comunidade ao final da pesquisa.

Espera-se como contribuição científica motivar outros pesquisadores a desenvolverem essa temática tão importante, em virtude de pesquisas realizadas apontarem poucos estudos na área de Ciência da Informação sobre bibliotecas comunitárias. A contribuição social está em despertar os profissionais bibliotecários para a importância desse tipo de biblioteca como espaço de atuação, visto que por trabalharem com a questão da leitura podem auxiliar na gestão dessas iniciativas proporcionando maior proveito à sociedade.

Nesta primeira seção explanou-se a problemática norteadora, a justificativa da escolha do tema e a relevância desta pesquisa. Na segunda estão os objetivos almejados. A terceira seção aborda a biblioteca pública, sua organização e funcionamento, bem como outras nomenclaturas das bibliotecas de origem da sociedade civil que prestam serviço à comunidade, sendo elas bibliotecas alternativas e bibliotecas comunitárias. A quarta seção aborda a leitura e como ocorre a mediação para os leitores. Na quinta seção caracteriza-se a atuação da *Rede Leitora Terra das Palmeiras* sua estrutura, funcionamento e recursos. Os procedimentos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento do estudo estão na sexta seção. Na sequência apresenta-se, na seção sétima, a análise dos resultados dividida em quatro subseções, voz da bibliotecária, das mediadoras e dos leitores e da pesquisadora. A síntese dos resultados está na oitava seção. Na nona seção estão as considerações finais da pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Investigar a mediação da leitura nas bibliotecas da Rede Leitora *Terra das Palmeiras* da cidade de São Luís do Maranhão.

2.2 Específicos:

- a) Descrever os projetos de incentivo à leitura da Rede e a atuação do bibliotecário;
- b) Analisar a mediação da leitura realizada nas bibliotecas da Rede;
- c) Identificar a percepção da comunidade quanto à contribuição da Rede na formação de leitores.

3 BIBLIOTECA PÚBLICA

As bibliotecas são espaços para promover o acesso à leitura e conseqüentemente à informação, buscando atender à comunidade, utilizando os mais diversos suportes, planejando e executando ações que de alguma forma contribuam para eliminar as barreiras informacionais. Os tipos e finalidades de bibliotecas variam conforme o público e os interesses dos usuários.

Quanto ao público atendido as bibliotecas podem ser classificadas em especializadas quando estão voltadas para organizações específicas e categorias profissionais, as universitárias que têm como usuários os discentes e docentes de uma instituição de ensino superior, as escolares visando servir os alunos e a comunidade escolar dos diversos níveis de ensino e as bibliotecas públicas a todos independentemente da idade, formação escolar ou profissão (OLIVEIRA, 1994, p.12).

A questão do livro e do acesso à informação e à leitura é permeada por atos de cerceamento, tornando-se privilégio de poucos. As bibliotecas seguiram durante muito tempo priorizando a preservação dos registros do conhecimento e as coleções de livros, funcionando como “[...] local fechado sobre si mesmo, de depósito do saber, onde a presença do leitor era quase considerada como uma profanação [...]” (BAGANHA, 2004, p.93).

Houve um tempo em que o domínio das letras era ação de sábios, mágicos, talvez macomunados com forças benéficas ou maléficas de acordo com o sentido que davam ao ato de juntar letras e compor palavras e frases. No entanto, se o olhar for do presente para o futuro, percebe-se que a habilidade de ler passou a ser uma condição básica do homem, essencial para que ele viva em sociedade e tenha acesso aos bens que ela possibilita (MILANESI, 2002, p.20).

No entanto, essa primeira postura cedeu lugar a visão de espaço democrático para o acesso à leitura. As mudanças históricas e sociais alteraram o foco do acervo para o usuário. “A biblioteca abre-se ao mundo, entrega-se aos seus utilizadores e procura responder à necessidade de encontrar um espaço dinâmico onde se conjugue informação e cultura” (BAGANHA, 2004, p.93), porém até tornar-se uma biblioteca pública há uma trajetória. Para melhor entender o papel das bibliotecas hoje, se faz necessária uma retrospectiva histórica.

As bibliotecas durante muito tempo estiveram voltadas a uma pequena parcela da sociedade na qual os livros eram considerados objetos de poder, porém não era uma necessidade. “Durante a Idade Média, a ocupação com os livros ainda é infra-social, não aparece para o público: está latente, secreta, pode-se dizer, intestina, confinada no recinto secreto dos mosteiros” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.18), o que demonstra que não havia biblioteca pública durante esse período.

A partir da valorização da razão proposta no Renascimento com a diminuição do poderio das forças do misticismo e das explicações religiosas foi possível ao livro tornar-se uma vontade coletiva, “[...] não o livro religioso, nem o livro de leis, mas o livro escrito por um escritor, portanto, o livro que pretende ser somente livro e não revelação ou código [...]”. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.19).

A invenção da imprensa com tipos móveis por Gutemberg popularizou o acesso ao livro para uma parcela maior da sociedade. “As primeiras bibliotecas públicas só tomaram maiores projeções no Renascimento. A partir do livro tipográfico (Século XV), várias transformações são verificadas nas comunidades leitoras e livrescas [...]” (BRAGA, 2004, p.26).

A imprensa solucionou o problema da escassez de livros do século anterior facilitando o acesso a informação em uma época em que o número de alfabetizados estava aumentando, e a impressão em grande escala contribuiu para o surgimento dos instrumentos de busca como catálogos e bibliografias para possibilitar a localização dos itens nas bibliotecas (BURKE, 2002).

A expansão da educação pública, as reivindicações por informação e espaços para atender as necessidades informacionais e educativas dos setores sociais com acesso à leitura estão diretamente relacionadas à origem das bibliotecas públicas. Nesse contexto surgem as bibliotecas paroquiais mantidas por ordens religiosas, consideradas como antecessoras das bibliotecas públicas e nacionais (JARAMILLO; RÍOS, 2000, tradução nossa).

As bibliotecas públicas são instituições antigas, porém a motivação para o seu surgimento é controversa. Alguns autores afirmam que foi uma ação da classe dominante para atenuar os problemas sociais, entretanto, outros autores discordam afirmando que as bibliotecas públicas são fruto da reivindicação popular após a Revolução Francesa (ALMEIDA JÚNIOR, 2013).

A origem das bibliotecas públicas remonta à Antiguidade, mas é no século XIX de nossa era, com a consolidação dos ideais democráticos, com o desenvolvimento industrial e o crescimento da urbanização que emergem as bibliotecas públicas com os questionamentos que permanecem até hoje: sua função social, seus objetivos e seu financiamento (PAIVA, 2008, p.15).

A forma como foram vistas inicialmente por seus patrocinadores demonstra uma instituição que contribuía para manter a ordem social vigente o progresso e democracia. Outros temiam que a biblioteca pública fosse perigosa ao ofertar leitura para a classe operária e que eles poderiam abandonar seus postos de trabalho. No entanto essa visão mudou e acompanhando a evolução da sociedade e expandiu sua função educacional e culturalmente mais ampla (MUELLER, 1884).

No Brasil, a visão da biblioteca como instituição erudita permaneceu por muito tempo, pois o acesso a esse bem era privilégio somente da elite letrada. As tentativas de abertura para os grupos minoritários desde o Brasil Colonial esbarravam em uma realidade em que a maioria da população era analfabeta (FERREIRA, 2016).

Em fins do século XVI já se nota certa vida intelectual na Bahia, em Pernambuco, talvez, Rio de Janeiro. No resto do território nada indica que houvesse alguma manifestação literária entre os colonos, embora se saiba que existiam livros nos conventos e em mãos de alguns particulares (MORAES, 2006, p.5).

A primeira biblioteca de fato aberta para o público é datada de 4 de agosto de 1811 na Bahia fundada pelo senhor de engenho Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco. Foi mantida pela contribuição dos sócios com livros importados da Europa e com direito a empréstimo a quem tivesse interesse (OLIVEIRA, 1994).

Como afirma Suaiden (1980, p.5) “[...] as bibliotecas fundadas anteriormente, como as dos conventos, não eram públicas, e a Biblioteca Real do Rio de Janeiro já existia em Lisboa, havendo, portanto, no caso, apenas a transferência de sede”. As bibliotecas antecedentes a essa data não eram de fato públicas, pois havia restrições ao uso pela população.

Deve-se também ressaltar que a Biblioteca da Bahia não foi uma ação governamental, e sim da vontade de um membro da sociedade civil, que apenas solicitou a aprovação de seu projeto por parte do poder público, pois a ideia era que “[...] a biblioteca seria mantida através da cooperação de todos os cidadãos

que desejassem dela fazer parte. Castello Branco concebeu a biblioteca como uma instituição para promover a instrução do povo” (SUAIDEN, 1980, p.6).

A segunda biblioteca fundada no Brasil também estava localizada na região Nordeste. “A Biblioteca Pública do Maranhão nasce, aproximadamente, 13 anos após a criação da primeira biblioteca, criada em 29 de setembro de 1829 e inaugurada, oficialmente, no dia 3 de maio de 1831” (CASTRO; SILVA; CASTELLANOS, 2011, p.257).

A Biblioteca Pública do Estado do Maranhão inicialmente funcionou na parte superior do Convento do Carmo na Rua do Egito. Após diversas mudanças de local foi construída a sua sede atual na Praça do Panteon e inaugurada em 29 de janeiro de 1951, passando a ser denominada Biblioteca Pública Benedito Leite (SUAIDEN, 1980).

Outras bibliotecas públicas surgiram no Brasil, todas de origem estadual, com estrutura precária e mudanças recorrentes de local. “Mesmo no século XX, apenas alguns prédios de bibliotecas públicas foram construídos com assessoramento de bibliotecários. As Bibliotecas Públicas do Paraná, Pernambuco, Bahia e a Municipal de São Paulo são desses raros exemplos” (SUAIDEN, 1980, p.9).

De acordo com as *Diretrizes da IFLA para Bibliotecas Públicas* a finalidade desse tipo de biblioteca é: “[...] proporcionar recursos e serviços, numa diversidade de mídias, a fim de atender às necessidades de indivíduos e grupos em matéria de educação, informação e desenvolvimento pessoal, inclusive sua recreação e lazer” (KOONTZ; GUBBIN, 2012, p.2).

Caracterizam-se como públicas por pertencerem à hierarquia do estado por meio de lei que normatiza sua criação e funcionamento, bem como os recursos disponíveis no orçamento da instância governamental a que está vinculada, seja federal, estadual ou municipal. “Portanto, cabe ao Estado, gerar, cumprir e fazer cumprir políticas públicas orientando a criação e manutenção da biblioteca pública no país” (JARAMILLO, 2006, p.32, tradução nossa).

A biblioteca pública é a instituição responsável por atender à sociedade em geral. Entretanto, como aponta Suaiden (2000) esse é o ponto falho das bibliotecas públicas, pois o único segmento social atendido parcialmente são os estudantes, e perde cada vez mais espaço e prestígio por tentar ser tudo para todos.

No Brasil as bibliotecas públicas, na atualidade, passam por um dilema em relação ao seu desempenho, para recolocar-se como organismo vivo em uma sociedade movida pela agilidade tecnológica. “As bibliotecas públicas brasileiras estão entre dois tempos: o seu próprio modelo que remete ao século XIX, e a necessidade de trazê-las para o século XXI” (MILANESI, 2013, p.60).

Essa dualidade consiste em um modelo tradicional à espera dos usuários, e a biblioteca dinâmica que se aproxima com atrativos para trazer o usuário para utilizar seu espaço. Além disso, devem alterar o discurso de dominação vigente passando a servir a população excluída com meios que possibilitem o pensamento crítico quanto ao que é imposto.

Considerada como uma instituição elitista, a biblioteca pública tem um passado conservador, fatores que contribuem para reforçar o estereótipo de oferecer serviços somente à classe média letrada. A educação formal no Brasil conduziu o desenvolvimento dessas bibliotecas. “A Escola da classe dominante forneceu o público da biblioteca, obviamente dessa mesma classe. A educação destinava-se a uma elite e a biblioteca seguiu a mesma tendência” (RABELLO, 1987, p.23).

Almeida Júnior (1997a, p.36) traz uma discussão pertinente sobre a atuação inexpressiva da biblioteca em face do não público “[...] considerando o número de analfabetos e dos alfabetizados que não lêem, podemos concluir que a biblioteca está voltada para uma parcela irrisória da população”, e as classes menos favorecidas não têm vivenciado as práticas culturais dentre elas a leitura.

Em outras palavras, apesar da implantação da instituição em foco também decorrer de posições contrárias à ideologia do Estado, concretamente seu exercício não é organizado para atender as expectativas do proletariado, embora esta classe seja colocada, no discurso, como a principal justificativa da existência da instituição (NOGUEIRA, 1986, p.225).

As bibliotecas públicas não são pensadas junto com a sociedade que irá receber, frequentar esse espaço é uma atividade que não faz parte do cotidiano da maioria das pessoas. Os acervos desatualizados, a ausência de recursos multimídias, prédios improvisados, e funcionários despreparados para atender ao público são fatores que também contribuem para o esvaziamento das bibliotecas que estão em funcionamento. “Esse distanciamento tem ocasionado o

fechamento de várias bibliotecas, a redução de serviços de outras tantas, e uma desintegração entre biblioteca e sociedade” (FERREIRA, 2006, p. 117).

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2015) demonstra que somente 5% responderam que vão sempre à biblioteca, enquanto 66% disseram não frequentar. Esses dados mostram uma realidade preocupante, sendo muitas vezes, reflexo de experiências ruins dos usuários com a biblioteca durante a sua formação educacional ou contato insuficiente com a biblioteca para despertar essa vontade.

Esse contexto demonstra que o número de biblioteca ainda é incipiente para contemplar as dimensões do país. Suaiden (1995, p.12) aponta como a biblioteca pública poderia contribuir para melhorar a situação social das comunidades:

Assim sendo, os estudos sobre a comunidade, o trabalho com as lideranças comunitárias e o diagnóstico aplicado às necessidades de informação são instrumentos fundamentais com os quais a biblioteca pública pode contar para se vincular e até melhorar os níveis de educação e cultura da comunidade.

Acredita-se que a biblioteca pública pode superar os estereótipos relacionados a seu passado, isto é, priorizando a preservação em detrimento do acesso, para se aproximar da comunidade. Com denominações diferentes e com propostas para modificar a atuação e os serviços oferecidos pela biblioteca pública surgiram pesquisas a respeito do conceito e das práticas que nela ocorrem.

Alguns conceitos contestadores em relação à Biblioteconomia tradicional foram postulados nos eventos da área e em revistas científicas iniciando uma corrente teórica para apresentar uma biblioteca voltada aos excluídos na tentativa de aproximação com os movimentos sociais da década de 80 (ALMEIDA JÚNIOR, 2015).

Entretanto, essas discussões de mudança foram evidenciadas pelos autores conservadores da área, utilizando a sua influência sobre os meios de divulgação acadêmicos e movimentos associativos para defender ideias contrárias as emergentes, surgindo assim, novos termos em substituição aos que valorizavam os interesses e necessidades das classes populares (ALMEIDA JÚNIOR, 2015).

Tais termos buscavam amenizar os conceitos que embasavam os termos Informação Social, Informação para a Cidadania, Bibliotecas Populares. No lugar destes, surgiram: “Biblioteca Comunitária” e “Informação Utilitária”. Não houve, de fato, um confronto; o que ocorreu foi o uso, pelas correntes conservadoras, dos espaços por elas dominados para impor seus conceitos e se apoderar, a partir de seus interesses, de uma proposta que se propunha diferenciadora.

Mediante esse embate entre as correntes da Biblioteconomia percebe-se uma multiplicidade de termos utilizados na área, entretanto, nas publicações as denominações localizadas incidem em dois gêneros mais frequentes de bibliotecas que são: a popular e a comunitária.

Almeida Júnior (1997b, p.60) propõe uma classificação dessas iniciativas como bibliotecas alternativas que são: “[...] aquelas que priorizam serviços diferenciados e usuários outros que não os alfabetizados, aqueles que apresentavam idéias tentando focalizar a biblioteca pública, não mais como, exclusivamente, reprodutora da ideologia dominante”.

O detalhamento dos conceitos postulados na literatura da área a respeito da biblioteca pública como espaço de inovação contribuirá para entender a biblioteca comunitária atualmente, portanto as bibliotecas alternativas serão particularizadas a seguir.

3.1 Bibliotecas Alternativas

Nessa pesquisa a biblioteca comunitária é o foco, porém se faz necessária uma descrição mais detalhada sobre as tentativas teóricas e práticas de inovação dos produtos e serviços da biblioteca pública, consideradas por Almeida Júnior (2013, p.89) como bibliotecas alternativas, isto é, “[...] propostas práticas ou teóricas, que visam alterar, modificar, transformar os trabalhos, as atividades, as posturas, as ideias das bibliotecas públicas tradicionais.”

A origem dos termos e o funcionamento dessas bibliotecas ou serviços são muito próximos, nem todos permitem estabelecer diferenças concretas ou consensuais entre os conceitos apresentados, sendo eles: Biblioteca-Ação cultural e Biblioteca-Centro Cultural; Biblioteca Conjunta Comunitária; Centro de Documentação Popular; Serviço Referencial e de informação; Bibliotecas Populares e Bibliotecas Comunitárias (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b).

As Bibliotecas-ação cultural e biblioteca-centro cultural trazem uma discussão sobre o distanciamento das bibliotecas públicas de quem realmente precisa dela, e apresenta modelos de biblioteca centrados na cultura, dando voz aos excluídos.

O uso dos termos Biblioteca-ação cultural e biblioteca-centro cultural são atribuídos a Victor Flusser para sugerir à biblioteca pública uma mudança na forma de conduzir suas atividades com a dinamização do acervo e criação de conteúdos culturais (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b).

A Biblioteca-ação cultural é uma mudança estrutural visando a inclusão dos usuários potenciais, enquanto a Biblioteca-centro cultural é voltada para o desenvolvimento da comunidade como um todo buscando a interação por meio da cultura literária.

Essas bibliotecas são espaços para a produção cultural e não apenas para a guarda e preservação do acervo, pois busca a inserção do não-público e a relação entre criação e mediação cultural, sendo uma biblioteca verdadeiramente pública. (FLUSSER, 1980).

Os centros de cultura surgiram sobre bibliotecas anacrônicas como uma cortina de fumaça para ocultar o cerne da questão: eles seriam o novo em face do superado, quando de fato, o que ocorreu foi a interrupção do desenvolvimento das bibliotecas na linha previsível de evolução (MILANESI, 2003, p.211).

Não há mais motivos para a separação das bibliotecas e dos centros culturais, é preciso a unificação dessas estruturas aliadas as linguagens artísticas por meio de programas que despertem o interesse por frequentar esse espaço (FLUSSER,1983).

A biblioteca conjunta comunitária foi uma proposta importada dos Estados Unidos por Carminda Nogueira de Castro Ferreira e consta em um artigo publicado em 1978, intitulado *Biblioteca Pública é Biblioteca Escolar?* Nele a autora discute o atendimento predominante de estudantes na biblioteca pública, por falta de bibliotecas escolares. “Não mais seria biblioteca pública - seria biblioteca escolar ou, muito mais, *biblioteca, conjunta comunitária*” (FERREIRA, 1978, p.13, grifo da autora).

Esse conceito biblioteca conjunta comunitária foi adotada por algumas universidades dentre elas a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves

da Silva do Instituto Federal de Minas Gerais e a Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos.

Seguindo essa mesma linha de biblioteca com dupla finalidade, os estudos *As bibliotecas escolares comunitárias da Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais: análise de seu funcionamento em dez escolas de primeiro grau de Belo Horizonte* (1983) e *Bibliotecas escolares comunitárias: uma revisão bibliográfica* (1984) de autoria de Ligia Dumont utilizam o termo *bibliotecas escolares comunitárias* (ALVES, SALCEDO E CORREIA, 2017).

A ideia de biblioteca escolar aberta aos moradores de uma comunidade onde a instituição está localizada com a intenção de ocupar a lacuna deixada pelas bibliotecas públicas está presente nas abordagens adotadas tanto por Ferreira (1978) quanto por Dumont (1983; 1984). A diferença reside na abordagem do tema pelas autoras, sendo que a primeira se conserva no plano teórico trazendo o debate sobre as implicações positivas e negativas da aplicabilidade desse conceito, enquanto a segunda apresenta “[...] um relato de ordem prática já com exemplos de bibliotecas combinadas existentes e com uma avaliação desse novo tipo de modalidade” (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2017, p.46).

Outra denominação de espaço para oferta de informação à determinada comunidade é o centro de documentação popular, porém nesse caso, não há uma relação direta com a biblioteca pública.

Inúmeras variantes dessa denominação são empregadas, embora quase com as mesmas propostas: Centro de Documentação e Informação Popular; Centro de Informação Popular; Serviço de Documentação Popular; Serviço de Documentação e Informação Popular etc. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p.67).

No Brasil na década de 60 em meio ao regime militar os canais formais de informação foram fechados, levando a sociedade civil e os movimentos ligados às igrejas católicas a organizarem novos meios de comunicação. Esse movimento “[...] em praticamente todos os países latino-americanos, talvez possa ser entendido como uma reação das camadas populares, culturalmente – já que suas atividades não estão resumidas reivindicações apenas econômicas” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a, p.60).

A partir da década de 70 incorporam também partidos políticos de esquerda para coletar, organizar e disseminar informações e documentos

produzidos pelos movimentos sociais populares (ARAÚJO, 1997). Almeida Júnior (1997b, p.72) separa os centros de documentação popular em três:

- 1 - aqueles que atendem aos técnicos que entram em contato com os organizadores e militantes dos movimentos organizados da população;
- 2 - aqueles que subsidiam os organizadores e militantes dos movimentos populares;
- 3 - aqueles que atendem diretamente a comunidade, estando vinculado aos movimentos organizados ou a órgãos de suporte a esses movimentos.

Os centros de documentação popular têm princípios ideológicos considerando a informação como artefato de poder. Atualmente estão vinculados a Organizações Não Governamentais (ONGs) e nem sempre estabelecem vínculo com a comunidade que estão inseridos, representando uma alternativa dissociada das bibliotecas públicas.

O Serviço Referencial e de informação está geralmente ligado a outras instituições como os Centros de Documentação (CEDOC) e bibliotecas. “A função básica de um Serviço Referencial e de Informação seria, na verdade, encaminhar o usuário para as fontes adequadas e capazes de satisfazerem uma determinada necessidade.” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p.88).

Esse serviço está pautado nas informações utilitárias, ou seja, “[...] as informações de ordem prática, que auxiliam na solução de problemas que normalmente aparecem no cotidiano das pessoas, desde os mais simples até os mais complexos [...]” (CAMPELLO, 1998, p.35), funcionando como instrumento de divulgação com a finalidade de disseminar informações para que o usuário se aproxime e se reconheça dentro daquele espaço.

Algumas estratégias podem ser adotadas no Serviço Referencial e de informação de acordo com Lopes e Pimenta (2003) como a produção de boletins de informação com notícias atuais, a exposição de novas aquisições, utilização de quadros de avisos e o atendimento personalizado e utilizando meios de comunicação como o telefone. Na atualidade, pode-se ampliar essas ações por meio de vários dispositivos móveis.

A partir dos estudos das necessidades informacionais da comunidade é possível montar uma estrutura de atendimento, “[...] fornecendo informação ou informações de caráter referencial, ou seja, aquela que remete às

fontes primárias” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p.88), visando soluções para os problemas do cotidiano e também auxiliar a população na utilização das informações disponíveis para que possam reivindicar seus direitos.

Em virtude do modelo de biblioteca pública tradicional com postura centralizadora e autoritária não conseguir êxito na aproximação com o público, e a expansão do serviço de extensão, a ideia de biblioteca popular considera as reais necessidades da comunidade com estrutura participativa (RABELLO, 1987).

Freire (1989, p.20) defende a biblioteca popular como espaço de convivência da comunidade e para valorizar suas tradições.

[...] biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica.

Esse conceito se aproxima da biblioteca pública com uma abertura para dinamização dos produtos e serviços visando à aproximação dos anseios do público alvo. Entretanto, essa ideia a princípio inovadora, consistiu somente em uma troca de termos. Machado (2008, p.59) defende que “[...] essas bibliotecas continuaram as mesmas, ou seja, as mudanças ficaram apenas no campo semântico e não foram suficientes para garantir a sua incorporação no campo da prática ou da ação”.

O conceito de biblioteca popular não foi internalizado pela Biblioteconomia, seguindo a mesma estrutura consagrada de biblioteca pública. “Pouca coisa foi alterada e a ideia de biblioteca popular, principalmente no Brasil, durante o período dos governos militares, caiu no esquecimento.” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p.93).

Os gêneros de bibliotecas aqui apresentadas demonstram uma gama de ideias que juntas formariam um modelo de biblioteca pública sem restrições e atuante não só na democratização do livro, mas produzindo impacto onde estão sediadas, prestando serviços de informação mais próximos da realidade do público atendido.

Dentre os tipos de biblioteca que se enquadram como alternativa pormenorizou-se a seguir as bibliotecas comunitárias, que também seguem esse perfil alternativo, porém alguns autores como Machado (2008, 2009) defendem que é um novo tipo de biblioteca, em virtude da sua implantação vir da sociedade civil. Assim, buscou-se entender como a sociedade civil tem interferido em locais onde a biblioteca pública não está presente.

3.1.1 Bibliotecas comunitárias

As relações de poder entre estado e sociedade civil compreendem conflitos de interesses, contra as relações históricas de dominação, pois traz como premissa à democracia, com concordância decisória entre os dois pilares, o estado é visto como principal provedor de serviços públicos essenciais para a população, mas com poder limitado, enquanto a sociedade civil possui direitos inalienáveis.

A sociedade civil passa a ter visibilidade e é nela que ocorrem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos e religiosos nos quais as instituições estatais devem intervir como mediadoras ou de forma direta (SANTOS, 2014). No entanto, o estado nem sempre consegue desempenhar suas funções a contento, na prática a violação de direitos é constante. As demandas sociais se multiplicam inversamente a quantidade de verbas ou recursos humanos para manter os serviços na área da educação, saúde e cultura, ocasionando disparidades sociais.

A ausência de representatividade dos segmentos sociais prolifera grupos minoritários com reivindicações de ordem prática relacionadas à moradia, saúde e educação, e outros grupos com reivindicações sobre o não reconhecimento das tradições culturais populares. O povo imbuído dessa força individual uniu-se em prol da coletividade para contestar as imposições das classes dominantes e da manipulação do capitalismo.

Mediante os problemas sociais, em diversos momentos da história mundial a sociedade civil se uniu para lutar por direitos das minorias. “Nos anos 70 e até a metade de 1980, era consensual que se deveria construir um contrapoder popular, uma força popular, independente do Estado” (GOHN, 1997, p.32).

O surgimento desses movimentos se fortaleceu e acabou demonstrando que “[...] o indivíduo pode associar-se a todos aqueles que querem a

mesma mudança, e se essa mudança for racional [...] pode multiplicar-se [...] e obter uma mudança ainda mais radical” (GRAMSCI, 1999, p.406).

Nessa circunstância, nas últimas décadas, a sociedade civil protagonizou a luta reivindicando causas sociais comuns, e isto propiciou subsídios para a articulação dos movimentos sociais no cenário mundial. A mobilização coletiva com pluralidade de interesses se consolida no Brasil nos anos 80 em meio a conflitos em defesa dos direitos humanos com a ocupação de espaços públicos para corroborar suas reivindicações por causas sociais comuns, buscando de acordo com Brito (2005, p.16):

Afirmção de direitos e exercício da cidadania para um número cada vez maior de agrupamentos humanos, construção de identidades coletivas e autoestima pessoal e social de setores e grupos historicamente discriminados ou oprimidos, intervenção nas políticas públicas, modificando ou inibindo as seculares práticas assistencialistas e clientelistas, contribuindo assim para mudanças em nível do poder local e da política tradicional.

Os movimentos sociais trazem a reflexão sobre a instituição da República sem a participação popular, lutando contra repressão imposta, “[...] ao exercício coletivo, e diferenciado das faculdades políticas do cidadão comum e a legitimidade das iniciativas populares de proposição e participação nas leis democráticas” (PAOLI, 1991, p.121).

Ao final da década de 80 com a queda do regime militar e a abertura da participação política remodelou-se a atuação da sociedade civil. A redemocratização do país teve como ponto crucial dessas mudanças a Constituição de 1988. “A aprovação da chamada “Constituição Cidadã” significou o momento de vitória de um projeto democrático de reforma do Estado brasileiro” (ALBUQUERQUE, 2006, p.12), mesmo com um cenário aparentemente democrático a sociedade civil buscou a participação além do voto.

A partir dessa constituição os movimentos sociais se adaptam ao novo momento democrático, estendendo até a década de 90 com a descaracterização da sua essência. Passa a haver uma fragmentação do que se denominou como “[...] sujeito social histórico, centrado nos setores populares, fruto de uma aliança movimento sindical + movimento popular de bairro (trabalhadores e moradores)” (GOHN, 2005, p.74).

A participação pretendida não é mais a de grupos excluídos por disfunção do sistema (comunidades) nem a de grupos excluídos pela lógica do sistema (povo marginalizado), e sim a do conjunto de indivíduos e grupos sociais, cuja diversidade de interesses e projetos integra a cidadania e disputa com igual legitimidade espaço e atendimento pelo aparelho estatal (CARVALHO, 1995, p.25).

As reivindicações transformaram-se em ações solidárias com oferecimento de serviços sem fins lucrativos por grupos organizados provenientes da sociedade civil, passando a existir um novo setor regido pelas mudanças no arranjo dos movimentos sociais e o fortalecimento da economia solidária, denominada - Terceiro Setor.

A utilização do termo Terceiro Setor está arraigada ao universo empresarial americano e consolida-se no Brasil na década de 90, mas com origem distinta do norte-americano, possuidor de forte ligação ao associativismo com conotação filantrópica e vinculado a grandes empresários. No Brasil a característica principal é a politização que confere um caráter crítico e reflexivo em relação às estruturas sociais dominantes heranças dos movimentos sociais (SANTOS, 2014).

As desigualdades sociais nessa conjuntura da economia solidária são enfrentadas por ações e projetos alicerçados no voluntariado. “Os problemas são enfrentados por práticas de ação social, que vão desde a antiga caridade ou renovada filantropia empresarial até ações de diferentes roupagens criadas pelo capitalismo para o fortalecimento do capital – em vez de sê-lo para a sociedade” (MAIA, 2014, p.51), existindo uma dualidade nessa conjuntura.

O campo das bibliotecas também internalizou a atuação da sociedade civil, as iniciativas de leitura fruto da organização de uma determinada comunidade são cada vez mais frequentes, tornando importante descrever o funcionamento dessas ações. Em virtude do número insuficiente de bibliotecas públicas e escolares as iniciativas de criação das bibliotecas comunitárias popularizaram-se.

A biblioteca comunitária traz uma pluralidade de nomenclatura e controvérsia quanto a sua definição, pois conta com acervo, serviços e público alvo semelhantes aos ofertados pelas bibliotecas públicas, e se enquadra como espaço inovador na categoria de biblioteca alternativa, suscitando questionamentos sobre

ser um novo tipo de biblioteca ou apenas uma postura diferente de interação com a sociedade.

Fazer uma retrospectiva sobre a origem das bibliotecas comunitárias consiste em uma tarefa trabalhosa, visto que o conceito de biblioteca comunitária se encontra em processo de construção e requer uma discussão aprofundada para a definição do termo, para evitar a ambiguidade que o rodeia.

De acordo com Almeida Júnior (1997b) o artigo de Carminda Ferreira (1978) foi o primeiro a mencionar biblioteca comunitária no Brasil e trouxe a proposta de um modelo de interação entre biblioteca pública dinâmica desenvolvendo trabalho em conjunto com a biblioteca escolar.

A quantidade de pesquisas sobre o tema comparado a outras temáticas estudadas na Ciência da Informação ainda é irrisória. O *site* da Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias (RBBC) em 2009 decidiu reunir todos os estudos acadêmicos sobre o tema produzidos no país disponíveis *online*, entretanto até 2011 haviam conseguido somente algo em torno de vinte artigos (MADELLA; SOUZA, 2012).

Bastos, Almeida e Romão (2011) no levantamento realizado nos periódicos nacionais de Ciência da Informação com Qualis/Capes A e B entre 2006 e 2011 foram localizados somente oito artigos sobre bibliotecas comunitárias, enquanto a mesma metodologia aplicada a outras tipologias de bibliotecas constatou a universitária com 40, a escolar com 34 e a pública com 19 publicações.

Madella e Souza (2012) também realizaram mapeamentos em 2011 da produção sobre bibliotecas comunitárias, apresentando resultados desanimadores. No levantamento na Biblioteca de Teses e Dissertações para identificar produções em nível de pós-graduação foi recuperada uma tese sobre o tema e nenhuma dissertação.

Alves, Salcedo e Correia (2017) em estudo recente realizado para mapear a produção científica sobre bibliotecas comunitárias de 1973 a 2013 detectaram o total de 38 documentos, esse número comparado às publicações sobre outros tipos de biblioteca comprova o baixo índice de produção científica sobre o assunto.

Na BRAPCI foram encontrados 28 artigos em periódicos científicos de Biblioteconomia e Ciência da Informação que vão desde 1973 a 2013. Referente aos anais do ENANCIB foram recuperadas quatro

comunicações orais datadas entre 2008 a 2012. Com relação à literatura cinzenta foram identificadas seis dissertações de mestrado e uma tese de doutorado datadas entre 1983 a 2013 (ALVES; SALCEDO; CORREIA, 2017, p.45).

O discurso efervescente na mídia sobre as ações de leitura em espaços projetados por grupos ou iniciativas individuais, está sendo ignorado pelo conhecimento científico produzido pelos pesquisadores da área, acarretando prejuízos ao crescimento e definição do conceito de biblioteca comunitária.

Coelho e Bortolin (2017) analisaram o *corpus* formado pelos artigos sobre bibliotecas comunitárias recuperados de 2003 a 2016 dos periódicos científicos Qualis A1 e B1 da Ciência da Informação, disponíveis eletronicamente, e constataram não apenas o baixo índice de publicação, mas também que:

A produção analisada demonstra a proximidade com a rotina das bibliotecas comunitárias, com recorrência de estudos sobre realização de projetos, avaliação de serviços e o processo de implantação das mesmas. Não há estudos recentes, que proponham novas definições para biblioteca comunitária e nem demonstram a necessidade de conceituá-la (COELHO; BORTOLIN, 2017, p.104).

Os estudos citados demonstram um alerta para investigação das causas desse desinteresse por parte dos pesquisadores, pois a reprodução dos mesmos conceitos e citação dos autores aclamados como Almeida Júnior (1997b) e Machado (2008) no campo de estudo, sem a composição de novos arranjos conceituais dificulta o crescimento da área.

O senso comum de que o que caracteriza uma biblioteca comunitária é ser uma iniciativa dos membros da comunidade, que tem como público-alvo a mesma comunidade que a mantém, não dá mais conta de todas as formas de ação comunitária que estão se desenvolvendo atualmente (ALMEIDA; MACHADO, 2006, p.2).

Visando a solidificação da área, o desinteresse dos pesquisadores pelo tema precisa ser analisado de forma a buscar as causas atuais para a carência de publicações, já que o uso de diversos termos como bibliotecas alternativas, populares e comunitárias, dentre outras expostas aqui foi o fator inicial para a redução na quantidade de pesquisas.

O termo biblioteca comunitária ainda não é evidente e “[...] vem sendo empregado pelo próprio poder público e também pela sociedade civil como

sinônimo de biblioteca pública ou popular o que, de modo geral, também ocorre no contexto acadêmico” (PRADO, 2009, p.2). A CI precisa internalizar o conceito das bibliotecas comunitárias alterando o paradigma de senso comum para o conhecimento científico, explicando os fenômenos vivenciados pela comunidade e subsidiando a sociedade civil para fundamentar a prática, para evitar o que Bastos (2012) define como o silenciamento das bibliotecas comunitárias nos mecanismos de busca e recuperação da informação, assim como foram feitas com tantos outros termos atribuídos a esse tipo de biblioteca ao longo da história.

Após a realização desse processo de elaboração de conceitos mais sólidos será possível apontar se as bibliotecas comunitárias são de fato um novo tipo de biblioteca ou a inovação dos serviços da biblioteca pública, para tanto se faz necessário elencar suas origens e definições.

Em outros países como “[...] Estados Unidos, Reino Unido (Inglaterra, Escócia e Irlanda) e Suécia, tem seu uso relacionado às bibliotecas públicas localizadas em comunidades periféricas dos grandes centros urbanos ou comunidades rurais” (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011, p.89).

No México essas bibliotecas também são denominadas *Bunkos*, mas possuem vínculo direto com o público infantil como afirma Ibarrola (2002, p.57, tradução nossa) “[...] constituem um espaço de leitura livre e recreativa, dirigida ao público infantil e juvenil [...] que permite as crianças relacionarem-se com os livros em um ambiente estimulante”.

Os *Bunkos* são iniciativas para levar livros aos locais de difícil acesso atendendo à solicitação de uma comunidade e em colaboração com alguma instituição dedicada ao trabalho social e educativo estabelecendo um convênio colaborativo, cabendo a comunidade oferecer o local e selecionar entre seus membros os futuros mediadores (IBARROLA, 2002, tradução nossa).

A origem das bibliotecas comunitárias está ligada a mobilização de grupos imbuídos dos fundamentos praticados pelas instituições pertencentes ao Terceiro Setor, como o voluntariado, a união da sociedade civil e a preocupação com o bem estar da coletividade, onde já existe um trabalho social realizado por meio de associação de moradores, grupos religiosos ou pessoas engajadas em ações solidárias. Machado (2009, p.91) define biblioteca comunitária como:

Projeto social que tem por objetivo, estabelecer-se como entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, a leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social.

O cunho solidário é o aspecto em destaque nessas ações, sendo criadas para atuar em locais, onde não há bibliotecas públicas ou com pouca interação desse aparato com o cotidiano das pessoas que estão ao seu entorno, para oferecer serviços de leitura que seriam de responsabilidade do poder público.

As bibliotecas comunitárias são espaços para ofertar à população a oportunidade de ter acesso aos bens culturais por meio da leitura. Entender esse poder de transformação é o primeiro passo para formar um público leitor que queira frequentar as bibliotecas, no entanto, “[...] ainda são um fenômeno em construção, pois, muitas delas ainda estão em projetos e nas mentes de pessoas que sonham com uma unidade de informação perto de sua casa” (JESUS, 2007, p.3).

A união de grupos da sociedade civil para implementar projetos de leitura em prol da coletividade se multiplicam sem a participação da esfera pública representando um “[...] movimento colaborativo de partilha e convivência entre seres plurais, de rica competência cultural e humana para o combate à exclusão informacional” (CAVALCANTE; FEITOSA, 2011, p.122).

A interação entre biblioteca e comunidade é o principal diferencial desse tipo de biblioteca. “São espaços informacionais, fruto da ação coletiva ou individual, legitimados pelos moradores a partir do diálogo, da partilha, observações, necessidades e negociações entre os envolvidos” (CAVALCANTE, 2014, p.30).

As motivações que impulsionam essas pessoas são as mais diversas tendo como objetivo planejar e executar ações que de alguma forma contribuam para amenizar as lacunas culturais e despertar o interesse pela leitura. “Como são espaços criados pela ação-comunitária voltam-se principalmente para o compartilhamento das ações culturais, o empréstimo de livros e a mediação da leitura de modo criativo e autônomo” (CAVALCANTE, 2014, p.30).

As bibliotecas comunitárias refletem os anseios de quem as criou, mas precisam considerar alguns critérios para que sejam ambientes atrativos para o público a que se destinam. Entretanto, “[...] tem-se a clareza de que as bibliotecas comunitárias não seguem um padrão único, pois atendem à demanda onde são

estabelecidas, ajustando-se conforme as necessidades locais exigidas” (MADELLA, 2010, p.55).

O acervo é o ponto de partida para a implantação de uma biblioteca comunitária, a preocupação com o que será ofertado deve estar presente durante todo o processo de formação e desenvolvimento de coleções, considerando os interesses da comunidade e o perfil dos possíveis usuários, com itens diversificados.

Assim, o acervo da biblioteca comunitária será representado pelo acervo da vida das pessoas que residem na comunidade, suas histórias, músicas, artesanato, culinária, vivências, fotografias, trabalho etc; e também pelos registros informacionais comuns às bibliotecas comunitárias, os livros (RÉMY, 2014, p.74).

O espaço deve ser agradável para que cada cidadão sinta-se como membro participante com voz ativa para manifestar suas ideias, características diagnosticadas por meio da construção do perfil do usuário, ou seja, [...] a composição de um “espelho” que leve a comunidade a se olhar e se reconhecer como frequentadores ativos desse espaço alternativo de cultura que é uma biblioteca comunitária (RÉMY, 2014, p.74).

Apenas promover o acesso não é suficiente, também é preciso criar estratégias para ir além do que é solicitado pelo público frequentador da biblioteca instigando o usuário potencial a transformar-se em usuário real, mostrando a ele a importância do pensamento reflexivo a partir das leituras.

Cavalcante (2014, p.30) sugere alguns pontos que devem ser seguidos pelas bibliotecas comunitárias para alcançar o enraizamento dessas instituições na comunidade:

Acervos atualizados constituídos por livros, revistas, folhetos, jornais, CDs, DVDs, filmes, músicas etc. Deve ser o mais variado possível para ensejar o interesse de crianças, jovens e adultos;

Acervo contendo a memória da comunidade com fotos e objetos pessoais de seus moradores, das atividades produtivas, da cultura local etc.;

Lugar agradável e amplo para a realização de encontros, cursos, reuniões e assembleias para os moradores;

Realização de atividades culturais como cursos, oficinas de leitura, contação de história, rodas de poesia, exibição de filmes, gincanas etc.;

Realização de cursos de capacitação profissional, palestras e outras possibilidades para estimular a economia solidária e a agricultura familiar. Por exemplo: computadores com acesso à internet para pesquisa, realização de trabalhos escolares, busca de informações para solucionar problemas cotidianos etc.

Após essa identificação inicial é necessário manter a biblioteca dinâmica e frequentada, para que esta se diferencie das outras tantas existentes, e se constituam em um novo tipo de biblioteca. Almeida Júnior (1997, p.107b) conclui em seus estudos que a biblioteca comunitária não é um novo tipo de biblioteca e aponta o uso do adjetivo comunitário utilizado para desvencilhar a ideia de biblioteca como instituição formal.

O adjetivo comunitário estaria sendo empregado com o intuito de destacar essa proposta de outras tantas existentes, tornando-a mais atraente, inclusive para a sociedade que, em função dessa nova designação, pode imaginá-la tratando-se de uma instituição diferente da biblioteca pública sobre a qual já possui um estereótipo formado. Assim a biblioteca comunitária passaria para a sociedade, por uma nova entidade, não carregando preconceitos e idéias preconcebidas que prejudicariam sua atuação.

No entanto, a biblioteca comunitária aqui pensada mediante sua origem representa sim um novo tipo de biblioteca, pois particulariza um segmento social quando é implantada aos moldes de uma comunidade de usuários específica, considerando como critério de diferenciação o público a que se destina seu atendimento e sua origem não estatal e comunitária.

Machado (2008, p.64) em sua tese de doutorado apresenta um quadro comparativo entre as bibliotecas públicas e comunitárias, reproduzido aqui na íntegra (Quadro 1), no qual demonstra as inúmeras características que diferenciam os dois tipos de biblioteca.

Quadro 1 – Quadro comparativo entre bibliotecas públicas e bibliotecas comunitárias

Características	Bibliotecas Públicas	Bibliotecas Comunitárias
Fundamentação	Projeto técnico	Projeto político social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgãos públicos e privados
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima – Flexível
Equipe Interna – Constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independentemente do seu vínculo local	Membros da comunidade.
Equipe interna - Postura	Dependência	Autonomia

Fonte: Machado (2008, p.64).

Como abordado no Quadro 1 a fundamentação têm características dissonantes (técnico e político). As duas bibliotecas partem de projetos, porém a biblioteca comunitária exige um trabalho social antes da implantação para que a ideia de um espaço destinado a leitura seja aceita e a biblioteca pública com origens estatais. “Não é fácil atrair a comunidade para a biblioteca apenas criando-a. É preciso criá-la nos moldes da comunidade, caso contrário sua criação será inútil, e a biblioteca se transformará num grande ‘elefante branco’ ” (GUARNIERI, 1978, p. 293).

Para que a biblioteca comunitária passe a existir é necessário a disposição de alguém ou de uma comissão de moradores para reunir acervo e local para instalar a biblioteca, enquanto a pública exige para sua implantação uma formalidade burocrática como a fundamentação em um projeto técnico elaborado por profissionais que entendem dos produtos e serviços necessários para o funcionamento da biblioteca, mas que desconhecem as problemáticas do local que a receberá.

A criação das bibliotecas comunitárias constrói uma ligação mais forte entre proponentes e receptores, o caráter de bem comum é legitimado pelos membros e não pode ser uma instituição imposta, pois elas correm o risco de serem rejeitadas tornando-se instituições sem uso. Em contraponto às bibliotecas públicas,

que são instituídas e financiadas pelas esferas municipais, estaduais e federais com legislação específica para oferecer serviços gratuitos (UNESCO, 1994).

É necessário entender a relevância das bibliotecas criadas por membros da comunidade para que o sentimento de pertencimento se desenvolva naqueles que por muito tempo estiveram à margem dos espaços ligados a erudição. As bibliotecas comunitárias possuem um índice de aceitação maior, pois surgem de uma demanda dos próprios moradores para sanar barreiras que os impedem de frequentar as públicas que estão geralmente localizadas em pontos centrais das cidades, dificultando o acesso tanto em virtude das distâncias geográficas quanto do sentimento de exclusão vivenciado por essas pessoas moradoras de bairros periféricos, por esse motivo muitas das bibliotecas comunitárias encontram-se situadas em locais de vulnerabilidade social e econômica.

O conhecimento da problemática local pelos moradores facilita a ação pontual para saná-la, pois se o espaço estiver fechado para a comunidade deixa de ser comunitário e torna-se uma biblioteca privada com um único dono, gerindo-a conforme seus interesses (PRADO, 2010). Para garantir a participação dos usuários é necessário desenvolver um trabalho que seja incorporado a rotina da comunidade causando impacto positivo.

O Quadro 1 evidencia a estrutura como principal ponto discordante, apesar de ofertar os mesmos produtos e serviços da biblioteca pública, bem como atender a usuários independente de idade, classe social, ou nível de conhecimento as bibliotecas comunitárias conservam uma característica própria quanto a sua implantação, ocupando espaços em que a pública não está representada ou tem pouca atuação.

A hierarquia nas bibliotecas comunitárias é outro ponto que as difere das públicas, como “[...] surgiram do simples desejo de uma pessoa comum, abrir sua casa, ou biblioteca particular para a comunidade. De uma maneira voluntária e seguindo princípios filantrópicos [...]” (MACHADO, 2008, p.98), não possuem estrutura formal com cargos definidos e dependência estrutural de organizações.

As bibliotecas públicas estão sujeitas a uma série de dispositivos legais, além da legislação específica concernente a elas. Esses dispositivos podem incluir leis sobre administração financeira, proteção de dados, saúde, segurança e condições de trabalho do pessoal, e muitos outros exemplos (KOONTZ; GUBBIN, 2012, p.29).

As bibliotecas públicas para existirem estão subordinadas a legislação própria do país que estão localizadas, definindo as instâncias as quais estão vinculadas, a origem dos recursos orçamentários. O vínculo da biblioteca representado pela hierarquia a qual pertence, tem na biblioteca pública uma instituição governamental enquanto a biblioteca comunitária pode ser fruto de ação social tanto coletiva quanto individual, mas não subordinada ao poder público. “Percebe-se que tanto os recursos dos órgãos públicos quanto os das organizações privadas não bastam para implementação das bibliotecas comunitárias, pois se demonstra necessária a articulação e ação dos seus líderes e da comunidade” (SILVA, 2014, p.50).

As pessoas envolvidas nesses projetos possuem as mais diversas profissões e muitas vezes somente com nível fundamental de escolaridade, a constituição da equipe técnica nem sempre conta com o auxílio de um profissional que entenda do processamento técnico dos livros, da rotina de uma biblioteca ou das práticas de leitura como bibliotecários, pedagogos, arte educadores, dentre outros, estão munidos somente com o propósito de desempenhar um trabalho social na comunidade em que residem. Como descreve Machado (2008, p.98) sobre a identificação desses atores na pesquisa realizada para a sua tese de doutorado:

São professores, estudantes, pescadores, pedreiros, borracheiros, açougueiros, catadores de lixo, enfim, cidadãos comuns, solidários, que assumem para si a responsabilidade de compartilhar aquilo que têm ou que aprenderam em suas vidas.

A capacitação dos agentes de forma contínua oportuniza aos envolvidos na gestão e no atendimento ao público, conhecimentos técnicos e o desenvolvimento de habilidades, para que esses espaços desempenhem seus trabalhos cientes do seu papel transformador, pois muitas vezes é o único meio de contato do público atendido com outras realidades. Gorosito López (2003, p.38, tradução nossa) recomenda “[...] o desenvolvimento de duas oficinas, uma de natureza técnica e organizacional, e uma segunda instância de formação permanente em que diferentes tópicos são analisados, abertos a outros atores sociais”.

Mediante essas comparações a biblioteca comunitária possui maior autonomia sobre suas ações. É importante ressaltar que apesar da biblioteca

comunitária não possuir vínculo formal com o poder público as parcerias podem ser celebradas, bem como com o setor privado.

A gestão ocorre de modo dinâmico, mediante trabalho voluntário e ação participativa. Seus acervos são constituídos, na maioria das vezes, de doações, assim como o mobiliário, o prédio e os recursos para a realização das atividades (CAVALCANTE, 2014, p.30).

As bibliotecas comunitárias podem ser consideradas do Terceiro Setor após sua institucionalização como pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos. Ao se enquadrarem em algum dos modelos de entidade da sociedade civil, não abandonando sua função social, se qualificam para receber recursos financeiros, por meio de uma política de gestão participativa entre o poder público e sociedade civil.

Rabello (1987) critica a intromissão das comunidades carentes nesse aspecto, pois se as classes menos favorecidas assumirem essa obrigação o Estado se sentirá desobrigado e continuará com seu atendimento somente à elite representada pela classe média privilegiada. É necessário que a sociedade civil se manifeste com ações propositivas e imediatas, mas também cobre do poder público, as condições para manter o funcionamento desses aparatos informacionais e culturais e a ampliação da quantidade com qualidade. Os limites entre a atuação do poder público e da sociedade civil devem ser respeitados, pois o Estado tem deveres a cumprir para alcançar a igualdade de acesso. De acordo com Madella e Souza (2012, p.176) as bibliotecas comunitárias são o início para a implantação de uma biblioteca pública:

Elas existem apenas como uma etapa transitória do avanço da sociedade em torno da conquista definitiva da biblioteca pública. Assim, biblioteca pública e biblioteca comunitária, são duas faces da mesma moeda que constituiria o acesso público à leitura e aos demais serviços desse tipo de organização para toda a população.

Entretanto, mesmo com as exigências formais quanto a sua organização a biblioteca comunitária não pode perder de vista a responsabilidade social. O fomento a leitura precisa estar presente nos objetivos desse tipo de biblioteca, pois somente disponibilizar o espaço não é o suficiente. A mediação da leitura em todos os gêneros de biblioteca é um forte elemento para que o leitor não

experiente compreenda a mensagem proposta pelo autor e se sinta à vontade para elaborar suas conclusões.

4 LEITURA

A leitura é o caminho primordial para o exercício da cidadania, uma vez que representa “[...] um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público” (ZILBERMAN; SILVA, 2005a, p.112-113).

Neste sentido, a leitura torna-se um instrumento fundamental para a promoção da interação dos indivíduos com o meio social, porque favorece o diálogo, a veiculação das ideias, e a construção do ser individual e social por significar um questionamento do mundo para o indivíduo e para si mesmo, onde repostas podem ser encontradas e informações acrescentadas para integrar o que já se é. (FOUCAMBERT, 1994).

O ato de ler constitui um elemento presente nas ações cotidianas das pessoas de forma espontânea, independente da sua inserção na educação formal, aplicada tanto a aprendizagem quanto ao entretenimento. “A leitura em uma sociedade letrada como a nossa, desempenha papel fundamental na aquisição e ampliação do saber, construído social e historicamente, e armazenado, em sua maioria, por meio de textos escritos” (TEIXEIRA, 2008, p.177).

A escrita e a leitura são processos que mantêm uma relação de dependência na qual para ser alfabetizado e ter domínio da segunda é preciso estar familiarizado com a primeira. O ensino dos códigos escritos por muito tempo foi negado a grande parte da população, tornando – se popular somente nos três últimos séculos.

De lá para cá, vivemos numa sociedade que, paulatinamente, utiliza a leitura como um dos principais balizadores a incorporar o indivíduo à prática social, à cidadania. Para tornar-se cidadão, o indivíduo deve dominar a linguagem urbana e, nesse contexto, a leitura é uma das linguagens necessárias (SILVA, 2006b, p.34).

A leitura é a decodificação do sentido proposto no texto lido independentemente da forma que se apresentam, e “[...] propicia a obtenção de informações em relação a qualquer contexto e área do conhecimento, assim como pode constituir-se em fonte de entretenimento” (STOCKER, 2011, p.53). Martins (1985, p.30) define a leitura como:

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

No entanto, esse procedimento que ao primeiro olhar, parece simples, torna-se trabalhoso na prática. “Essa extração passa necessariamente por dois níveis: o nível das letras e palavras, que estão na superfície do texto, e o nível do significado, que é o conteúdo do texto” (COSSON, 2016, p.39). Podendo ocorrer tanto em textos escritos, orais ou a leitura de mundo, pois a leitura vai além da linguagem escrita aprendida na alfabetização.

Ler é dar sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido [...]. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário (GOULEMOT, 1996, p.108).

Entretanto, para que o texto lido seja assimilado é preciso ir além da junção de letras para formar palavras. A formação de frases não é o suficiente para entender o que está sendo transmitido no suporte de leitura, a reflexão a partir dos conhecimentos prévios adquiridos nas vivências diárias leva a formulação de ideias que podem tanto coincidir com a intenção do autor como podem divergir completamente.

O leitor conquistou autonomia para emitir suas próprias conclusões, iniciando a produção de sentido. A partir dessa mudança de postura o livro não é mais considerado verdade absoluta e pode ser contestado. O texto independentemente de qual formato se apresente ele tem um contexto que será entendido baseado nos conhecimentos prévios sobre o assunto.

Paulo Freire (1989) no livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, pois antes de conhecer a estrutura formal da leitura e da escrita, e de ser alfabetizado é necessário compreender a estrutura que o mesmo está inserido e formular suas questões para posteriormente entender o que foi lido.

O domínio sobre a decodificação dos signos não é o suficiente para ser um leitor, a produção de sentido é primordial para entender sobre o que o texto trata e compreender a mensagem. De acordo com Marcushi (1999) o contato com o texto escrito ou oral confronta as estruturas de conhecimento provocando construções, reconstruções, criações e recriações com as informações textuais ocorrendo uma integração ativa entre conhecimentos prévios e textuais gerando uma dada interpretação, demonstrando que as interpretações não são pura e simplesmente transportadas para a mente do leitor ou ouvinte.

Esse modo de entender a leitura é possível a partir dos diversos tipos de habilidades como o domínio do idioma, da estrutura linguística, da semântica, e a visão de mundo. O leitor interage com a leitura, não considerando o que se afirma no texto como verdade ou como criação original, mas sim como produto (BRITTO, 2006), ponderando as ideias explícitas e implícitas propostas pelo autor, “[...] o leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões” (KLEIMAN, 1999, p.65).

A compreensão do sentido ocorre quando as habilidades em conjunto com os conhecimentos necessários e previamente adquiridos trabalham para questionar os pressupostos do autor presentes no texto e inicia-se o processo de assimilação. Essa relação desenvolvida entre leitor e autor não é pacífica, pode haver divergências quanto ao tema desenvolvido, portanto ler um texto é abandonar conceitos prévios e inalteráveis, e crenças imutáveis para não dificultar a compreensão quando não correspondem ao que o autor veicula. Caso contrário o leitor não conseguirá formular seu quadro referencial por meio das pistas formais (KLEIMAN, 1999).

A recepção dos pressupostos vinculados pelo autor será validada pelo leitor a partir da percepção deste sobre a composição do texto e o contexto em que foi escrito, adotando um posicionamento político, pois “[...] quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada (ORLANDI, 1999, p.59), desenvolvendo assim, a consciência desse ato para uma leitura independente.

Os múltiplos significados presentes nos textos apenas serão desvendados se o leitor desenvolver a leitura de forma crítica, tendo como requisito a reconstrução de uma argumentação, recontando com suas próprias palavras as intenções presentes no texto. Yepes (2015, p.15, tradução nossa) considera a leitura crítica como: “[...] a capacidade de conhecer e discernir a verdade do texto, suas analogias, é a correta interpretação e crítica das fontes, em resumo, é o ato intelectual que permite a interpretação correta do que foi lido [...]”.

Dessa forma entende-se por leitor crítico “[...] aquele que tem competência para ler e compreender uma obra estética e tematicamente bem elaborada, seja de seu momento histórico, seja de períodos passados” (CARVALHO, 2001, p.55). É essencial para tornar-se leitor o domínio das estruturas gramaticais para apropriar-se da palavra escrita e o senso crítico para aplicar o que foi lido na geração de conhecimento. Foucambert (1994, p.30) explica que:

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu.

O domínio da leitura permite ao leitor assimilar tanto a palavra escrita quanto a visão de mundo e formular suas próprias considerações. Isso pode ser percebido no seu posicionamento crítico mediante as ideias impostas e ao que é oferecido como verdade. Quando o sujeito excluído desse meio toma consciência desse processo ocorrem as transformações. “As leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito” (PETIT, 2009, p.32).

Portanto a leitura considerada como privilégio deve ser contestada, tornando-se na prática um direito universal e inalienável de todos, “[...] e não apenas para aqueles que almejam participar da produção cultural mais sofisticada, dos requintes da ciência e da técnica, da filosofia e da arte literária” (LAJOLO, 2004, p.106).

A leitura deve ser tratada como direito fundamental, assim como está garantida na Declaração dos Direitos Humanos o acesso igualitário a Educação e na Constituição Federal de 1988 o acesso à Informação. “Portanto, se o livro, através da leitura, difunde a cultura, o conhecimento, promove pesquisa, gera transformação social e oferta melhor qualidade de vida, logo, a leitura é uma prática que promove os ideais dos direitos humanos” (MEDEIROS; SANTOS; BONFIM, 2016, p.21). Entender a leitura dessa forma requer uma estrutura social que ainda precisa ser conquistada para que o cidadão tenha consciência da sua função dentro da sociedade e exija estar inserido na cultura letrada.

A exaltação da leitura como libertadora e prazerosa é criticada em virtude da relação histórica de restrições impostas às classes populares pelas classes dominantes. “A própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela” (LAJOLO, 2004, p.106). Nem sempre o texto lido contribui para produzir conhecimento, muitas vezes somente reforça a aceitação de uma ideia exposta como verdade sem questionamentos ou propagação de uma ideologia (BRITTO, 2003).

O mito que esse comportamento é sempre positivo independente das condições que ocorre, tornou-se consenso nos estudos sobre leitura demonstrando o romantismo atribuído ao ato de ler considerado algo libertador. Essa postura “[...] tem como resultado a legitimação de chavões falseadores da realidade e a valorização de práticas e valores que em nada contribuem para a democratização do poder” (BRITTO, 2003, p. 114).

O mecanicismo na formação de leitores é reforçado ao decifrar letras e palavras descontextualizadas e a repetição oral sem a reflexão do conteúdo lido. “Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura e seu papel na vida do indivíduo e na sociedade” (MARTINS, 1985, p.23). Essa prática reflete em adultos afastados da leitura ou com dificuldades de assimilação.

Se o que se quer é valorizar a leitura como um bem público, como possibilidade de cidadania, tem-se que abandonar visões ingênuas de leitura, fortemente ideológicas, e investir no conhecimento objetivo das práticas de leitura e num movimento pelo direito de poder ler. O

excluído da leitura não é o sujeito que sabe ler e que não gosta de romance, mas o mesmo sujeito que no Brasil de hoje, não tem terra, não tem emprego, não tem habitação. A questão do letramento na sociedade contemporânea é uma questão político-social e não de gosto ou prazer! (BRITTO, 2003, p. 114).

Mesmo com a exposição diária ao ato de ler, a leitura não é um hábito comum e prazeroso para boa parte da população, pois envolve sequência encadeada de informações, para que o leitor estabeleça reflexões e relações para a construção de conhecimento. Os textos literários podem ser utilizados para transpor essa barreira estimulando a leitura crítica e proporcionando ao leitor desenvolver a imaginação, inserindo-se na trama que envolve os personagens.

Os textos literários passam a constituir cenários com os quais se pode refletir sobre o que somos, sobre o que são os outros, como podemos melhorar nosso vir-a-ser no mundo, como podemos transformar o mundo a partir de mudanças em nosso entorno (RÓSING, 2009, p.136).

O texto literário desloca o leitor para um ambiente fictício, no entanto, é importante desmistificar a literatura como fantasiosa e distante da realidade do leitor, pois reproduz uma época, uma sociedade e sua história, dialoga com a contemporaneidade. “Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor como vivência, marcos da história de leitura de cada um.” (LAJOLO, 2001, p.45).

Definir a literatura torna-se tarefa árdua até mesmo para pesquisadores mais experientes em decorrência dos aspectos que a envolvem. Carvalho (2001) faz uma análise da literatura nas concepções sociológica, histórica, filosófica, psicológica, artística, linguística e pedagógica buscando essa definição da literatura.

Na perspectiva histórica é “[...] um modo de apreensão da realidade de uma determinada sociedade, de forma a revelar as diferentes formas de vida de uma cultura ao longo das décadas e dos séculos” (CARVALHO, 2001, p.56), demonstrando a sua importância para recontar mesmo que o enredo seja ficcional apresenta elementos de uma época que o leitor não viveu.

Para a filosofia a literatura é tratada como arte representativa da constituição existencial do homem, considerando a organização social e a

historicidade indo além dos fatos históricos representados, mas buscando analisar a essência mais profunda contidas nos personagens. Essa visão é semelhante a da psicologia, especificamente pela psicanálise tratando das atitudes, discursos e suas representações sociais para revelar a mente humana por trás dos personagens (CARVALHO, 2001). Continuando sua busca conceitual a autora explica as concepções das artes e da linguística que tem a expressão verbal como base para seus estudos.

Na concepção das Artes, a literatura é uma modalidade artística, dentre tantas outras, que se vale de uma linguagem específica, a verbal, como forma de exprimir o processo do ato criador [...]. A linguística concebe a literatura enquanto função poética, priorizando a linguagem e a constituição verbal do texto literário (CARVALHO, 2001, p.57).

A concepção pedagógica trabalha a literatura “[...] como um dos meios de conhecer a organização do discurso literário e como um dos objetos necessários para o aprendizado da leitura das diferentes formas de expressão” (CARVALHO, 2001, p.58). Nessas concepções é possível afirmar a riqueza da abrangência que a literatura alcança e trabalhadas em conjuntos pode gerar um leitor “completo” capaz de avaliar todos esses critérios para a produção de sentido.

De forma ilustrativa a literatura pode também criticar quebrando paradigmas e relações sociais de poder. A leitura literária demonstra aspectos sociais complexos e diversos, estimulando o respeito, eliminando a barreira de tempo e espaço, mostrando povos e culturas, nos tornando menos presunçosos quanto as diferenças, aguçando o senso de igualdade e justiça social condição essencial para a democracia cultural (SOARES, 2008).

A literatura como instrumento de intelectualidade atribuindo status de superioridade para separar as pessoas passou a ser questionada. “Uma definição de Literatura como fonte de humanização não se sustenta diante do fato de que há gente muito boa que nunca leu um livro e gente péssima que vive de livro na mão” (ABREU, 2006, p.83). Da mesma forma os clássicos não podem ser tratados com supremacia do popular.

O lúdico presente nesse gênero pode ser trabalhado com o objetivo de produção de sentido, baseado nas representações propostas. “Assim, o destinatário sempre é chamado a participar da constituição do texto literário, e a

cada participação, em que ele contribui com sua imaginação e experiência, novas reações são esperadas” (ZILBERMAN, 2005b, p.83).

Assim, as leituras literárias proporcionam, ao mesmo tempo prazer e conhecimento, além de contribuir para formação do gosto do leitor. O aprendiz experimenta a aventura de preencher os vazios literários, num texto polifônico e democrático, para poder arriscar-se a uma participação efetiva no mundo da vida (FERNANDES, 2013, p.31).

A leitura é um processo subjetivo, mas não pode ser desvinculada da realidade do leitor, pois a disponibilidade dos suportes impressos ou digitais não é o suficiente para que o leitor entenda a mensagem ou desenvolva o gosto pela leitura, portanto é necessária a mediação.

Os recursos utilizados nos textos literários para subverter a realidade produzem uma polissemia exigindo um mediador com domínio dos aspectos que levem o leitor a imergir e conduzi-lo a formular sentidos.

4.1 A Mediação da Leitura

A mediação tem sua definição mais comum como interferência para resolver um conflito, conceito que engloba a etimologia da palavra predominando o sentido jurídico de pacificação. Malheiro e Ribeiro (2011, p. 156) conceituam mediação como “[...] instância articuladora entre diferentes partes sempre em determinadas situações e contextos”.

Ao pensar a mediação no sentido de interação entre polos, é um processo natural para o ser humano o ato de aproximação entre algo desconhecido a alguém partindo de um sujeito mais experiente, “[...] em sua relação com o mundo, mediado por instrumentos de sua cultura – signo, palavra, símbolo. O conhecimento é, portanto, uma produção cultural, diretamente relacionada com a linguagem e a interação social” (VARELA, 2007, p.124)

As mediações simbólicas são as primeiras interações para que o ser humano conheça o mundo, podendo ocorrer nos mais diversos ambientes de forma intencional ou não intencional, “Desde o seu nascimento, o processo de desenvolvimento e formação do ser humano (pertencente ao gênero humano) é ‘mediado’ pelas relações estabelecidas entre os outros seres humanos e o novo ser humano” (RABONI; PONCE, 2017, p.89).

Para explicar a origem da mediação como campo de estudo é necessário recorrer a duas correntes filosóficas: a primeira “[...] vertente filosófica idealista alemã de origem cristã que, ligada à herança teológica, assinalava a mediação do Cristo entre Deus e o mundo e a mediação dos santos entre Deus e os pecadores” (MARTINS, 2014, p.166); e a segunda hegeliana de tradição marxista “[...] numa preocupação específica de explicar os vínculos dialéticos entre categorias separadas” (SIGNATES, 1998, p.38), as duas correntes apresentam o sentido primitivo da palavra de intervenção de um terceiro ator para a aproximação de múltiplos pontos.

Entretanto, o termo mediação não tem uma definição nítida, sendo polissêmico e variante de acordo com a aplicação. Davallon (2003, tradução nossa) relata os usos recorrentes do conceito de mediação na Comunicação e na Ciência da Informação, e aponta a presença da definição consagrada tanto pelo senso comum quanto científico que pressupõe a existência de um conflito, a ideia de conciliação ou reconciliação e a figura de um intermediário; e o uso operacional utilizado para um processo específico variando de acordo com sua aplicação e área de estudo, como a mediação midiática, cultural, pedagógica, dos saberes e a institucional.

A Comunicação popularizou a mediação relacionando-a aos meios de comunicação de massa, para melhorar o entendimento garantindo a fluidez da mensagem entre emissor e receptor. Jesús Martín-Barbero na sua obra intitulada *Dos Meios as mediações: comunicação cultura e hegemonia*, publicado em 1997 aborda as interações sociais que ocorrem por meio da mediação na comunicação, porém não apresenta uma definição.

A mediação também foi utilizada na Ciência da Informação, mas no sentido de aproximar fonte de informação e usuário. As instituições que têm como objeto de trabalho os suportes informacionais como bibliotecas, arquivos e museus realizam a mediação ao disponibilizar o acesso de forma consciente buscando conforme Araújo (2012, p.13): “[...] promover o contato entre aquilo que está/estaria separado (as pessoas dos registros de conhecimento), buscam otimizar a maneira como os seres humanos se relacionam com esses registros (produzindo-os e os utilizando)”.

O Brasil é pioneiro nos estudos da mediação na CI, entretanto, o debate sobre esse tema necessita ser ampliado em âmbito mundial para a elaboração de paradigmas epistemológicos que sustentem seu uso nos estudos da área. A elaboração de um conceito por uma área do conhecimento requer aprofundamento teórico de investigação sistemática e crítica para entender como funciona tanto na teoria quanto na prática o processo estudado.

Malheiro e Ribeiro (2011) após consulta a obras de referência da Ciência da Informação de países como França, Espanha, Portugal e Brasil sobre o conceito de mediação adotado pela área constataram que não há um consenso por parte dos teóricos da área; e quando empregado consiste em reprodução de fontes como Martín-Barbero.

E, por apropriação crítica, queremos significar uma adequação do conceito aos problemas e aos casos específicos do nosso campo de estudo, o que implica sempre, especialmente quando aproveitamos ou importamos um conceito operatório surgido e desenvolvido por outra(s) disciplinas, um exercício de crítica e de integração instrumental no quadro teórico-metodológico que nos é próprio (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011, p.155).

Nesse sentido, o conceito de mediação na CI importado da Comunicação não passou por essa análise e “[...] ainda é um conceito embrionário e premente de uma construção de sentidos mais sólida, haja vista que importa o sentido jurídico e mais recentemente o sentido da mediação cultural” (SILVA; GOMES, 2013, p.38).

Em decorrência das mudanças na atuação das instituições como bibliotecas, arquivos e museus de guardiãs para disseminadoras dos suportes informacionais, a mediação na CI passou por mudanças de paradigmas sendo classificada em duas fases, inicialmente a custodial abordando a aplicação retrospectiva em espaços institucionais que priorizavam preservação com restrições ao acesso e a pós-custodial e informacional focada na disseminação dos acervos (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011).

As mudanças decorrentes das tecnologias de informação apresentam várias formas de mediar, indo além da presencial. “Em tempo de transição vertiginosa e não menos paradoxal, [...] vai ficando claro que a linearidade contida na mediação custodial está a ser substituída pela complexidade e pela

variedade quando falamos de mediação pós-custodial” (MALHEIRO; RIBEIRO, 2011, p.173).

A mediação é vista como aproximação entre dois pontos, no entanto, Jeanneret (2009) adverte para que a comunidade científica se cerque de cuidados para não tratar esse processo como unilateral, exaltando a superioridade do mediador em detrimento da capacidade de quem irá receber, pois só haverá consolidação dessa aproximação se houver o receptor.

Almeida Júnior (2009, p.92) trata a questão da interação em relação a mediação da informação ao afirmar que na CI os profissionais fazem alusão a imagem de uma ponte e discorda dessa metáfora:

A imagem da ponte parece-nos inapropriada, em especial porque apresenta a idéia de algo estático, que leva alguma coisa de um ponto a outro ponto, sendo estes predeterminados e fixos, e sem interferir no trajeto, no modo de caminhar e no final do percurso.

Tanto o mediador quanto o mediando tem papel fundamental nessa interação, tornando-se um processo dialógico. “Ainda que na ação mediadora estejam envolvidos sujeitos cujo grau de clareza acerca do processo limite essa compreensão e também o sucesso da ação, a dialogia sempre estará presente” (GOMES, 2014, p.48). Essa troca decorrente da mediação não é estática e nem controlável, mas implica em transformação de pontos de vista.

Almeida Júnior e Bortolin (2008, p.72) defendem a mediação “[...] como uma ação que deve ser realizada no sentido de somar e não de enfraquecer, pois ser dependente é ser subordinado [...] a proposta vai no sentido oposto, que ocorra uma troca, uma ampliação na forma de ver/ler o mundo”.

A ação dialógica entre leitor e autor ocorre espontaneamente, entretanto, mesmo com a exposição constante aos escritos a apropriação da leitura não transcorre de forma natural, é necessária a intervenção para “[...] fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores” (BARROS, 2006, p.17), ocorrendo assim à mediação da leitura definida por Almeida Júnior e Bortolin (2008, p.77) como:

Ação de interferência – realizada por um mediador que pode ser definido como uma pessoa que tem a responsabilidade de acompanhar um leitor durante a sua formação ou mesmo depois de formado (na medida em que a formação é contínua) quando em dúvida ou desencorajado, solicita uma sugestão.

A aproximação entre a leitura e o leitor requer a intervenção de um agente com domínio das estratégias de leitura para facilitar o entendimento da mensagem e a assimilação do que foi lido para desenvolver o pensamento crítico. Motoyama, Santos e Silva (2017, p.28) esclarecem que a mediação “[...] não apenas aproxima os objetivos como também os transforma internamente, no caso dos seres humanos, a mediação muda não apenas os comportamentos externos como também interfere nos modos de conceber a atividade psíquica”.

O conjunto de ações de interação entre sujeito, objeto da aprendizagem e outros envolvidos e o meio onde a experiência ocorre é definido como mediação é um elemento essencial para o desenvolvimento intelectual. (VYGOTSKY, 1998 apud GOMES, 2014).

O mediador, diante do aprendiz que culturalmente se apropria dos modos de ler, ensina como lidar com os conhecimentos já organizados para levá-los ao texto durante a ação de ler e, simultaneamente, ensina a imprescindível ação intelectual de aprender a fazer perguntas, a responder ao texto e a procurar nele as respostas às perguntas formuladas (ARENA, 2011, p.16).

Conforme explica Almeida (2012, p.7) “[...] o processo de mediação está no mesmo nível do processo cognitivo, pois quando alcançamos o estágio da mediação produzimos conhecimento e se oferecemos tal possibilidade a outrem, da mesma forma oportunizamos a criação de conhecimento”.

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2015) aponta a mediação como um dos principais fatores para construção das práticas leitoras, por afirmar que a leitura é muito influenciada por terceiros e mais especificamente pelos pais. Sendo que aqueles que obtiverem contato com a leitura por meio da mediação de outras pessoas estão propensos a promover essa experiência e também serem mediadores para outras pessoas com que se relacionam.

A leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina, é o que demonstram vários estudos. Estes revelam que a transmissão no seio da família permanece a mais freqüente. Na maioria das vezes, tornamo-nos leitores porque vimos nossa mãe ou nosso pai mergulhado nos livros quando éramos pequenos, porque os ouvimos ler histórias ou porque as obras que tínhamos em casa eram tema de conversa (PETIT, 2009, p.22).

Quem recebe a mediação se sente capaz de reproduzir o mesmo gesto adiante, seja com a leitura em voz alta para aquele com dificuldade na junção das palavras, a indicação de um livro ou até mesmo servir de exemplo motivando outras pessoas a despertar o interesse por frequentar espaços de fomento a leitura. Pensar em estimular a formação de leitores pressupõe que os envolvidos na realização das atividades tenham consciência do significado do ato de mediar.

Portanto o primeiro requisito essencial para o mediador é o gosto pela leitura, pois “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2009, p. 145). A mediação pode ser exercida “[...] por diferentes indivíduos, independente do sexo, da idade e da classe social; em diferentes espaços e em diferentes situações e com diferentes gêneros de textos” (BORTOLIN, 2006, p.67).

O mediador é o responsável por elaborar estratégias para o melhor aproveitamento do texto, preocupando-se com a escolha do que será lido, quais autores e temas são pertinentes, em geral com ações que façam o receptor da mediação sentir-se importante e atuante na sociedade, tornando-se agente efetivo da cultura por meio da leitura, ou seja, “[...] é aquele que se posiciona de maneira intencional e medeia algo ou alguma coisa para alguém, com o intuito de modificar a situação ou solucionar problemas” (BORTOLIN; SANTOS NETO, 2015, p.39).

A mediação exige daqueles que conduzem o processo uma “[...] postura democrática sem impor suas idéias/ de modo a conduzir o trabalho conjunto em relação dialógica – penetrar no universo do saber compartilhado pelas crianças e adultos/ de modo a dialogar e trocar experiências” (CABRAL, 1998, p.27).

A priori a mediação da leitura deveria ser iniciada na família e sequenciada na escola e na biblioteca, mas, não é conduzida desta forma. “Se a família não tem condições (econômicas e culturais) de cumprir a tarefa de mediar a leitura, as escolas, de maneira precária ou de forma enriquecida, tentam fazer esta mediação” (SILVA; BORTOLIN, 2006a, p.15), em parceria com as bibliotecas.

O fomento a leitura não depende somente do leitor, mas também do modelo de formação educacional, da atuação das bibliotecas e do incentivo dos membros da família, principalmente para crianças e adolescentes porque estão em fase de formação de personalidade e caráter. “Se a infância é o tempo das leituras em voz alta, a adolescência é a de divisões mais secretas, cenas de leitura solitária,

às escondidas, que inauguram as transgressões emancipatórias. Cada um se procura, procurando "seu" livro" (CHARTIER, 2003, p.37). Como alerta Bortolin (2013, p.426):

[...] o indivíduo não nasce sabendo e aprenderá no decorrer da vida com os diferentes mediadores, entre eles o mediador de textos de literatura; que necessita deixar de ser mero promotor da recepção, sendo **modelo** cotidiano para os seus mediandos. Lembro que **ser modelo** não é ler quantitativamente. Ser **modelo** é ser respeitoso, sem ser hipócrita (tudo é belo e tudo é bom). É ser orientador, sem ser autoritário e assim por diante.

Freire (1989, p.16) destaca que “[...] temos que respeitar os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam – estão tendo sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome de sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade”, o que se aplica a mediação da leitura.

O mediador precisa estar aberto a ouvir quem está recebendo a mediação sem julgar como incorreta as opiniões ou impor suas ideias, pois “[...] se há ouvidos diferentes em cada homem, há que pensar nos efeitos que o dizer/grafar tem sobre os sujeitos, isto é, como se dá a recepção por parte do ouvinte/leitor [...]” (YUNES, 2002, p.20, grifo da autora).

É preciso um cenário com diferentes recursos que possibilitem o contato de forma estimulante com a leitura, não só para os leitores em formação, mas também incluir aqueles afastados da educação formal e a biblioteca têm função primordial na garantia de acesso à leitura, pois “[...] uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 1995, p.191).

Nas bibliotecas comunitárias a mediação da leitura é realizada principalmente para que os usuários se tornem sujeitos formadores de opiniões, participantes no meio em que vivem e principalmente colaborar na conscientização de que a leitura é essencial para o fortalecimento da cidadania.

A mediação ganha destaque por possibilitar a apropriação de forma mais substancial da leitura para tanto, o mediador precisa estar ciente de tudo o que ocorre em seu ambiente interno e externo da biblioteca visando um público de potenciais frequentadores, geralmente composto por operários, donas de casa, muitas vezes analfabetos ou analfabetos funcionais e considerando os aspectos que

envolvem particularidades como o meio em que estão inseridos, as experiências de vida, pontos que não podem ser ignorados na elaboração dos serviços de qualquer biblioteca independente do seu público alvo.

O mediador é figura importante e seu perfil precisa estar bem claro não só para a sociedade, mas para o próprio mediador para que ele consiga cumprir sua função social. Cabe ao mediador pensar ações para integrar o público ao ambiente da biblioteca para que esse leve a leitura para sua vida, "[...] para alterar as condições de vida da população, não basta apenas saber ler e escrever, mas é necessária a transformação nas relações de poder" (FERNANDES, 2013, p.13). Se a mediação englobar todos esses princípios irá contribuir para modificar os índices negativos sobre leitura e analfabetismo existentes no Brasil.

A proposta de mediação aqui abordada será a relação de acompanhamento da leitura de textos literários para a construção subjetiva de interpretação sobre o objeto mediado, levando ao aprofundamento de ideias preconcebidas e elaboração de outros pontos de vista denominada mediação da literatura.

5 A LEITURA NA REDE LEITORA TERRA DAS PALMEIRAS

O Estado em sua concepção inicial representaria politicamente a sociedade, com leis que garantissem os direitos civis. Esse conceito de instituição política majoritária surgiu no século XVII, quando o Estado adquiriu personalidade própria separada da figura do governante e das influências religiosas (PEREIRA, 2009)

No pré-estatal as leis naturais regiam uma sociedade de arranjo rudimentar baseado nas relações familiares e econômicas. A organização da sociedade civil deu base para a criação da estrutura do estado, em virtude da necessidade de uma superestrutura para gerir e regular os interesses sociais, mas o conceito de sociedade política já existia anteriormente (MACIEL; BORDIN; COSTA, 2014).

Bobbio (1982) cita a definição baseada na obra *Filosofia do direito* de Hegel (1820) considerando a sociedade civil como conjunto de pessoas e suas relações, representando um ponto intermediário entre a família e o estado com formas de organização espontâneas ou voluntárias, partindo da primeira e rudimentar regulamentação do estado de polícia.

O protecionismo exercido pelo estado sob a sociedade civil passou a ser criticado por exceder as suas obrigações, se ocupando das responsabilidades individuais da população e estimulando a sua dependência do auxílio concedido pelo poder público. “O século XIX testemunhou, de fato, importantes mudanças na estrutura econômica e no sistema político das sociedades capitalistas centrais, as quais exigiram do Estado inéditas intervenções” (PEREIRA, 2009, p.30).

A mudança na atuação do estado com a descentralização das relações existentes de estado como principal provedor de produtos e serviços deu início ao que se estabeleceu no século XX como *Welfare State* ou Estado do Bem Estar Social, dividindo em duas frentes as responsabilidades em prover os cuidados com a sociedade:

[...] uma, em que o mercado de trabalho ou o bem-estar ocupacional cuida dos trabalhadores empregados e, outra, em que o Estado (que tende a se retrair) e instituições privadas filantrópicas cuidam dos que são empurrados para a margem das oportunidades de emprego e do acesso dos benefícios ocupacionais obtidos no âmbito do mercado de trabalho (PEREIRA, 2009, p.198).

Essa dualidade transformou-se em três esferas em virtude da proteção deficitária do Estado àqueles que estão sob sua responsabilidade e recebeu como denominação no meio acadêmico *Welfare Pluralism*, traduzindo para o português o Bem-estar pluralista ou misto é a ação compartilhada do Estado” [...] na provisão de bens e serviços que atendam necessidades humanas básicas, [...] e uma redistribuição de funções entre os três “parceiros”: Estado, mercado e sociedade” (PEREIRA, 2009, p.199)

Essa divisão em três setores tem o Estado representando o primeiro setor, o segundo congrega as empresas de direito privado e o terceiro formado por organizações sociais sem fins lucrativos. O Terceiro Setor é “[...] uma imponente rede de organizações privadas autônomas, não voltadas à distribuição de lucros para acionistas ou diretores, atendendo propósitos públicos, embora localizada à margem do aparelho formal do Estado” (SALAMON, 1998, p.5).

As organizações não governamentais (ONGs), associações, fundações, institutos e organizações filantrópicas são definidas por Rocha (2003, p.13) como: “[...] entes privados, não vinculados à organização centralizada ou descentralizada da Administração Pública, que não almejam entre seus objetivos sociais o lucro e que prestam serviços em áreas de relevante interesse social e público”.

As diversas designações como entidades filantrópicas, organizações sem fins lucrativos e institutos não são adotadas como modelo de pessoa jurídica pela legislação brasileira, mas seus usos decorrem da tradução do termo *Non-Profit Institutions*, utilizado internacionalmente como modelos de pesquisas e orientações para o Terceiro Setor e difundido no Brasil (RAMPASO, 2010).

A legislação brasileira enquadra as instituições sem fins lucrativos com funcionamento regular a no mínimo três anos como organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIP) e regulamenta sua atuação por meio da Lei nº 9.790 de março de 1999.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, considera-se sem fins lucrativos a pessoa jurídica de direito privado que não distribui, entre os seus sócios ou associados, conselheiros, diretores, empregados ou doadores, eventuais excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, bonificações, participações ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e que os aplica integralmente na consecução do respectivo objeto social (BRASIL, 1999).

O modelo de gestão padronizado previsto em lei exige documentação formal como Obtenção do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e o Estatuto social com organização e funcionamento interno das OSCIP, a qualificação junto ao Ministério da Justiça, dentre outros documentos exige:

- I - estatuto registrado em cartório;
- II - ata de eleição de sua atual diretoria;
- III - balanço patrimonial e demonstração do resultado do exercício;
- IV - declaração de isenção do imposto de renda;
- V - inscrição no Cadastro Geral de Contribuintes (BRASIL, 1999).

Esse trâmite burocrático garante a existência da OSCIP e respalda a sua atuação independente da permanência de seus fundadores e colaboradores na gestão, pois algumas dessas instituições praticam o amadorismo administrativo, têm fins ilícitos e, em consequência, a sua extinção.

As instituições pertencentes ao Terceiro Setor independem do poder público e necessitam buscar meios para a sua subsistência. Os auxílios financeiros como recursos provindos de editais de fomento e doações podem ser benéficos para a manutenção das instituições, porém correm o risco de tornar-se “[...] um privilégio injustificado em favor de alguns grupos sociais e, de outro lado, manter a sociedade sob a dependência constante do poder público” (ROCHA, 2003, p.17).

A atuação do Terceiro Setor é vista por muitos autores de forma controversa por prestar serviços compensatórios à ausência do poder público ou do mercado, e suscita debates sobre os limites ocupados por esse setor e até que ponto a intervenção da sociedade civil é válida.

Santos (2014, p.43) considera a contribuição desse setor como “[...] decisiva para ampliação do conceito de cidadania e de democracia, potencializando o caráter reivindicatório e a capacidade organizativa da sociedade civil, tornando-a mais vigorosa e efetiva na participação pública”.

As bibliotecas comunitárias são exemplos de instituições sociais do Terceiro Setor, assim entender a formação e atuação dessas iniciativas requer uma contextualização da situação do acesso à leitura no Brasil e consequentemente da cidade de São Luís do Maranhão.

As dificuldades de acesso à leitura como reforça Silva (1986) não é algo proveniente deste século e juntamente com os altos índices de analfabetismo, a falta de bibliotecas e iniciativas de popularização do livro reforçam a propagação

desta “doença” e que o autor denomina de crise de leitura instaurada no Brasil. Entretanto, “[...] transformar um país em um país leitor não é tarefa fácil e exige décadas de investimentos e ações efetivas e contínuas, orientadas por políticas e programas construídos pela sociedade e pelo governo” (FAILLA, 2016, p.23, grifo da autora). O número de pessoas com dificuldades de leitura e escrita é alto, representando um cenário ainda distante do esperado, o que demonstra um extenso caminho a percorrer.

Não basta, pois, ser alfabetizado e ter vontade de ler. É preciso que existam livros, revistas e jornais para que sejam lidos. Há, enfim, um caminho longo entre o homem e as circunstâncias de onde vive. Se o meio for generoso e oferecer oportunidades, o indivíduo poderá, com educação formal, com as leituras e demais fontes de informação, ter mais autonomia para pensar e agir (MILANESI, 2002, p.35).

Alliende e Condemarín (2005) alertam para a existência de manipulação que os excluídos da leitura como os analfabetos e os analfabetos funcionais estão suscetíveis, por não terem acesso direto a informações para fundamentar suas ideias, adotando o pensamento inflexível para com suas ações e reproduzindo o que lhes é repassado de forma direta por terceiros ou pelos meios de comunicação.

Os índices apresentados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* publicada em 2016 demonstram um cenário otimista com a ampliação do número de leitores. No entanto, esse crescimento desvela disparidades na distribuição desses resultados:

A população do Sudeste, com 46% de leitores, apresentou a maior ampliação de leitores – de 50% (2011) para 61% (2015) –, o que pode, em parte, explicar o aumento nos indicadores do Brasil em 2015. Somente o Nordeste manteve um percentual de leitores próximo ao dos indicadores de 2011 (FAILLA, 2016, p.34).

As comparações entre as regiões do Brasil revelam realidades totalmente desiguais, principalmente nos aspectos sobre o livro, leitura e biblioteca. Conforme a última atualização realizada em 2015 há no Brasil 6.102 bibliotecas, englobando as públicas municipais, distritais, estaduais e federais, nos 26 estados e no Distrito Federal (SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2016), número que não contempla a população de forma satisfatória, levando a “brotar”

iniciativas de grupos insatisfeitos com as políticas públicas de leitura criando as bibliotecas comunitárias.

Apesar das iniciativas pontuais isoladas, somente no ano de 2003 é possível afirmar que ocorreu a institucionalização em nível nacional com a promulgação da Lei nº 10.753. A denominada Lei do Livro foi consolidada nos anos seguintes com a abertura para a participação da sociedade civil a partir das iniciativas propostas pelo Centro Regional para o Fomento do Livro e a Leitura na América Latina, Caribe, Portugal e Espanha (Cerlalc-Unesco) e a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OIE) (MARQUES NETO, 2009).

O diálogo foi estabelecido no ano de 2005 por iniciativa do Ministério da Cultura para a implementação do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), tendo sua origem de reuniões públicas em todo o território nacional, com o propósito de agregar representantes das instâncias do governo (federal, estadual e municipal), universidades, profissionais do setor livro, literatura e biblioteca, organizações não-governamentais e empresas privadas envolvidas com o assunto para constituir a Câmara Setorial do Livro e da Leitura (CSLL) (MACHADO, 2010).

[...] a partir dessa idéia matriz de forte participação da sociedade nas políticas, encontrou terreno fértil e promissor no Brasil, até porque a maioria das ações pró-leitura e mesmo de desenvolvimento da indústria editorial estavam acontecendo até então à revelia do Estado, fomentadas em sua grande maioria pela sociedade civil e suas organizações comunitárias e sociais (MARQUES NETO, 2009, p.62).

A adoção de editais para a participação popular abriu precedentes para uma conjuntura dinâmica e participativa inovando o jeito de se fazer política cultural no Brasil. “No período de 2003-2006 duas frentes dessa política para o livro e leitura ficaram marcadas: a mobilização e participação da sociedade e a reorganização institucional do setor” (PIVA; PEREIRA, 2006, p.48).

A discussão de diretrizes para esse setor com a participação popular e a ampliação de programas e projetos de incentivo à leitura na tentativa de igualar investimentos e acesso aos bens culturais de forma inédita no Brasil contribuiu para ampliar os números de espaços de cultura e de leitura por meio de bibliotecas públicas, escolares e pontos de cultura, produzindo efeitos significativos na

formação de leitores (FERREIRA, 2013), porém foram extintas das políticas públicas após o término do último mandato do presidente Lula.

Mediante o histórico descaso com as regiões Nordeste e Norte do país as políticas públicas de fomento a leitura não foram satisfatórias. O alto número de municípios sem bibliotecas persiste no Maranhão. Os projetos de incentivo à leitura e criação de bibliotecas não se equiparam às condições do crescimento urbano e populacional do Estado.

A descontinuidade nas políticas culturais no Maranhão acarreta prejuízos à população. “A ausência e o fechamento de bibliotecas na maioria dos municípios maranhenses contribuíram para ampliar as distâncias sociais que separam, no Maranhão, os letrados daqueles que não têm acesso a livros e outros materiais informativos” (FERREIRA, 2008, p.2).

De acordo com o *Censo de Bibliotecas Municipais* (2010) dos 217 municípios maranhenses 47% possuem biblioteca municipal, 29% não possuem, 20% estavam em processo de implantação e 5% reabrindo. Os investimentos por parte do poder público para a criação e manutenção de espaços com a finalidade de trabalhar a leitura do ponto de vista social “[...] não ultrapassam 1% do orçamento geral do Estado, sendo as bibliotecas negligenciadas pela maioria dos governos, que em geral se limitam a investir em reforma e ampliação do prédio” (FERREIRA, 2006, p.120), dados ainda condizentes com a realidade atual do Estado e da capital maranhense.

Para atender toda a demanda informacional a cidade conta com apenas duas bibliotecas públicas localizadas na região central. Essa inconsistência deve-se a forma de conceber as políticas culturais no Maranhão, em virtude da forte influência de grupos políticos e da visão limitada dos gestores sobre cultura, restringindo os investimentos apenas as festas populares e as manifestações folclóricas. Fato que incitou o crescimento de movimentos em prol do segmento livro, leitura e bibliotecas, e a mobilização da sociedade civil.

A articulação de profissionais da informação, bibliotecários e escritores para cobrar do poder público com atitudes reivindicatórias desse setor é constante, a exemplo tem-se a atuação do Fórum Permanente do Livro, Leitura e Biblioteca de São Luís criado em 2001 para debater as problemáticas locais a partir dos eixos estratégicos do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), apresentar

propostas e apontar fragilidades e potencialidades da cidade de São Luís na questão das políticas públicas de incentivo à leitura (MARTINS, 2014). A expressiva participação na elaboração do Plano Municipal de Cultura estendeu-se à criação do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB) que está sendo discutido na atualidade.

Martins (2014) relata que a principal fragilidade do setor é a não implementação do Sistema Municipal de Bibliotecas, pois caso estivesse aprovado e posto em prática com direcionamento orçamentário, contemplaria as reivindicações antigas do segmento como a capacitação de mediadores de leitura, a implantação e o acompanhamento das bibliotecas, a abertura de concurso público e o orçamento fixo.

Na esfera estadual o serviço que existe há trinta e sete anos oferecido pela Biblioteca Pública Benedito Leite de auxílio à implantação de bibliotecas públicas nas cidades do interior do Maranhão foi regulamentado e aprovado. O Projeto de Lei nº 10.613, de 5 de julho de 2017, que estabelece o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Maranhão representou uma conquista não só para as bibliotecas públicas, mas também para outros tipos de bibliotecas como os antigos Faróis da Educação que se encontravam sem funcionamento e serão incorporados conforme o texto da Lei publicado no Diário Oficial do Estado (MARANHÃO, 2017, p.1):

Parágrafo único. O Sistema de que trata esta Lei será representado pela Rede Estadual de Bibliotecas Faróis dos Saberes, bem como pelas bibliotecas municipais e comunitárias localizadas no Maranhão, que, mediante a celebração de Termos de Compromisso, integrarão uma rede coordenada e operacionalizada pela Biblioteca Pública Benedito Leite, equipamento cultural integrante da estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Cultura e Turismo do Maranhão.

As ações propositivas recebem visibilidade com a atuação das ONGs e o crescimento das redes leitoras, que são organizações compostas por várias bibliotecas comunitárias e por meio de parcerias do Terceiro Setor têm como objetivo fomentar as práticas de leituras em comunidades periféricas.

A atuação em redes rompe com hierarquia característica de instituições administrativas, pois iguala todos os membros ao mesmo nível de força

nas decisões sobre o bem comum. De acordo com Carvalho e Gesteira (2006, p.49) as Redes Leitoras são definidas como:

Grupo ou conjuntos de instituições, com seus edifícios, instalações, acervos, pessoal, entre outros, estruturados de modo a poder manter serviços bibliotecários que podem estar ou não coordenados por um órgão central ou apenas, informalmente, cooperam ou colaboram no sentido de melhor servir à comunidade.

Em nível nacional foi criada em 2015 a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) no Encontro Nacional do Projeto Prazer em Ler do Instituto C&A. A RNBC é resultado da consolidação de um trabalho articulado coletivamente realizado em âmbito local em todo o Brasil pautado na incidência em políticas públicas e tem como objetivos democratizar o acesso à leitura e às bibliotecas além de articular a manutenção, o reconhecimento e a sustentabilidade de bibliotecas comunitárias (MACABU, 2016).

A RNBC conta atualmente com 11 Redes Locais, e 115 Bibliotecas Comunitárias nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro com o compromisso de crescer, articulando mais bibliotecas comunitárias que desejem se integrar para fortalecer esse movimento de luta pela garantia do direito à leitura, ao livro, à literatura e à biblioteca (REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, 2017).

Atualmente em São Luís há duas Redes Leitoras se ocupando do fomento a leitura em bairros periféricos da cidade e tendo como principal apoiador financeiro o Instituto C&A. As discussões nacionais serviram como base para unir o trabalho desenvolvido pelas duas Redes Leitoras atuantes na cidade de São Luís. A *Rede Leitora Terra das Palmeiras* e a *Rede Leitora Ler Pra Valer* formaram em 2016 a *Ilha Literária* visando fortalecer as discussões e a troca de experiência entre os dois polos, possibilitando também a ampliação do número de bibliotecas de 10 para 16 no ano de 2017.

A Rede Leitora *Ler Pra Valer* tem como proponente a Escola Comunitária Frei Oswaldo e é formada por seis bibliotecas localizadas no bairro Coroadinho e suas imediações. É uma ação conjunta com apoio financeiro do Instituto C&A por meio do *Projeto Prazer em Ler* e atuam de forma coletiva desenvolvendo ações de leitura executados por cada biblioteca na comunidade a

qual está inserida e de acordo com a sua realidade (MORAES; FURTADO; MORAES, 2012).

A *Rede Leitora Terra das Palmeiras* é composta por cinco bibliotecas: Josué Montello (2003), Arthur Azevedo (2005), Monteiro Lobato (2006), Portal da Sabedoria (2006) e Paulo Freire (2013).

Quadro 2 – Bibliotecas comunitárias da Rede Leitora Terra das Palmeiras

Biblioteca	Bairro	Instituição	Ano de fundação
Josué Montello	Cidade Olímpica	Escola Comunitária Educando	2003
Arthur Azevedo	Santa Clara	Instituto Santa Clara	2005
Monteiro Lobato	Cidade Operária	Instituto Mariana	2006
Portal da Sabedoria	Cidade Olímpica	Clube de Mães Santa Luzia	2006
Paulo Freire	Vila Janaína	Instituto Educacional Nossa Senhora Aparecida	2013

Fonte: Resultado da Pesquisa

A Biblioteca Comunitária Josué Montello datada de 21 de agosto de 2003, está localizada na Cidade Olímpica no espaço *na Escola Comunitária Educando* e desenvolve atividades como o *Concurso Literário*, *Contação de Terror*, *Lançamento de Livro de Autores Mirins*. Inicialmente funcionava em uma casa de taipa e atualmente com patrocínios e editais de fomento como o do Conselho Municipal da Criança e Adolescente conseguiu estruturar-se.

Localizada no bairro da Santa Clara a Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo, fundada em 04 de agosto de 2005, desenvolve atividades de leitura como o *Recreio Literário* em parceria com as escolas, *Poesia de Porta em Porta* para que os moradores tomem conhecimento da existência da biblioteca, a *Mediação Musical* e o *Sarau Literário*.

A Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato iniciou seus trabalhos como projeto de leitura em 2004. Estabelecida no bairro da Cidade Operária com ações pontuais nas salas de aula do Instituto Mariana, transformou-se em projeto

para o semestre letivo no ano seguinte envolvendo os alunos e as famílias. Por meio do projeto *Lendo na Praça* a Biblioteca ganhou destaque na imprensa em 2006 afirmando-se como espaço de leitura para a comunidade. Em 2011 participou com o projeto *Palco das Letras* da seleção do edital de fomento do Projeto *Criança Esperança* sendo contemplada por dois anos, passando de espaço de leitura ao *status* de biblioteca.

A Biblioteca Comunitária *Portal da Sabedoria* vinculada ao *Clube de Mães Santa Luzia* localizada na Cidade Olímpica, tornou-se biblioteca em 19 de março de 2006. Os projetos têm como foco a mediação literária e envolvem rodas de leitura e contação de história como o *Ler Pra Mim* voltado para as gestantes, a Gincana Literária, oficinas de leituras, dinâmicas de acolhida, exercícios de expressão corporal e vocal.

A Biblioteca Comunitária Paulo Freire institucionalizada no dia 18 de maio de 2013 está situada nas dependências do *Instituto Educacional Nossa Senhora Aparecida* na Vila Janaína, desenvolve atividades como espaço de leitura desde o ano de 1987. Realiza atividades de mediações literárias como o *Cineminha de Férias* com filmes ligados a literatura, o *Teatrinho*, o *Café Literário* com lançamento de livro e presença dos autores.

A Rede foi formada no ano de 2012 por bibliotecas já existentes oriundas de instituições não governamentais como o Instituto Mariana, Instituto Santa Clara, Escola Comunitária Educando, Instituto Educacional Nossa Senhora Aparecida e Clube de Mães Santa Luzia apoiado pelo Instituto C&A por meio do programa Prazer em Ler (REDE LEITORA TERRA DAS PALMEIRAS, 2013).

As organizações da sociedade civil se diferenciam pela abordagem de suas ações. Iniciativas como as citadas demonstram que a sociedade civil da cidade de São Luís e o Terceiro Setor estão se organizando. No entanto, Machado (2008, p.44) alerta que as organizações do Terceiro Setor podem incentivar ou alienar um indivíduo. A autora destaca que há dois gêneros, aquela com enfoque: “[...] participativo que privilegiam o pensamento crítico e o engajamento do indivíduo num projeto social coletivo, e [...] assistencialista e filantrópico, que tende a criar uma cultura de dependência ou de pura adesão.”

Baseado nessas finalidades se faz indispensável circunstanciar o funcionamento dessas bibliotecas, destacando quais as suas contribuições para consolidar a leitura.

A cidade de São Luís segundo dados do último censo realizado em 2010 possui 1.014.837 de habitantes e 834,785 km² de extensão territorial (IBGE, 2016). A estrutura imprescindível ao bem estar social não acompanhou o crescimento urbano desordenado fruto do êxodo rural e da industrialização da capital na década de 70 favorecendo as ocupações irregulares.

“O solo urbano da capital maranhense passou a ser uma mercadoria pouco acessível para as camadas sociais de menor poder aquisitivo à procura de habitação, e que não se enquadravam no perfil exigido pelo mercado imobiliário” (CUNHA et al., 2014, p.2), fator que resultou na segregação da cidade em classes sociais de acordo com o poder aquisitivo.

São Luís está imersa em uma contradição social fundamental, de um lado se observa a concentração de serviços e equipamentos urbanos ideais, amparados pelo Estado [...]. Por outro lado, se exercem pressões sobre as camadas sociais empobrecidas, onde a legislação urbanística não é aplicada em sua integralidade [...] (SANTOS, 2015, p.111).

O número aquém do necessário para assentar a imigração recebida pela cidade favoreceu as ocupações irregulares de espaços públicos e privados e “[...] o crescimento populacional, somado à falta de infraestrutura da Capital Ludovicense, resultou diretamente em um inchaço urbano, que contribuiu seguramente com o acelerado processo de ocupações populares do solo [...]” (RABÊLO, 2012, p.60).

Surgindo assim opções de moradia como os conjuntos habitacionais que foram construídos durante o regime militar proporcionaram moradia a muitas famílias de baixa renda econômica, mas a estrutura para condições de vida digna não foi posta em prática, ficando condicionados somente a “[...] um período de busca de conciliação das necessidades do desenvolvimento econômico com a necessidade de legitimar o regime político perante a sociedade” (CORREA, 2013, p. 70).

As bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras estão localizadas nos bairros periféricos da cidade de São Luís: Cidade Operária, Cidade Olímpica, Vila Janaina e Santa Clara, como ilustra a Figura 1.

Figura 1 – Localização dos Bairros da Rede Leitora Terra das Palmeiras



Fonte: Google Maps

A Cidade Operária localizada a leste do município tem seu processo de construção iniciado no final da década de 70 e desenvolvido em três fases. O conjunto habitacional foi planejado pelo governo, porém não entregue a população, levando a ocupação dessa estrutura (CORREA, 2013). Esse bairro deu origem a outras aglomerações populacionais ocupadas por sem teto, dentre elas a Cidade Olímpica.

Com a disponibilidade de terras vazias nas adjacências desse bairro (que surge como um centro de referência para os bairros vizinhos, já que possuía uma boa infraestrutura viária e urbana), os terrenos foram ocupados rapidamente, surgindo um complexo de vilas, dentre elas a Cidade Olímpica, com quase 100 mil habitantes (LOPES, 2008 apud CORREA, 2013, p.70).

Em meados de 1996 a ocupação batizada de Cidade Olímpica em virtude dos Jogos Olímpicos que ocorriam em Atlanta nos Estados Unidos na mesma época, ganhou destaque na mídia nacional pela quantidade de famílias e

pela dimensão territorial com lutas sustentadas pelo apoio popular contra a desocupação (RABÊLO, 2012).

Esses conglomerados urbanos no entorno da Cidade Operária se multiplicaram transformando-se em bairros dentre eles Vila Janaina e Santa Clara, porém sem planejamento urbano e sem os serviços públicos de infraestrutura, com diversos problemas sociais graves, dentre eles “[...] grande parte da população economicamente ativa encontra-se desempregada. Crianças e adolescentes [...] em situação de vulnerabilidade expostos à violência, com escassas oportunidades para educação, saúde e renda” (ROCHA; SOUSA, 2009, p.838).

Iniciativas de acesso à leitura são de fundamental relevância para oportunizar aos moradores formas de cultura e lazer para que os mesmos possam reivindicar seus direitos e, em consequência, amenizar a criminalidade nesses locais.

Algumas escolas comunitárias desses bairros investiram em pequenos espaços de leitura com ações isoladas durante o período letivo, levando a articulação entre si com ações conjuntas nos bairros, nascendo assim o que seria a Rede Leitora Terra das Palmeiras. O lançamento do edital de fomento do projeto *Prazer em Ler* do Instituto C&A para subsidiar ações conjuntas levou a criação desse trabalho coletivo, tendo como proponente a Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato.

O Instituto C&A foi criado em 1991 para gerenciar as ações sociais da empresa no Brasil visando promover educação às crianças e adolescentes, com atividades educacionais e culturais, com ações de voluntariado dos funcionários das lojas e apoiar financeiramente projetos sociais desenvolvidos por outras instituições em regiões onde a C&A exerce atividades comerciais, por meio de parcerias e alianças com organizações da sociedade civil, com outros investidores sociais privados e também com o poder público (INSTITUTO C&A, 2016).

Visando expandir sua atuação em nível nacional o instituto C&A criou em 2006 o programa *Prazer em Ler* para conceder recursos a projetos de leitura. O Programa por meio de edital ou carta convite seleciona instituições para receberem fomento financeiro e consultoria técnica, visando que elas se tornem bibliotecas.

O Programa atua em quatro eixos metodológicos para fortalecer as bibliotecas comunitárias e três eixos estratégicos para ampliar o seu alcance conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Eixos metodológicos do Programa Prazer em Ler



Fonte: Instituto C&A (2016, p.45)

Os eixos para o fortalecimento da biblioteca são norteadores para que haja um padrão de atendimento ao público a ser alcançado pelas bibliotecas, com elementos para que os leitores se sintam acolhidos em suas diferenças. Todas as instituições membro recebem recursos para implementar projetos de leitura, com acervo atualizado e de qualidade, mobiliário adequado e acolhedor, e mediadores capacitados por meio das formações que são cursos e palestras voltados para o corpo técnico e os seminários e encontros locais e nacionais para a troca de experiências, elementos que trabalhados em conjunto proporcionam uma experiência positiva ao leitor.

Em 2016 o programa completou uma década e vem se renovando e ampliando suas metas, o que acarretou modificações na concepção do programa, em relação ao trabalho desenvolvido. Composto de ciclos de três anos o programa possui prazo determinado para findar exigindo que as instituições contempladas com o financiamento busquem a parceria com o poder público e empresas privadas para captar recursos com a finalidade de manter a sua sustentabilidade.

Esse é o ponto que merece atenção, pois as bibliotecas subsidiadas pelo Projeto Prazer em Ler terão algumas dificuldades após o término desse apoio, principalmente após a decisão do Instituto C&A em modificar o foco da sua atuação, voltando suas atividades para o fortalecimento da indústria da moda, portanto conhecer os ciclos por quais o Programa Prazer em Ler possibilitará entender o seu funcionamento.

Inicialmente o *Prazer em Ler* contemplava somente ações individuais (2006-2009), no segundo ciclo (2010-2012) o edital demandou que uma das instituições assumisse o papel de proponente, sendo ela a responsável por formar o polo com no mínimo quatro organizações sociais de uma mesma região. No terceiro ciclo (2013-2015) passam a ser projetos coletivos sem necessidade de haver uma instituição proponente em preparação para o quarto ciclo com o fortalecimento do trabalho em rede tanto em âmbito local quanto nacional (INSTITUTO C&A, 2016).

O *Prazer em Ler* segue algumas diretrizes para o seu funcionamento, tendo como base o trabalho realizado por ONGs. Os polos formados por essas bibliotecas realizam ações pautadas na leitura literária visando um contato sem cobranças sobre o conteúdo exposto, se diferenciando por ser apenas para o deleite.

A missão das bibliotecas da Rede é promover transformações na realidade do bairro da Cidade Operária e adjacências, por meio de ações com foco nas experiências de leitura, contribuindo com a formação de leitores críticos e capazes de se relacionarem com bens culturais, buscando ser referência nacional no fomento à leitura.

As bibliotecas da *Rede Leitora Terra das Palmeiras* são espaços com mobiliário especializado como estantes, mesas, cadeiras, poltronas coloridas oferecendo conforto aos usuários. De acordo com as recomendações do *Projeto Prazer em Ler* a biblioteca deve ser “[...] um ambiente que associe comodidade – tanto para leitura individual quanto para os momentos em grupo, como fácil trânsito e acesso aos materiais do acervo” (INSTITUTO C&A, 2009, p.77).

A cultura popular está presente nos tecidos que remetem as festas juninas. Objetos artesanais complementam a decoração, reforçando o vínculo com as características do local e buscando a identificação do leitor com o ambiente.

As sedes das bibliotecas possuem relação direta com a instituição matriz permanecendo em locais próximos a elas, sendo que algumas funcionam em salas cedidas dentro de escolas comunitárias¹, mas sem vínculo de subordinação.

O acervo é composto por livros de literatura infantil, infantojuvenil e adulto mesclando-se entre clássicos nacionais, *best-sellers* internacionais e obras de autores maranhenses, gibis, CDS e DVS dos mais variados gêneros, oriundos de compra ou doação.

O leitor tem papel fundamental ao expressar sugestões de livros e também é feito um estudo de uso e usuários para definir o que será comprado. O processamento técnico e a circulação do acervo como empréstimos, reservas e devolução são automatizados e gerenciados por meio do *software* Biblioteca Fácil onde é feita a indexação, a catalogação e é gerada a etiqueta com os números da Classificação Decimal de Dewey (CDD), da Tabela de Cutter e com o tombo². A organização dos livros nas estantes segue a classificação por cores e com a combinação de fitas coloridas que representam a faixa etária, gênero da obra e nacionalidade.

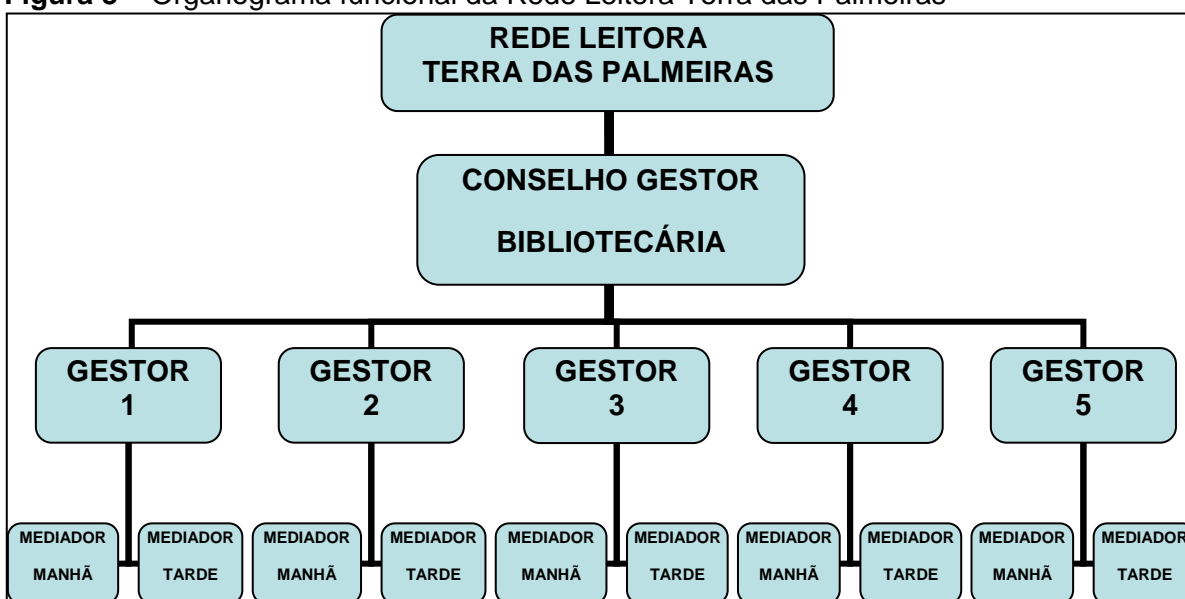
As bibliotecas funcionam de segunda-feira a sexta-feira em horário comercial, com serviços de empréstimo, consulta local, orientação a pesquisa e mediação de leitura interna e externamente.

A administração da Rede Leitora Terra da Palmeira é conduzida de forma compartilhada, sendo um gestor em cada biblioteca que se reúnem em um conselho ao qual a bibliotecária também faz parte e deliberam as questões comuns as cinco bibliotecas, ouvindo sugestões de todos os membros. Os cinco gestores possuem autonomia para conduzir as suas respectivas bibliotecas e são os únicos profissionais não remunerados no âmbito da Rede.

¹ Escolas originárias da iniciativa de movimentos sociais comunitários e administradas por comissão de representantes dos moradores dos bairros que estão localizadas e são mantidas financeiramente por doações ou mensalidade com valor simbólico.

² Número de registro de entrada do item no patrimônio da biblioteca.

Figura 3 – Organograma funcional da Rede Leitora Terra das Palmeiras



Fonte: elaborado pela autora

O profissional bibliotecário presta suporte as bibliotecas em dias predefinidos, uma vez por semana auxiliando no processamento técnico do acervo, realizando planejamento das atividades de mediação e deliberando sobre questões administrativas junto aos gestores.

Atualmente são 10 mediadores sendo um em cada turno de funcionamento. Os mediadores são pessoas contratadas pela *Rede Leitora Terra das Palmeiras* para atuarem nas atividades de leitura, desde a concepção, escolha dos recursos e execução, além de exercer contato direto com os leitores e zelar pelo espaço da biblioteca.

Todos os funcionários são remunerados com dotação orçamentária prevista nos projetos de captação de recursos, exceto os gestores que são voluntários. Além do financiamento do *Instituto C&A* cada biblioteca dispõe de autonomia para elaborar projetos de captação de recursos financeiros buscando parceria com empresas privadas e poder público.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa consiste na investigação sistemática de um problema e para isso é necessária uma proposta metodológica demarcando o caminho que o pesquisador irá percorrer para solucioná-lo. “O método científico é a investigação organizada, o controle rigoroso de suas observações e a utilização de conhecimentos teóricos” (GOLDENBERG, 2004, p.105). A definição do procedimento metodológico é essencial para que o pesquisador tenha domínio quanto ao desenvolvimento do estudo por ser um “[...] plano de ação, formado por um conjunto de etapas ordenadamente dispostas, destinadas a realizar e antecipar uma atividade na busca de uma realidade” (FACHIN, 2006, p.31).

A metodologia não só contempla a fase de exploração de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados (DESLANDES, 2001, p.43).

A tipologia adotada na pesquisa quanto a sua natureza é básica, pois “[...] objetiva gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.51) e explicativa quanto aos objetivos propostos como norteadores da pesquisa, não só por descrever o problema, mas por buscar as suas causas, “[...] seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos” (SEVERINO, 2007, p.123).

A forma de abordagem do problema foi qualitativa, pois “[...] busca interpretar e dar significados aos fenômenos analisados” (REIS, 2008, p.57), excluindo o uso de técnicas estatísticas na análise dos dados. A abordagem qualitativa visa entender os fatos ou fenômenos cujas causas se desejam conhecer no ambiente em que ocorre de forma indutiva, para em seguida compará-los e descobrir as relações existentes (GIL, 2008). A coleta dos dados foi realizada por meio de uma pesquisa de campo.

Denomina-se pesquisa de campo o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno

ocorre - ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONSALVES, 2001, p.67).

O campo viabiliza “[...] um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos” (CRUZ NETO, 2001, p.54). A escolha desse delineamento pressupõe a definição da população a ser pesquisada e demarcar o recorte espacial a ser considerado.

A *Rede Leitora Terra das Palmeiras* composta por cinco bibliotecas corresponde a uma ampla população tornando inviável o estudo em tempo hábil. Delimitou-se como campo a ser pesquisado as bibliotecas Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria permitindo conhecer como um mesmo projeto se desenvolve em bairros periféricos distintos, porém com características semelhantes. Outro ponto considerado foram os espaços ocupados pelas Bibliotecas, sendo que a primeira tem sede própria e a segunda está situada nas dependências da Escola Comunitária Educando.

A escolha das duas instituições baseou-se na visita às cinco bibliotecas para observação do funcionamento dos projetos. A técnica de observação permite a inserção ao campo de estudo em razão de que “[...] a coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador” (SEVERINO, 2007, p.123).

A observação é classificada em duas categorias: assistemática e sistemática. Nesse primeiro contato para gerar elementos para caracterizar o campo de estudo e subsidiar a elaboração dos instrumentos de coleta de dados para posterior aplicação aos sujeitos envolvidos utilizou-se a observação assistemática, chamada também de “ocasional”, “simples”, “não estruturada”, onde a coleta de dados é feita de forma livre sem a elaboração prévia de requisitos (RAMPAZZO, 2005).

Entretanto, para ir a campo necessitou-se da avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP-UEL). O projeto e seus anexos como a Declaração de Concordância de Instituição Co-participante (Anexo A), os instrumentos de coleta de dados e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram cadastrados na Plataforma Brasil (Apêndice E e F). Após a aprovação da pesquisa no Comitê de

Ética retornou-se às bibliotecas Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria para acompanhar a rotina e para a realização das entrevistas com os mediadores, o bibliotecário e os leitores.

Partindo de um esquema de questões preestabelecidas a entrevista semiestruturada “[...] permite que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal” (PÁDUA, 2007, p.70). Por meio da entrevista semiestruturada inquiriu-se os mediadores de leitura, que são profissionais contratados pela Rede Leitora Terra das Palmeiras para lidar diretamente com o usuário desenvolvendo as ações de incentivo à leitura tanto no ambiente interno como externo e atendimento para utilização do acervo como empréstimos, devolução e renovação. (Apêndice A). A entrevista possibilitou conhecer a percepção dos mediadores que atuam nas bibliotecas selecionadas como campo de estudo, quanto à mediação da leitura e a potencialidade das ações realizadas nas bibliotecas.

A técnica de coleta de dados utilizada para o profissional bibliotecário foi a entrevista narrativa por meio de uma questão denominada pergunta gerativa de narrativa (Apêndice B). Esse tipo de pergunta refere-se ao objeto de estudo com a finalidade de estimular o relato do entrevistado conduzido com base em uma única questão, para explicitar o enfoque da pesquisa e buscar um detalhamento do problema por parte do entrevistado, porém com uma narrativa com princípio, meio e fim e sem interrupção por parte do entrevistador, permitindo apenas após a explanação a interferência para voltar aos pontos da entrevista que não ficaram claros (FLICK, 2009). A pergunta gerativa de narrativa possibilita ao entrevistado a falar livremente, incorporando detalhes e fatos que julgam importantes enriquecendo a narrativa para melhor entendimento, utilizando o tempo que achar necessário.

A entrevista utilizando a pergunta gerativa de narrativa é um instrumento vinculado à pesquisa qualitativa e é uma fonte importante de recolha de informações, pois os sujeitos são impulsionados a recuperarem elementos da sua trajetória pessoal e social, interpretando-as de maneira singular (SOUSA; MEIRELES, 2017).

Quanto aos usuários das bibliotecas, inicialmente propôs-se o mesmo instrumento de coleta de dados utilizada com o bibliotecário, isto é, a

questão gerativa de narrativa, porém após o pré-teste com crianças de bibliotecas não participantes, percebeu-se que as crianças, talvez pelas dificuldades de se comunicarem espontaneamente provocou excessiva interferência da pesquisadora. Portanto optou-se em utilizar como apoio a pergunta gerativa de narrativa (Apêndice C) e um roteiro semiestruturado de questões. (Apêndice D)

A escolha dos usuários baseou-se em parâmetros como faixa etária e frequência de empréstimo junto à biblioteca. Para que o público atendido descrevesse suas experiências sobre as atividades de leitura selecionou-se quatro usuários de cada biblioteca com idade entre 10 e 15 anos, utilizando o controle de registro de empréstimo como fonte de informação para indicar os que mais utilizam os serviços das bibliotecas.

A coleta de dados foi gravada em áudio e vídeo, para posterior análise do discurso oral transcrito tornando evidentes os trechos que apresentassem dúvidas. Bell (2008, p.173) ressalta “[...] centenas de fragmentos separados de informações interessantes nada significarão para um pesquisador ou para um leitor, a menos que tenham sido categorizados e interpretados”. O conteúdo da fala dos entrevistados é fonte de informação valiosa sobre o problema de pesquisa.

A análise dos dados coletados é imprescindível para as conclusões da pesquisa. Para interpretar os dados foram empregados princípios da técnica de Análise de Conteúdo (AC), pois permite “[...] testar hipóteses sobre o conteúdo das publicações, sobre o tratamento de grupos minoritários, sobre técnicas de propaganda, mudanças de atitudes, alterações culturais, apelos de líderes políticos aos seus simpatizantes” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p.117).

A AC consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição considera as significações do conteúdo, a forma e a distribuição destes elementos na mensagem buscando ir além das palavras (BARDIN, 1977). O enunciado é analisado almejando a compreensão das opiniões emitidas sobre determinado tema e os significados ideológicos presentes buscando inferências sobre as condições da produção do conteúdo.

Composta por três fases cronológicas a Análise de Conteúdo inicia com a **pré-análise** para a formulação das hipóteses, objetivos e indicadores para a interpretação final; tem como fase intermediária a **exploração do material** aplicando

as decisões tomadas na pré-análise; e finaliza com o **tratamento dos resultados**, a inferência e a interpretação no intuito de validar os dados e a construção de novas visões teóricas (BARDIN, 1977).

Na pré-análise foi realizada a sinopse dos discursos visando obter o resumo das falas e separação dos fragmentos de acordo com as problemáticas previstas nos objetivos do estudo. Guerra (2006, p.73) destaca as vantagens da elaboração das sinopses:

Reduzir o montante de material a trabalhar identificando o corpus central da entrevista;
Permitir o conhecimento da totalidade do discurso, mas também das suas diversas componentes;
Facilitar a comparação longitudinal das entrevistas;
Ter a percepção da saturação das entrevistas.

A unidade de registro definida foi o tema, codificado pela unidade de contexto. O tema é considerado por Franco (2005, p.43): “[...] como a mais útil unidade de registro, em Análise de Conteúdo. Indispensável em estudos sobre propaganda, representações sociais, opiniões, expectativas, valores, conceitos, atitudes e crenças”, características presentes neste estudo.

A análise temática “[...] consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p.105).

As categorias de análise “[...] são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado” (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p.16). A categorização das respostas podem viabilizar o reagrupamento dos elementos baseados em analogias a partir dos critérios previamente estabelecidos (FRANCO, 2005).

Destaca-se que as categorias de análise para as entrevistas com os mediadores e com usuários foi estabelecida *a priori* e a da bibliotecária *a posteriori*. As categorias dos três grupos participantes encontram-se na seção 7, Análise de resultados, nos quadros 3, 4 e 5 nas respectivas subseções. A Análise de Conteúdo estabelecerá relações entre as falas dos entrevistados que encontra-se na seção 7.

A caracterização do campo pesquisado foi detalhada nas subseções seguintes buscando resgatar a trajetória histórica das bibliotecas comunitárias *Monteiro Lobato* e *Portal da Sabedoria* desde a criação dos espaços de leitura.

6.1 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato

A Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato originou-se de ações tímidas em sala de aula para as crianças atendidas pela escola do Instituto Mariana em 2004, transformando-se no ano seguinte no *Projeto Brincando e Aprendendo na Escola na Família e na Sociedade*, apoiado pela *Associação de Escolas Católicas* com ações para o semestre letivo e implantação do espaço de leitura Monteiro Lobato. Em 2006 a realização do projeto *Lendo na Praça* recebe destaque por levar leitura para um espaço público da comunidade denominado *Coreto 101*, passando a contar com atividades durante todo o ano (BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MONTEIRO LOBATO, 2016).

O fortalecimento das ações do *Espaço de Leitura Monteiro Lobato* necessitou de recursos, levando a equipe do Instituto Mariana a escrever o Projeto *Palco das Letras* para concorrer ao edital do Projeto Criança Esperança em 2011, sendo executado em 2012 e renovado em 2013. O mesmo Projeto foi encaminhado ao Instituto C&A para concorrer ao edital para ações conjuntas de incentivo à leitura e aprovado propondo a junção com outras quatro bibliotecas da região, formando em 2012 a Rede Leitora Terra das Palmeiras.

Figura 4 – Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato



Fonte: Acervo da pesquisadora

A Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato atualmente promove o acesso à leitura por meio de mediações periódicas internas e externas visando tornar-se referência no apoio ao desenvolvimento literário em âmbito municipal, estadual e nacional.

Figura 5 – Estrutura da Biblioteca Monteiro Lobato



Fonte: Acervo da pesquisadora

O ambiente amplo permite a divisão em espaços como: processamento técnico, para as crianças pequenas, para a convivência (parte da frente) e para realizar atividades que demandam mais espaço (parte de trás). Segundo Silva (2016, p.211) são desenvolvidas “[...] ações contra o abuso e exploração sexual e programações artísticas como peças de teatro, performances, apresentações musicais e possui um espaço com um palco, prédio próprio e cada vez maior amplitude e potência”.

A biblioteca possui além de livros de literatura acervo em *braille* proporcionando a acessibilidade aos leitores cegos. Além dos editais de fomento para manter a sustentabilidade são realizados bazares com roupas e objetos arrecadados por meio de campanha de doações e rifas.

6.2 Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria

A *biblioteca comunitária Portal da Sabedoria* está localizada no bairro da Cidade Olímpica nas dependências do Colégio Nossa Senhora da Conceição mantido pelo *Clube de Mães Santa Luzia*. A iniciativa de criar um espaço de leitura na escola surgiu após uma reunião com representantes de diversas instituições dentre elas a Associação de Educação Católica do Maranhão (AEC/MA), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Associação de Educação Católica do Brasil (AEC/Brasil).

Figura 6 – Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria



Fonte: acervo da pesquisadora

Após aceitarem o desafio de implantar um espaço de leitura dentro da escola, mas aberto a comunidade, receberam doações de livros, equipamentos e mobiliário. O *Espaço de Leitura Portal da Sabedoria* foi inaugurado em 19 de março de 2006 desenvolvendo ações com os alunos e a comunidade. Com a aprovação do Projeto pelo *Programa Prazer em Ler* tornou-se biblioteca em 2012.

“A Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria tem como valor manter o compromisso com a democratização do acesso e disseminação do conhecimento literário de forma equitativa, respeitando a ética e os valores humanos” (BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PORTAL DA SABEDORIA, 2016, p.5).

Figura 7 – Estrutura da Biblioteca Portal da Sabedoria



Fonte: Acervo da pesquisadora

As mediações de leitura são desenvolvidas tanto no ambiente da biblioteca e salas de aula, quanto externamente buscando o enraizamento comunitário. Uma das principais atividades consolidada no calendário dessa biblioteca é o *Projeto Ler Pra Mim* mediação para gestantes em parceria com o CRAS da Cidade Olímpica onde a equipe realiza leitura para mulheres grávidas, pois a partir do quarto mês os bebês já estão com o sistema auditivo formado podendo ser estimulado por meio de sons (SILVA, 2016, p.118).

O horário de funcionamento é das 08:00 às 18:00 de segunda a sexta-feira, e as quartas-feiras é reservado para o funcionamento interno, ocorrendo a visita da bibliotecária e realização do processamento técnico por parte da mesma. O ambiente está organizado com elementos lúdicos, estantes adequadas para autonomia das crianças e o acervo é de livre acesso. O empréstimo é permitido mediante a realização do cadastro do usuário, podendo levar dois livros por cinco dias corridos, sendo que nas sextas-feiras, é possível levar até três.

7 ANÁLISE DE RESULTADOS

A coleta ocorreu entre os meses de setembro e novembro do ano de 2017 iniciando na Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato com a realização da entrevista semiestruturada com os dois mediadores e a entrevista narrativa por intermédio da questão gerativa de narrativa com a bibliotecária. Essa escolha permitiu que ela, que possui uma visão de todas as esferas trabalhadas dentro da Rede Leitora Terra das Palmeiras, fizesse a narrativa com muita liberdade. Em seguida foram realizadas as entrevistas com os dois mediadores da Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria.

O instrumento de coleta de dados adotado para os leitores foi a questão gerativa de narrativa com apoio do roteiro de entrevista semiestruturada, onde eles falaram sobre temas relacionados a experiência deles nas bibliotecas.

Como informado, as categorias de análise dos mediadores e dos usuários foram estabelecidas *a priori* e da bibliotecária *a posteriori*. Destaca-se que foram estabelecidas categorias distintas para cada grupo de entrevistados conforme demonstrado no Quadro 3:

Quadro 3 – Categorias de análise

Bibliotecária	Mediadoras	Leitores
Perfil do bibliotecário	Atividades de leitura	Importância da biblioteca
Planejamento das atividades	Planejamento das atividades	Atividades de leitura
Mediação da leitura	Recursos utilizados	Gêneros literários
Avaliação das ações	Conceito de mediação da leitura	Importância da leitura
Participação dos leitores	Frequência e participação nas bibliotecas	

Fonte: Resultado da Pesquisa

A aplicação das categorias no discurso dos entrevistados será analisada nas subseções a seguir, apontando as convergências e divergências entre as vozes dos mesmos. Vale ressaltar que a partir daqui utilizar-se-á a palavra bibliotecária e mediador no feminino, pois se obteve 100% de participação de mulheres; além disso, em uma postura sigilosa, utilizar-se-á, nomes de escritoras ao

se referir a elas. Suas falas estarão destacadas no texto utilizando o recurso de fonte em itálico.

7.1 Voz da Bibliotecária

A *Rede Leitora Terra das Palmeiras* possui em seu quadro de colaboradores uma bibliotecária, prestando auxílio a todas as bibliotecas em dias pré-definidos. Contratada inicialmente para realizar o processamento técnico do acervo está há cinco anos na Rede e entende que ser bibliotecário vai além do tecnicismo engajando-se na luta pela igualdade de acesso à leitura. Sem experiência anterior em bibliotecas comunitárias, ao participar da seleção para a vaga de emprego não tinha noção das dimensões do trabalho social realizado por esse tipo de biblioteca.

Eu passei meu currículo e uns dias depois fui chamada para a entrevista. E foi isso que me fez chegar até a Rede, até então eu não sabia do que se tratava, fui conhecer naquele momento, isso em 2013.

Para compreender a atuação do bibliotecário e a mediação da leitura nas bibliotecas comunitárias de São Luís do Maranhão utilizou-se as categorias apresentadas no quadro 3, sendo elas: perfil do bibliotecário, planejamento das atividades, mediação da leitura, avaliação das ações e participação dos leitores.

7.1.1 Perfil do bibliotecário

O bibliotecário é o profissional responsável por organizar e mediar a informação presente nos mais diversos suportes, além de contribuir no fomento a leitura, porém foi por muito tempo, e continua sendo, encoberto por um estereótipo depreciativo da profissão considerado apolítico e tecnicista. A razão dessa situação é que a Biblioteconomia recebeu influência dos currículos norte-americanos valorizando a técnica em detrimento do social contribuindo para essa formação despolitizada (SILVA; SILVA, 2010).

Acompanhar o início da formação da *Rede Leitora Terra das Palmeiras* e o desenvolvimento dos trabalhos oportunizou à bibliotecária o

conhecimento das demandas durante a implantação das bibliotecas, e perceber seu papel dentro do grupo.

As atividades que eu realizo na Rede de início era mais uma perspectiva técnica, catalogação, classificação, acompanhar as atividades das mediadoras e dos mediadores de leitura. Só que com o tempo eu fui percebendo e aí era a formação de todo mundo, que todo mundo que começou na Rede estava assim começando a entender o que era aquele projeto que é o programa Prazer em Ler dentro desse edital. E eu fui percebendo que tem outras demandas, não só a técnica, o tratamento técnico, mas também a incidência em políticas públicas aí começamos a distribuir os grupos de trabalho.

Essa visão tecnicista vem sendo desconstruída, mas “[...] ainda são bastante tênues as proposições que acreditam na possibilidade de se criar na biblioteca, na ação informativa do bibliotecário mecanismos de oposição ao sistema e a favor do resgate da cidadania do nosso povo” (CYSNE, 1993, p.42). A Biblioteconomia recebeu forte influência dos estudos desenvolvidos pela CI apresentando “[...] novas discussões teórico práticas em torno da produção, organização e tratamento da informação, e dos profissionais que a manipulam” (CASTRO, 2007, p.131).

As mudanças refletiram no ensino, mas não de forma aprofundada sobre os processos de escrita e de leitura representando uma lacuna nos currículos dos cursos de Biblioteconomia, dificultando a aquisição de elementos teóricos para promover o incentivo à leitura (MACHADO, 2008).

Na prática o bibliotecário ainda está distante do modelo ideal de profissional social “[...] e se detém muito tempo no monopólio da guarda do conhecimento, quando deveria preparar-se intelectualmente para fazer uso da comunicação, como mediador atendendo à multiplicidade de papéis que sua função catalisa” (RIBEIRO; CURY, 2007, p.221).

Eu tive que formar o meu perfil de bibliotecária, enquanto biblioteca comunitária então eu tive que ampliar a minha visão sobre o fazer do profissional bibliotecário dentro da comunidade. Tem toda uma responsabilidade, visto que nós estamos dentro de comunidades que são extremamente carentes e um índice de violência muito grande e de vários tipos de violência, miserabilidade também, então entender tudo isso e se ver inserida nesse contexto é uma responsabilidade muito grande porque eu também me sinto responsável por aquela mãe ou aquele pai alcoólatra, pelo drogado, porque a biblioteca também tem essa responsabilidade de enxergar esse todo e pensar

como vamos fazer para realizar uma mediação que de fato traga uma diferença e não só números para que nós possamos colocar em relatórios, para poder enviar projetos e ganhar dinheiro. Não é só isso, claro que nós queremos ter dinheiro para nos mantermos e manter as atividades senão é inviável, mas a ideia não é só coletar números, não é só quantitativo é qualitativo porque existe uma problemática no entorno.

A fala da bibliotecária revela as desigualdades sociais presentes nos bairros de atuação das bibliotecas, demonstrando a heterogeneidade do público. A formação acadêmica não é o suficiente para formar um perfil profissional capaz de lidar com os conflitos pessoais dos leitores que são trazidos para o ambiente da biblioteca.

Uma política de informação e de leitura subteme-se o estabelecimento de prioridades e condições que garantam uma infraestrutura tecnológica com equipamentos acessíveis em diferentes pontos de circulação intensiva do/a cidadã/aos (sindicatos, união de moradores, centros comunitários, bibliotecas públicas, escolas, tribunais de justiça, clubes de mães, entre outras) com profissionais que atendam, respeitando a diversidade cultural, de gênero, de geração e educacional (FERREIRA, 2007, p.5).

Nesse contexto, o perfil adotado deve ser de bibliotecário mediador que exerce seu trabalho conforme Almeida Júnior e Bortolin (2008, p.68) recomendam, aproximando a leitura de variadas localidades e pessoas, “[...] fazendo com que a biblioteca cumpra uma de suas principais funções - incentivar a leitura e a pesquisa - , abrindo espaços para que todos os indivíduos (sem distinção) sintam-se “desejosos” de ler sempre e investigar sempre”.

Essa experiência dentro da Rede Leitora Terra das Palmeiras me trouxe essa concepção desse profissional bibliotecário que precisa ampliar essa visão ética do fazer profissional, onde você está inserido e como você vai trabalhar aquilo. Porque não é só vir e ganhar seu dinheiro e, que fique bem claro, que mesmo sendo biblioteca comunitária, nem eu, nem os mediadores trabalhamos voluntariamente, nós ganhamos porque temos projetos que apoiam financeiramente, e os recursos humanos precisam ganhar porque precisamos nos sustentar, mas não é só ganhar dinheiro, é ganhar, mas dar um retorno para a comunidade.

A bibliotecária entende que o seu comprometimento com o fazer diário influenciará outras pessoas e representa mais que uma fonte de renda, pois é

um projeto social. “Desejamos que ele “saia de trás do balcão”, aproxime-se do leitor e troque com ele leituras. Que ele não se limite em apenas “tocar” os suportes de leitura no momento da aquisição [...]” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008, p.78), formando assim um perfil de bibliotecário com base para o processamento técnico, mas também apoiado nas experiências compartilhadas moldando o aspecto social da profissão. As mediações de leitura são importantes para os leitores, mas também para toda equipe da biblioteca e em especial o bibliotecário proporcionando repensar a relação política e tomando para si os anseios da comunidade.

7.1.2 Planejamento das atividades

As atividades da bibliotecária não envolvem diretamente a mediação de leitura, pois é responsabilidade dos mediadores elaborar e executar todo o processo. Em virtude do custo para a contratação desse profissional torna-se inviável para a *Rede Leitora Terra das Palmeiras* manter um bibliotecário em cada uma das cinco bibliotecas, assim a bibliotecária segue um esquema com dias pré-definidos para tratar das demandas de cada biblioteca. Durante a visita da bibliotecária a biblioteca não abre para o público realizando somente os trabalhos internos. Podemos avaliar que essa não é uma situação ideal, mas é o que possível ser feito com o número de funcionários.

São cinco bibliotecas então cada dia da semana nós estipulamos, eu junto com os mediadores, que um dia eu vou em cada biblioteca. Então nesse dia eu faço o acompanhamento do processamento técnico, basicamente a catalogação porque nós temos que ter livros catalogados para poder fazer empréstimos e a classificação.

O planejamento do calendário das mediações é outro ponto em que a bibliotecária se ocupa durante as visitas. Cada mediador elabora as suas pautas de atividades contendo datas e horários para apresentar à bibliotecária, que incluirá no calendário da *Rede Leitora Terra das Palmeiras*.

Os mediadores fazem o plano mensal de atividades da biblioteca e eles veem como irão distribuir se vão fazer mediações internas, mediações externas. Se eles vão para alguma associação, eles fazem uma previsão. Todo mês, uma vez por mês nós temos a nossa reunião [...]. Eu junto com os mediadores faço o plano geral em cima tanto das atividades que cada biblioteca já estipulou, e com base nas

atividades da Terra das Palmeiras [...]. Também tem a reunião mensal com os mediadores para acompanhar o trabalho, fazer troca de experiências entre as bibliotecas, ver o que cada biblioteca está fazendo, ver as necessidades.

A bibliotecária desenvolve uma espécie de gestão técnica acompanhando *in loco* o funcionamento das bibliotecas, bem como realizando reunião de acompanhamento dos mediadores. A participação dela na organização das mediações se dá na intermediação com os convidados, como escritores e palestrantes.

Eu acompanho também as atividades da biblioteca, por exemplo, se vai ter o aniversário de uma biblioteca, isso é feito com antecedência, marcado em reunião. Então todos já colocam na sua agenda que aquele dia vai ter um evento e todos vão prestigiar o aniversário daquela biblioteca. Eles fazem a programação e pedem para que eu convide escritores para fazer parte do evento, então eu já entro em contato com muita antecedência, faço o convite já passo para eles quem eu consegui ou quem não, então organizamos tudo.

A bibliotecária realiza tratamento técnico do acervo junto aos mediadores e presta consultoria quanto ao funcionamento das bibliotecas. No entanto, essa medida paliativa para oferecer a presença do bibliotecário, ocasiona o distanciamento do público frequentador com ele, pois um dia na semana não é suficiente para construir laços e conhecer as preferências dos leitores.

7.1.3 Mediação da leitura

A mediação da leitura consiste em motivar o leitor e promover o encontro deste com o suporte de leitura, acompanhando o processo de escolha da leitura e ajudando a solucionar as possíveis dúvidas, para um melhor aproveitamento do que foi lido. Ao bibliotecário falta exercer essa função de mediador, pois conhece o acervo e pode orientar o leitor. “Vale lembrar o ato de compartilhar não é apenas fazer circular textos de leitura, pelo contrário, o bibliotecário deve ser cúmplice efetivo e afetivo do leitor, se dispondo a discutir e trocar idéias a respeito do que lê” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008, p.79).

Hoje quem está fazendo a diferença da leitura são as bibliotecas comunitárias, essa Rede de biblioteca comunitárias de São Luís e que nesse momento de crise é uma coisa positiva. Nesse caos todo que estamos vivendo é positivo porque nós estamos vendo um desmonte de tudo que diz respeito ao benefício às comunidades, ao pobre, a pessoa que realmente precisa de serviços públicos as bibliotecas têm feito esse diferencial. Eu tenho percebido que eles estão fazendo parcerias com projetos que falam sobre meio ambiente que tem a ver com a realidade local, questão da poluição, a questão de saúde pública. Então as bibliotecas estão fazendo essa ponte e estão levando isso a comunidade, é uma diferença muito grande porque está tudo fechando, está acabando o apoio aos espaços de cultura e ver as bibliotecas comunitárias não agonizando e fazendo trabalhos isso é muito legal nesses cinco anos de atividade.

Apesar de acompanhar o trabalho dos mediadores, a bibliotecária, em sua fala retrata um distanciamento em virtude de outras atividades que ela participa, como a participação em mesas redondas, eventos sobre políticas públicas e cultura e entrevistas para a mídia local, e principalmente da luta encabeçada pela *Rede Leitora Terra das Palmeiras* com efetiva participação nas discussões para a aprovação do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca, como pode ser observado a seguir:

Hoje em dia eu oriento a parte técnica, mas eu incido muito em políticas públicas. Eu estou mais fora da biblioteca participando de reuniões, seja com o poder público, seja com a sociedade civil que a gente se reúne muito em várias instâncias, mas trabalhando muito a questão das políticas públicas porque a gente desde então está trabalhando o Plano Municipal [do Livro, Leitura e Biblioteca]. Então 2014 a gente começa esse trabalho em cima do Plano Municipal buscando tudo que diz respeito a estar trabalhando o Plano. Hoje já conseguimos montar a comissão e agora vamos para outras etapas até chegar a sua aprovação.

É importante ressaltar que a Rede Leitora Terra das Palmeiras realiza seminários anuais para a discussão das demandas das bibliotecas, com a presença de palestrantes, mobilizando todos os colaboradores proporcionando o contato com o meio acadêmico estabelecendo parceria com o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

A equipe da *Rede Leitora Terra das Palmeiras* desenvolve um protagonismo social também fora das bibliotecas exercendo funções como conselheiro tutelar, representante do Conselho Municipal de Cultura e do Fórum

Permanente do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Maranhão (MARTINS, 2015).

A mediação é feita toda com base nos livros. As atividades são todas propostas pelos mediadores. Eu também proponho, mas a maioria quem elabora e pensa as atividades são os mediadores, mas eu dou sugestões se for preciso [...] às vezes eu chego e [a programação] já está pronta, aí eu não interfiro porque a ideia é deixar eles conhecerem mais o acervo e explorar esse acervo. [...] o mediador [...] tem que ter esse domínio do acervo porque ele que está direto no dia a dia com quem vai usar a biblioteca.

Os mediadores têm na bibliotecária uma referência de contato para trazer pessoas de fora para complementar as atividades, por exemplo, artistas e escritores, pois a mesma participa de eventos tanto em nível local como nacional estabelecendo relações com outras instituições.

7.1.4 Avaliação das ações

Avaliar as mediações a partir da ótica do bibliotecário é importante, pois esse profissional domina técnicas para incentivar a leitura e pode apontar os seus pontos positivos e negativos. Em razão da bibliotecária da *Rede Leitora Terra das Palmeiras* participar das mediações de forma indireta acompanhando o processo desde sua elaboração, foi possível expor a atuação dos mediadores, ressaltando a base política que eles recebem nas formações.

E assim, ao longo desse tempo tenho aprendido muito porque essa formação de todos nós é diária. Estamos aprendendo juntos, de 2013 para cá o que eu percebo é que houve um amadurecimento da equipe. Claro. Muitas pessoas já saíram, são poucas que desde 2013 estão até hoje, mas todos que passam, ou já passaram por aqui acabam levando um diferencial que é essa formação política, porque a base de todo esse trabalho também está na formação política dessas pessoas que são cidadãos e trabalham dentro das bibliotecas e, que na maioria, fazem parte também das comunidades. E é legal ter alguém que é mediador ou mediadora trabalhando na biblioteca que é morador do bairro. É bem melhor e até confortável para você explorar o bairro como um todo, para fazer as ações de mediação de leitura, de divulgação da biblioteca e dos trabalhos, um enraizamento comunitário.

A figura do mediador morador do bairro proporciona uma identificação e facilita a aproximação com a comunidade. “Percebe-se que tanto os

recursos dos órgãos públicos quanto os das organizações privadas não bastam para a implementação das bibliotecas comunitárias. Isso demonstra a importância da articulação e da ação dos seus líderes e da comunidade” (SILVA, 2014, p.45-46). Nos bairros com alto índice de violência é necessário alguém que conheça a região para transitar realizando as ações.

É inquestionável a importância das bibliotecas comunitárias e a sua atuação em rede. “A formação de um acervo bibliográfico para fins de apropriação da literatura, ações de mobilização da sociedade civil, reivindicação de políticas culturais e protestos contra a negação de direitos é a materialização de uma biblioteca engajada, virtual e potente” (SILVA, 2016, p.174).

Então o que eu vejo com relação aos projetos de mediação é que as bibliotecas comunitárias [...] fazem muito pelas comunidades, não fazem mais porque a equipe é pequena, mas fazem muitos projetos de mediação interessantes para a comunidade. [...] como estão localizadas em bairros periféricos a gente percebe que tem uma diferença quando surgem as bibliotecas, porque elas são ação. A comunidade e os leitores têm uma boa receptividade das atividades. Claro, nós estamos cada vez mais trabalhando para tentar aumentar o número de pessoas, mas esse é um desafio de toda biblioteca, essa questão de manter e aumentar o número de usuários através de suas ações, de seus empréstimos e debate dentro da biblioteca e atividades fora da biblioteca.

A dificuldade em manter a sustentabilidade das bibliotecas e ampliação da equipe impacta diretamente no alcance das ações. Ela avalia a recepção por parte da comunidade como boa, porém ainda tem muito a conquistar. Situação natural em um país em que a biblioteca não é valorizada pelo poder público, em especial, as que se encontram em espaços periféricos.

7.1.5 Participação dos leitores

A frequência dos leitores nas bibliotecas é ainda um desafio, pois manter quem frequenta e conquistar novos usuários é uma tarefa diária. Martins (2015, p.16) ao analisar comparativamente as duas redes leitoras da cidade de São Luís considera que elas ainda precisam estreitar os laços com as áreas onde estão localizadas “[...] no sentido de perceberem que as bibliotecas são comuns a todos e todas e não apenas o alunado, esta percepção é reforçada pelo fato das bibliotecas em sua grande parte estarem localizadas em escolas.” Algumas bibliotecas

conquistaram seu espaço independente, é o caso da Monteiro Lobato, pois sem a base de alunos das escolas, o desafio é maior para conseguir usuários.

Então isso nós percebemos no interesse que vai suscitando nas pessoas, mas os desafios são muitos - conquistar cada vez mais a comunidade [...] não só de quem lê, mas também de quem não lê para vir à biblioteca e fazer desse espaço um espaço de pertencimento. A ideia é essa e o trabalho ainda tem uma estrada longa pela frente, mas nós estamos desenvolvendo a cada dia, melhorando cada vez mais.

Sobre a relação com os leitores e a influência da biblioteca na vida deles não é possível detectar esses aspectos na fala da bibliotecária porque seu contato com público é esporádico. Ela, porém afirma:

[...] quem recebe esses depoimentos são os mediadores, mas às vezes eu estou na biblioteca e chegam os mais assíduos e começamos a conversar, mas eu não pergunto para eles sobre a questão da biblioteca. Nós falamos mais sobre obras, eu pergunto sobre o que eles gostam de ler, falamos sobre autores, títulos, sugestões de leitura, mas essa troca de experiência quem tem mais são os mediadores.

Como meta para o futuro a bibliotecária apresentou expectativas de crescimento do que vem sendo realizado, com características de um modelo ideal de uma biblioteca atuante.

Eu só espero que nós consigamos continuar com esse projeto e ampliar cada vez mais os serviços das bibliotecas, como ampliação do horário, dos recursos humanos porque nós precisamos das bibliotecas abertas também aos finais de semana fazendo alguma coisa, mas com o tanto de mediadores que nós temos ainda não dá. Nós temos feito ações e se continuar do jeito que está nós vamos melhorar cada vez mais, assim eu espero.

A biblioteca comunitária é um dos caminhos para atenuar a situação da leitura na cidade de São Luís. A fala da bibliotecária revela preocupação quanto ao futuro e aos desafios para se concretizar a ampliação dos serviços. Como já mencionado no referencial teórico o fomento representa a principal incerteza quando o Instituto C&A deixará de financiar a *Rede Leitora Terra das Palmeiras*, voltando-se para as atividades da indústria da moda, posteriormente a pesquisadora confirmou essa informação no *site* da referida empresa.

7.2 Vozes das Mediadoras de Leitura

O perfil nas duas bibliotecas pesquisadas é feminino em idade entre 34 e 47 anos, com graduação na área de Letras, sendo duas graduandas uma em Filosofia e a outra em Pedagogia. Todas as mediadoras possuem alguma experiência anterior com a leitura como professora das escolas, ou em projetos de incentivo à leitura em outras instituições. Como pode ser observado no Quadro 4.

Quadro 4 – Perfil das Mediadoras

Mediadoras	Idade	Escolaridade	Tempo de trabalho	Sexo
Adélia Prado	43 anos	Graduanda em Filosofia	4 meses	Feminino
Ruth Rocha	44 anos	Graduada em letras	4 anos	Feminino
Cora Coralina	47 anos	Especialização em língua portuguesa e inglesa Graduada em letras	4 anos	Feminino
Clarice Lispector	34 anos	Especialização em gestão, coordenação e supervisão escolar Graduanda em pedagogia	3 anos	Feminino

Fonte: Resultado da pesquisa

Os profissionais responsáveis pela mediação da leitura nas bibliotecas, inicialmente foram selecionados pela diretoria das escolas em conjunto com as gestoras das bibliotecas. As mediadoras inicialmente foram escolhidas entre os professores das escolas as quais as bibliotecas eram vinculadas, considerando aqueles com trabalhos realizados em sala de aula para incentivar a leitura. Após a necessidade de expandir o número de mediadores para dois, as bibliotecas estabeleceram parceria selecionando os mediadores oriundos das formações realizadas pela Biblioteca Pública Benedito Leite com o intuito de capacitar pessoas para trabalhar em espaços de leitura e pontos de cultura. A última mediadora a ser contratada passou por processo seletivo com entrevista e análise de currículo.

Com a caracterização do perfil das mediadoras que atuam nas duas bibliotecas, faz-se necessário primeiramente informar as categorias estabelecidas para esse grupo, são elas: 1) Atividades de Leitura, 2) Planejamento das Atividades,

3) Recursos Utilizados, 4) Conceito de Mediação da Leitura e 5) Frequência nas Bibliotecas.

7.2.1 Atividades de leitura

A leitura por muito tempo foi considerada um momento íntimo e solitário, “[...] aprender a ler, nesse sentido equivaleria a tirar um passaporte para o exílio, obter uma permissão para a auto-exclusão do leitor dos espaços públicos, da participação social efetiva [...]” (BAJARD, 1994, p.5). No entanto, o leitor iniciante precisa de ajuda para chegar até o texto e “[...] promover os encontros “cruzando” os textos que habitam o seu interior com aqueles existentes ao seu redor, porém quanto mais imaturo o leitor, mais precisará da colaboração de outro indivíduo para ajudá-lo na atividade de leitura” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008, p.67), evidenciando assim o papel do mediador.

Os leitores são classificados em três modelos baseados nas habilidades sensoriais, cognitivas e perceptivas do processo de leitura. O primeiro leitor é o contemplativo e tem como suporte somente o livro e as imagens estáticas, não exercendo interação. O segundo é o leitor de mundo que estabelece conexões com vários tipos de objeto, e o terceiro é o da virtualidade que por meio da tecnologia consegue ler diversas mídias (SANTAELLA, 1998), para cada tipo de leitor o mediador precisa adotar diferentes estratégias de aproximação.

A mediação da leitura ocorre no espaço das bibliotecas e fora delas com sugestões de leitura, narrativas e o uso das linguagens artísticas. O papel do mediador de leitura será aqui descrito por meio das ações desenvolvidas nas bibliotecas pesquisadas possibilitando detalhar como ocorre a mediação da leitura interna e externa à biblioteca como o Bingo Literário, Cineteca, mediação para bebês, *Projeto Ler Pra Mim: mediação para gestante*, Chocolate Literário, dentre outras.

Aqui nós desenvolvemos ações de leitura mensais, mediações constantes, temos externas com os parceiros e principalmente com o CRAS onde desenvolvemos ações com as gestantes. Na biblioteca nós temos férias [...] nos períodos de julho e janeiro, realizamos a Cineteca. Geralmente são três dias na semana ou às vezes dois e nós elaboramos essas atividades como filme, bingo, chocolate literário (Cora).

Nós também trabalhamos com o Bibliocine, fazemos os convites com antecedência. Convidamos os alunos, a comunidade e todos que participam da biblioteca, colocamos a propaganda do filme lá fora para todos terem acesso e no dia nós fazemos ou aqui ou lá fora, mas antes nós fazemos uma mediação de leitura voltada para o filme. Não é obrigado ser exatamente do filme, mas que tenha relação e seja leitura. Depois disso, eles assistem o filme, nós distribuimos pipoca e é sempre com essa intenção que as pessoas venham e se tornem leitores críticos (Ruth).

No Chocolate Literário nós convidamos os leitores escolhemos alguns livros e tipos de chocolate como o meio amargo, ao leite. Como eles já conhecem o acervo, nós perguntamos qual o livro que tem determinado sabor, se é quente, se é um livro que ele gostou e que se animou ou um livro amargo que ele não gostou muito e eles explicam o porquê (Cora).

Temos a mediação de leitura para bebês que nós fazemos sempre e até duas vezes no ano porque têm outras atividades, nós organizamos todo o nosso espaço, fazemos adaptações para os bebês, trazemos eles para a biblioteca. Fazemos mediação de leitura com livros que chamem a atenção deles, também temos uma parceria com o CRAS da Cidade Olímpica e fazemos mediação de leitura para gestantes que é o incentivo da leitura para que elas possam fazer da gestação até o bebê nascer. Nós também fazemos até duas vezes ao ano, então nós começamos a estimular as gestantes e quando elas têm o bebê nós ainda vamos mais uma vez lá que é marcada essa reunião e elas gostam muito porque levamos [...] informações para elas e nós fazemos de um jeito dinâmico que elas gostam e que possam participar, então nós temos essa parceria lá e já é uma ação que fica no nosso calendário (Clarice).

As ações externas representam uma aproximação entre biblioteca e comunidade, extrapolando as barreiras físicas e alcançando de fato os mais diversos públicos. “A realidade de hoje exige da biblioteca o estabelecimento de objetivos e funções moldados às necessidades do meio, dentro de um processo contínuo de interação e ajustamento de interesses, que justifique sua existência” (MÜLLER; FORTES, 1996, p.35).

Também fazemos a leitura de enraizamento que no caso é a leitura fora da biblioteca. Nós fazemos leitura em ônibus, em prédios, em praças, associações, feiras, onde nós somos convidados nós estamos lá dispostos a fazer a leitura, também fazemos leitura de calçada, e são várias formas que nós trabalhamos para desenvolver a leitura junto ao leitor (Ruth).

Os sujeitos envolvidos nesses projetos almejam uma sociedade democrática, ou seja, “[...] se perceber no espaço geográfico que ocupa,

compreendendo seu próprio significado e responsabilidade na permanente reconstrução e melhoria desse espaço com vistas ao bem comum e uma melhor qualidade de vida” (CUNHA, 2006, p.99).

Cada vez mais a biblioteca precisa ser dinâmica, e, esse é o intuito a ser alcançado ao realizar o enraizamento comunitário, proposto pelo *Programa Prazer em Ler*. As mediações externas funcionam como vitrine dos produtos e serviços em locais que o leitor jamais imaginaria que a biblioteca pode estar presente.

Esses agentes atuantes nas bibliotecas comunitárias querem pensar politicamente, no bem comum, pela denúncia da falta de efetivação das bibliotecas oficiais junto à população, pois mesmo com poucos recursos, realizam o estímulo e a articulação no sentido de criar mecanismos que garantam as portas da biblioteca abertas ao público oferecendo a oportunidade da comunicação com os materiais disponíveis, sejam estes, livros, revistas ou eventos (MADELLA, 2010, p.149).

As duas bibliotecas desenvolvem também ações em parceria com as escolas realizando as mediações em sala de aula. É importante essa relação para que os alunos aprendam em sala de aula e aprimorem na biblioteca. “Porém, cuidado: literatura não é para ser explicada, mas sentida! Literatura não deve ser pretexto para ensinar, mas sim motivo para partilhar” (BORTOLIN, 2013, p.429)

Eu faço a interligação com as aulas na escola porque eu sou professora de lá no período da manhã e faço mediação da leitura lá e eu percebo que meus alunos se interessam ou eu trago a turma para cá ou levo os livros para a escola e isso tem melhorado muito o desempenho deles. Por conhecer o acervo eu acabo também ajudando a planejar as atividades da escola e faço indicações para as outras professoras (Ruth).

Aqui na escola nós incentivamos desde o maternal, vamos para lá fazemos contação e aqui nós temos carteiras de leitores do maternal, eles vêm aqui pegar livro então nós incentivamos os pais a fazerem a carteirinha porque é um incentivo, eles aprendem a ler mais rápido. Eles às vezes levam livros só de imagens, eles inventam a história olhando a imagem, não tem texto é só imagem, e eles colocam o pai e a mãe para fazer a leitura para eles. Então os pais leem uma vez e depois eles criam a história. O importante é isso, nós incentivamos [...] que ficam com tanta sede de querer saber o que tem na história que se torna mais fácil para eles aprenderem a ler. Aqui nós passamos por todas as salas fazendo mediações, incentivamos os pais, nas reuniões estamos sempre falando para tirar a carteirinha dos filhos para que ele possa ir à biblioteca e levar um livrinho no final de semana para que possa ler (Clarice).

As mediações de leitura visam incluir todas as faixas etárias desde as gestantes e são realizadas em diversos locais, pensar em cada detalhe para construir um calendário mensal de ações é responsabilidade dos mediadores. A apresentação desse planejamento permitirá desvelar a preparação do mediador para se aproximar dos leitores.

7.2.2 Planejamento das atividades

A mediação de leitura pode ocorrer de forma espontânea quando há a indicação de um livro ou programada em atividades de leitura que envolvem narração de histórias e utilização de recursos audiovisuais. Toda mediação requer um planejamento e a consideração de alguns critérios para que haja um efeito sobre o público que a receberá.

Os mediadores de leitura das bibliotecas pesquisadas expuseram como ocorre o planejamento das atividades tanto internas como externas, cada um desses profissionais é responsável por elaborar seu calendário de ações que será incorporado a programação da *Rede Leitora Terra das Palmeiras*, como descreve Cora:

Eu participo de todas as atividades, nós fazemos um plano de ações para depois executar e trabalhar com as crianças e os jovens fazendo a mediação, a brincadeira. Nós fazemos todo um processo para depois executar (Cora).

Adélia elenca os critérios adotados por ela ao pensar em uma atividade demonstrando o foco no leitor. Os mediadores são responsáveis também pela rotina da biblioteca e isso possibilita o contato diariamente com os leitores, o que facilita conhecer cada um dos frequentadores e suas famílias, visto que é solicitado aos menores de idade o acompanhamento de um responsável.

Esse planejamento contempla faixa etária, público, relação de classe. Dialogamos com o contexto do público. Então o planejamento tem toda uma preocupação com o contexto de quem é esse público, o que interessa a esse público é diagnosticado. [...] fazemos a seleção das obras que tem a ver com esse público, de autores nacionais e estrangeiros (Adélia).

A mediadora Cecilia pensa o planejamento apoiada na execução das atividades definindo inicialmente os recursos que irá utilizar e de que forma estes irão ajudar na condução das atividades.

Quando é atividade interna eu penso no recurso que vou usar, nas dinâmicas que eu vou fazer e na literatura, esse é o meu planejamento, mas sempre tem que estar dentro do calendário para que tanto eu como a outra mediadora que trabalha pela manhã e a bibliotecária também tenham acesso para saber quais as atividades estão sendo realizadas. (Cecília).

As atividades externas ocorrem em parceria com outras instituições, em dias pontuais como realização de ações sociais ou em alguma data comemorativa, torna-se mais difícil definir o planejamento de acordo com as necessidades dos usuários, pois não há contato com o público antes da data marcada.

[...] quando é atividade fora tem [...] uma reunião, os parceiros marcam a reunião nós vamos lá e marcamos a data e planejamos como vai ser feita aquela atividade, o que cada um vai fazer para na hora estar preparado para desenvolver a atividade proposta (Ruth).

[...] ações externas [...] de acordo com o local conversamos com o responsável para conseguir elementos para elaborar, porque aqui é mais fácil saber o que eles gostam porque eles estão sempre aqui pegando livro, mas eles têm participação nas escolhas (Cora).

Em relação a demanda das atividades internas elas seguem as datas comemorativas e períodos de férias. No entanto, apesar da autonomia que a biblioteca comunitária concede ao leitor para que esse possa manifestar suas vontades, a decisão de realizar essas atividades ainda é da equipe de mediadores.

Sobre as escolhas das leituras e planejamento das atividades ainda estamos trabalhando com a coisa do “nós”, ainda falta esse amadurecimento, já temos uma sensibilidade, já temos uma disposição para isso. Nós ainda oferecemos, vamos fazer assim, vamos trabalhar com isso, ainda parte do corpo da biblioteca para o público e não do público para a biblioteca, e acho que isso em todas as instâncias, mas anotamos as sugestões de livros que eles querem, os pedidos sobre determinados livros, já fazemos essas anotações para que a gente possa responder a essa demanda (Adélia).

Na elaboração das ações nós sempre temos a participação deles principalmente no período de férias que é o mais movimentado então aproveitamos para pedir que eles deem sugestões de que filme eles querem assistir e se tem alguma atividade eles têm participação (Cora).

Os leitores podem opinar durante esse processo de planejamento, mas possivelmente não sentem a leitura como algo presente no seu dia a dia, portanto eles estão em processo de amadurecimento. “Se na biblioteca o usuário tem a possibilidade de pronunciar a sua própria palavra, tem uma influência sobre quais os livros que compõe o acervo, se sente apto a ter opinião, ele poderá tê-la igualmente em outras atividades” (FLUSSER, 1983, p.160).

É possível afirmar que é preciso quebrar essa barreira de isolamento. Esse é um ponto que precisa de mais atenção nas bibliotecas, indo além do caderno de sugestões utilizado como base para a aquisição de livros. De acordo com Cora a comunidade está se envolvendo, mas ainda de forma tímida.

Nós teremos uma oficina de estética tanto corporal como cuidados de saúde e é com uma mãe de um leitor. [...] conversando se propôs a fazer uma atividade em que [...] vai falar sobre como cuidar da pele e nós vamos casar isso com uma literatura para apoiá-la. Isso é uma coisa que está começando, não se pode dizer que isso já existe e que as atividades partem deles e dessa demanda do público leitor (Adélia).

Esse envolvimento dos leitores no planejamento das mediações de leitura é importante, entre outros fatores, pode despertar o sentimento de pertencimento em relação a biblioteca seja incorporado por eles.

A nossa intenção é fazer com que as pessoas, não somente a criança e o adolescente, mas também o adulto e a dona de casa também tenham essa vontade de vir para conhecer esse mundo mágico da leitura. Para isso nós criamos estratégias conforme o público que vai ser atendido (Ruth).

Nas mediações de leitura pressupõe-se que o mediador tenha domínio das técnicas de leitura, e conseqüentemente, do que será narrado. Outra tarefa é selecionar livros de interesse do leitor, pois os principais problemas que afastam os leitores das bibliotecas é o conteúdo do acervo distante do que o leitor busca, com temas que não os motiva, a falta de conhecimento do mediador para sugerir outras leituras e o excesso de regras para ter acesso aos livros (CARVALHO; GESTEIRA, 2006). Portanto, o planejamento também perpassa pelo conhecimento do acervo, tanto nas mediações internas quanto externas.

Eu parto do acervo, porque esse diálogo da minha preparação para as atividades é com o acervo, depois essa obra tem que ser encontrada. Então fazemos toda uma análise do que temos para determinado público e a própria classificação já ajuda muito nisso, esse aqui é para o público juvenil, isso é para adulto, e sai sim do acervo da biblioteca. Eu faço questão que seja com livros da biblioteca (Adélia).

Nós usamos o acervo da biblioteca, mas não levamos só acervo infantil, tem que ser diversificado, com literatura juvenil e adulta porque lá vai ter todo tipo de público, a criança o idoso. E nós já fizemos leitura em um campo de futebol e levamos livros falando sobre esportes e por meio da literatura que eles têm aptidão nós podemos inserir outros livros, essas ações são só para iniciar, depois nós continuamos o trabalho. (Ruth).

“A ‘leitura em voz alta é partilhável’. Ela comunica emoção e através dessa o gosto de ler” (BARJAD, 1994, p.50), precisando ser avaliada e aprimorada como relata a Clarice.

A gente sempre aprende e é uma experiência muito boa porque uma mediação nunca é igual a outra, como eu falei eu sempre leio os livros, eu sempre vejo quais são os temas que iremos abordar. Eu leio para mim porque eu tenho que entender o que eu vou passar então para mim é sempre uma nova experiência e uma nova aprendizagem, cada atividade que a gente vai fazer nunca é igual a que foi feita, às vezes a expectativa é grande e não é exatamente como estávamos esperando, às vezes ultrapassa o que nós estávamos esperando (Clarice).

O discurso das mediadoras demonstra que os critérios para a elaboração do planejamento são subjetivos, cada mediador usa a sua criatividade, considerando como se sente à vontade durante a condução das atividades, seja utilizando somente o livro, ou outros recursos como fantoche, fantasias e objetos, logo se faz necessário apresentar os recursos que elas informaram utilizar.

7.2.3 Recursos utilizados

A mediação de leitura nas bibliotecas parte do que está disponível no acervo, servindo também como instrumento de divulgação tanto interna quanto externa. As atividades envolvem a narração de um texto pelo mediador, com a função de prender a atenção do público presente.

O comportamento de sentar-se para narrar histórias ou sonorizar a escrita não é uma tarefa totalmente confortável, pois o narrador fica exposto diante de diferentes leitores. E não estamos falando apenas da exposição corporal que, em um tímido leitor-narrador, é uma dificuldade a ser superada; falamos, por exemplo, da exposição das nossas escolhas, que são desnudadas publicamente quando demonstramos preferir ler em voz alta um determinado texto em detrimento de outro (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p.211).

A escolha do texto e dos recursos usados durante todo o desenvolvimento da mediação é subjetiva. Nas duas bibliotecas observou-se que possuem recursos audiovisuais e multimídia valorizando a tecnologia que também deve estar presente na biblioteca comunitária. Araripe (2014, p.94) propõe uma reflexão sobre a formação do acervo a partir dessas experiências pessoais do leitor “[...] na perspectiva de uma leitura que está na escrita e além da escrita: nos livros, nos filmes, nos cheiros, nos gestos, no olhar, na cidade, na casa, na rua, na fotografia, nas lembranças, na memória.”

As experiências relatadas na literatura biblioteconômica apontam que devem ser exploradas no ambiente das bibliotecas as artes como o teatro, a pintura e a música estimulando a elaboração de produtos fruto do imaginário dos leitores porque “[...] a biblioteca é esse lugar: um locus de leitura e também de criação, de inventividade; um lugar de encontro, de convivência e de produção do saber, da memória, da tradição e da cultura” (FEITOSA, 2014, p.117).

[...] usamos todos os recursos, cinema, todas as linguagens, a leitura ela passa por um quadro, por artes plásticas e nós exploramos isso. A leitura está mais do que nos livros e nós exploramos das artes plásticas a cultura popular usamos todas as linguagens (Adélia).

[...] fazemos leitura com fantoches, roda de leitura com as crianças ou adolescentes [...] também fazemos história cantada, a leitura com dinâmica e utilizamos vários recursos. (Ruth).

[...] sempre intercalamos um cinema, uma atividade extra para que eles possam estar na biblioteca e são filmes que eles sugerem e geralmente são filmes baseados em livros, nós temos uma lista de filmes e sempre procuramos baseados nos livros que temos aqui. Vemos aquele que ainda não foi exibido ou que eles gostariam de ver e sempre deixamos que eles optem por o que eles estão querendo assistir. Aqui nós temos também nossa contação de história [...] às vezes fazemos fora. Nós organizamos tudo para fazer as nossas contações de história e nossas atividades são tanto dentro da biblioteca quanto fora [...] (Clarice).

A mediação da leitura a partir desses recursos está pautada na cultura popular e na informação utilitária, esses elementos são importantes para fortalecer os valores e tradições. “É preciso um lugar para resguardar essa riqueza que é a cultura humana. Um lugar onde essa cultura possa ser lida, possa ser consultada, recriada, atualizada e onde a cultura possa ser ampliada” (FEITOSA, 2014, p.117). A informação utilitária também é mediada nas bibliotecas, trazendo assim para a biblioteca aqueles que não estão mais em idade escolar.

Se for dona de casa, nós fazemos o convite e chegando aqui nós fazemos uma leitura de receita e preparamos o bolo que elas mesmas fizeram, mas sempre com uma leitura ali presente (Ruth).

[...] nosso espaço é feito de literatura então quando chega na época de vestibular nos corremos para ver quais os livros que estão sendo pedidos para o vestibular e nós já temos aqui. Nós corremos atrás para que quando eles procurem venham direto para cá saber se temos esses livros, e possamos atender porque já vimos a lista, já procuramos e já deixamos a disposição porque nós sabemos que eles virão (Clarice).

As bibliotecas funcionam como ponto de encontro da comunidade, é importante ressaltar que as mediadoras têm fundamental importância, escolhendo o melhor recurso para alcançar os leitores, pois algumas também são moradoras dos bairros e conhecem as problemáticas vivenciadas por eles.

A seguir serão apresentados os conceitos que as mediadoras têm da mediação da leitura, seja no aspecto teórico, seja no cotidiano.

7.2.4 Conceito de mediação da leitura

Para Davallon (2003, p.43, tradução nossa) “[...] o conceito de mediação aparece quando há necessidade de descrever uma ação envolvendo uma transformação da situação ou o dispositivo de comunicação, e não uma simples interação entre elementos já constituídos”. Desenvolver mediação de leitura requer o entendimento não só da leitura como interpretação de texto, mas do seu papel como formador de leitores sempre respeitando os limites de quem irá receber a mediação.

Conforme considera Motoyama, Santos e Silva (2017, p.27) a mediação envolve três diferentes perspectivas que em conjunto formam leitores: “[...] as bibliotecas seriam a primeira dimensão, a leitura e, conseqüentemente, os livros,

estariam na segunda dimensão e os mediadores (autores, bibliotecários, colegas, familiares, dentre outros) ficariam na terceira dimensão”.

O *Programa Prazer em Ler* do Instituto C&A está pautado em quatro eixos para o fortalecimento das bibliotecas e um deles é a mediação. Os cursos de curta e longa duração ministrados por profissionais de outras instituições locais e também por consultores do Instituto têm em vista desenvolver esse conceito.

Dentro do mês nós temos muitas reuniões e muitas formações como agora nós temos um projeto de fortalecimento da rede de bibliotecas comunitárias, ele tem 360 horas e é voltado para os mediadores. Esse projeto visa mostrar qual o papel do mediador dentro da biblioteca e é necessário realmente ter um mediador porque a partir do momento que vem uma criança nós podemos auxiliar explicando quais são os gêneros [de textos], porque quem não conhece não sabe qual o motivo de ter essas fitas [classificação por cor] e os mediadores sabem, e nós explicamos o que é literatura fantástica, qual é a literatura de terror, poesias, literatura clássica e todo tipo de leitura. Nós vamos apresentando para eles qual é a infantil, qual é a juvenil, a adulta. O nosso papel é esse de falar da biblioteca e fazer as mediações. De forma direta ou indireta nós acabamos alfabetizando as crianças, como alguns que são leitores assíduos, tanto alunos da escola como da comunidade que estão sempre aqui (Ruth).

A mediadora Ruth exemplifica como a mediação se estabelece durante a rotina da biblioteca, pois o leitor precisa de uma referência para guiá-lo e apresentar a organização, porque mesmo sendo utilizada a classificação por cores não é algo familiar para eles. Adélia aponta como a mediação se manifesta na sua prática.

A mediação pode vir como uma contação de história, teatro, essa mediação pode ser como uma roda de leitura, uma roda de conversa, pode se dar com brincadeiras - Brinconto cada um conta um conto de maneira divertida. Muitas formas de se fazer mediação e nós exploramos todas as que temos acesso (Adélia).

As ações e a utilização dos recursos são importantes para ampliar o público e movimentar as bibliotecas, mas a mediação deve ser desenvolvida de forma contínua. O fato de conhecer os leitores e suas práticas de leitura facilita perceber as dificuldades e, para futuro, torná-lo independente.

O meu processo é diário, estou aqui todos os dias de segunda a sexta e estou sempre fazendo essa mediação entre o livro e o leitor. Existem aqueles que vêm e ainda estão indecisos sobre o que levar e aí eu já faço a mediação indicando um livro, falando sobre alguns livros e dando sugestões para eles [...] chegam e falam – tia eu já li tais livros e perguntam quais outros livros bons. Então eu faço esse intercâmbio (Cora).

Questionar essas pessoas sobre o conceito de mediação da leitura permitiu visualizar como elas entendem o seu trabalho e suas responsabilidades perante o leitor, cada aspecto proferido deixa evidente o resultado das formações. Os mediadores externalizaram tanto a teoria quanto a aplicação prática.

A mediação é um intercâmbio de um assunto, de uma notícia de um conhecimento pode se dizer. Então a mediação [...] se dá como uma troca [...], assim o mediador é essa pessoa que vai fazer a ponte entre o que deverá ser lido, entre a leitura e o leitor. A mediação é a ponte entre a leitura e o leitor, entre o texto e o leitor. E está presente nas experiências vividas por mim, ela se dá nesse processo da atividade laboral, ela é constante e presente. A mediação é a força motora do trabalho (Adélia).

A ideia de ponte apresentada por Adélia contraria a definição da mediação como algo dinâmico, que exige vários movimentos para alcançar o leitor. “[...] as ações desenvolvidas no processo de mediação são contínuas e de mão dupla. O homem transforma seus saberes, mas também é influenciado e transformado durante o processo” (MOTOYAMA; SANTOS; SILVA, 2017, p.29).

[...] o papel do mediador é ficar observando, eles vão lendo e vão colocando a própria opinião sobre a leitura. Nós não podemos opinar muito, mas temos que estar abertos a escutar, e nós vamos discutir, conversar. [...] jamais eu posso dizer se está certo ou errado. Nós estamos aqui para trocar ideias, buscar, ler, descobrir, é mostrar caminhos que eles podem seguir e nós fazemos isso por meio da leitura até que eles consigam seguir sozinhos buscando prazer na leitura e conhecendo um mundo diferente (Ruth).

Eu entendo que a mediação [...] da literatura [...] você escolhe um livro de acordo com o público e vou lá mediar aquela história para eles. [...] é diferente mediação de contação. Eu observo que eles ficam curiosos [...] quando nós fazemos isso. Mostramos a imagem, e principalmente com crianças, eles [...] [querem] pegar o mesmo livro que nós fizemos aquela mediação. Eu acho que a mediação ajuda a incentivar a leitura e que a criança ou o adolescente peguem um livro para ler [após sua realização]. Você media (sic!) aquele livro depois fala da biblioteca e a mediação tem esse papel de fazer com

que eles se interessem para vir a biblioteca e não só ver aquilo que você mediou, mas também outros livros (Cora).

É a ligação que nós fazemos do livro ao leitor. Então no momento que nós estamos fazendo a mediação de leitura, quando elas gostam, geralmente elas chegam e falam tia reserva logo esse livro para mim [...] quando um leva, o outro já fica - tia qual um outro livro melhor (Clarice).

Infere-se que cada conceito representa uma face na mediação, mas é ponto convergente que é uma troca após a interação com o leitor, ajudando nas escolhas e muitas vezes reforçando o trabalho da escola, mas de forma lúdica, incentivando a presença na biblioteca e no momento do empréstimo.

7.2.5 Frequência e participação nas bibliotecas

Em um país como o Brasil com desigualdades sociais alarmantes tornar a biblioteca em um local de convivência e lazer requer um trabalho contínuo e com várias frentes de atuação. “[...] nos bairros mais afastados e nos cinturões de pobreza que se desenvolveram à margem de alguns bairros mais centrais, surgem iniciativas comunitárias voltadas ao desenvolvimento da população, por meio do livro e da leitura” (ALMEIDA; MACHADO, 2006, p.4).

A equipe de cada biblioteca pesquisada é pequena comparada às dimensões dos dois bairros, portanto os resultados podem vir somente a longo prazo. Manter uma biblioteca necessita de recursos humanos e financeiros onerosos. Essa vem sendo a principal dificuldade das bibliotecas comunitárias para se manterem funcionando e com ações frequentes. Os projetos sociais e os editais de fomento são os principais meios para obter a sustentabilidade o que limita a expansão dos serviços.

Eu acho que o que falta é uma abertura de divulgação ampla, uma relação com a comunidade mais forte. Eu sinto muito ainda essa necessidade, mas eu acho que essa necessidade também é fruto de um caminho, nada nasce pronto. [...] as bibliotecas comunitárias que eu conheço eu não as sinto prontas. Elas estão bem distantes, elas começaram a caminhar, já engatinharam e começam timidamente a andar, essa é uma verdade que eu sinto. [...] uma das coisas que faltam é uma abertura maior, um diálogo maior com a comunidade que eu acho que vai acontecer e está se amadurecendo para que isso ocorra (Adélia).

Adélia reconhece o trabalho realizado pela biblioteca comunitária e demonstra em sua fala o desejo de estar mais próxima de quem precisa, mas o número insuficiente de mediadores e funcionários não permite atender um maior número de usuários. Além do dia programado para o funcionamento, em outras ocasiões a biblioteca também fecha em decorrência das formações e das atividades externas impactando na frequência.

[...] se tiver os projetos frequentes a casa enche e é muito bom de ver. Têm horas que está esvaziado, essa frequência é menor. A participação ainda é tímida, ela ainda não está de acordo com o potencial da biblioteca, ela ainda não está dialogando com a comunidade em razão dessa ausência do mediador dentro da biblioteca, que é fruto de uma sustentabilidade. A biblioteca ainda não tem recursos para trabalhar com um número ideal. O ideal seria ter dois mediadores por turno, assim quando um estiver fora, não há uma negligência (porque quando o mediador está fora é em razão da biblioteca). A ideia é que se está trabalhando para fazer tudo melhor, então as bibliotecas não conseguem sustentar dois mediadores por turno e isso reflete diretamente na frequência da biblioteca (Adélia).

Ter uma biblioteca com acervo atualizado com o que há de mais recente na literatura representa um privilégio, e a comunidade precisa obter essa consciência sobre esse projeto e utilizá-la. “Nesse sentido, a biblioteca tem tudo para estar na vanguarda da luta contra a exclusão social se conseguirmos aliar o acesso a tecnologias da informação, o texto escrito e a comunicação a uma orientação voltada para o educativo, o organizativo e o produtivo” (MACHADO, 2005, p.116).

Eu percebo que [a biblioteca comunitária] é ativa, por exemplo, no final da tarde vêm os alunos das escolas próximas, e também moradores da comunidade. Eles têm uma preocupação com a biblioteca permanecer aqui e eles falam que no nosso bairro só tem essa biblioteca comunitária e que tem dado acesso a eles a ler livro. [...] eles não têm condições de comprarem e a biblioteca veio com essa intenção de facilitar ao cidadão leitor ter acesso a esses livros que são caros. [...] Nós compramos ou recebemos de doações e é perceptível o prazer que eles têm de vir, de ler, de levar o livro emprestado e como eles se sentem tão bem aqui nesse espaço (Ruth).

Avisou: eles estão aqui em peso! Vem no horário certo participam direitinho e quando nós precisamos que eles participem de uma atividade fora nós pedimos a autorização dos pais e eles deixam e é sempre bom o empenho deles quando falamos que vai ter ação e em poder participar (Clarice).

O período com maior participação é nas atividades de férias realizadas em janeiro e julho, onde é montada toda uma estrutura de funcionamento com mediações de leitura nos dois turnos, entre elas: narrações, jogos, cinema e outras ações para tirar as crianças de uma situação de vulnerabilidade social.

[...] temos bastante participação principalmente no período de férias que nós fazemos toda uma programação com divulgação e eles já sabem que nesse período tem atividade. A participação é excelente tanto externa quanto interna porque é o mesmo processo. Quando fazemos atividades externas aí nós vamos ao espaço, falamos com o responsável qual é o nosso objetivo, e marcamos o dia e a hora e a partir disso fazemos a divulgação e em seguida o trabalho de mediação de leitura, e tem dinâmica (Cora).

O trabalho de divulgação é outro ponto importante, na *Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria* por estar dentro da escola agrega um público maior, pois o aluno está na escola e pode ir à biblioteca durante o recreio. Isso não é possível na *Biblioteca Monteiro Lobato* que se localiza em frente à escola sede, mas, por questões de segurança, as crianças não podem se deslocar sozinhas.

Quando nós fazemos atividades nós sempre incluimos a comunidade, porque embora a biblioteca seja dentro da escola ela é aberta para a comunidade. Então quando fazemos atividades já vem sendo convidada a comunidade para vir para cá e como a biblioteca está dentro da escola os alunos também participam, mas as ações não são restritas só para a escola elas são para todos, comunidade e para quem quiser participar. Nós temos pais também, não são só crianças e adolescentes (Clarice).

Para melhoria das ações e do desempenho dos mediadores a frequência e participação dos leitores devem ser avaliadas constantemente. A biblioteca comunitária Monteiro Lobato e o Portal da Sabedoria estão situados em áreas com vulnerabilidade social, como alto índice de violência e uso de drogas, influenciar positivamente a comunidade é oferecer perspectivas de futuro, como ressalta Candido (1972, p.84):

As camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente.

Essas transformações serão possíveis somente se o livro conseguir chegar até onde o leitor está, portanto as instituições não devem atuar isoladamente. “A biblioteca deve se constituir em território criativo, inventivo e inovador aliada aos movimentos de garantia de direitos, e aberta ao múltiplo, à diversidade e a experiência estética” (SILVA, 2016, p.125). As mediadoras confirmaram essa troca ao mencionarem alguns casos em que perceberam a influência da biblioteca na vida dos leitores.

Muitos dos nossos leitores sempre falam que depois que passaram a frequentar a biblioteca mudou a forma de verem o mundo. Mudou o vocabulário e a forma de falar, por exemplo, tem crianças aqui que não sabiam ler, mas vindo para cá começaram a desenvolver a leitura e o Hércules é um desses que aqui sozinho folheando os livros conseguiu aprender a ler, então nós percebemos que a biblioteca tem influência positiva na vida dessas pessoas (Ruth).

Nós temos leitores que começaram bem crianças e eram alunos da casa e frequentavam quando ainda era espaço de leitura e ainda continuaram vindo e hoje alguns deles já são universitários, mas não deixam e sempre que podem eles vêm aqui porque é um espaço que eles sabem que podem encontrar uma literatura agradável. Estão sempre por aqui, não esquecem não abandonam apesar de estarem na faculdade. A maioria deles sente falta e agradecem pelo espaço, pelo apoio que foi dado aqui, porque aqui eles puderam participar, aprender também bastante (Clarice).

O exemplo, a seguir, narrado pela mediadora Cora demonstra o envolvimento das famílias reforçando a mediação da leitura em família. Isso demonstra que o livro ocupa o espaço de um dispositivo de apropriação cultural. Ilustra o poder que a leitura tem, mas que a falta de estrutura econômica e social impede de alcançar público maior.

Olha têm vários casos, tem de avó que quando trouxe as crianças que estão no primeiro ano se envolveu e pegou livros. Tem um bem interessante que é de uma leitora que ela veio com a filha, depois passou a pegar livro para ela, depois passou a pegar para o filho e depois o marido em casa começou a ver eles todos lendo enquanto ele via televisão - falou essa leitura de vocês parece ser muito interessante! e pediu para a esposa pegar também um livro para ele. Então hoje os quatro vêm pegar livros juntos e não ficam mais assistindo televisão. Achei legal que o envolvimento deles foi aumentando, têm vários comentários de pais, avós tios que vem dizer que a pessoa melhorou e que deixou de ir para a rua (Cora).

O enraizamento comunitário desenvolvido pelas bibliotecas está representado a seguir quando o leitor manifesta a simbologia da importância do espaço para ele e permanência dela no local em que está hoje. Essa identificação ao sentir-se confortável e acolhido na biblioteca representa a aceitação do trabalho desenvolvido pelas bibliotecas e pela *Rede Leitora Terra das Palmeiras*.

Uma experiência bem bacana é quando um leitor chegou e ele viu uma placa de venda da biblioteca [fora da biblioteca], porque a casa, a estrutura física ela deve mudar em breve e espera-se até um lugar maior. O leitor perguntou o que era essa placa e eu expliquei que nós vamos mudar e ele lamentou [...] dizendo: não eu gosto é dessa, ou seja, tinha uma apropriação e isso foi bem bacana de observar, havia um sentimento de pertencimento, isto me pertence e eu pertence a isto. Era claro isso. E foi muito bom ver essa identificação entre o leitor e a biblioteca. Percebemos a preocupação dele em justificar que estava tudo bem com o espaço, tudo lindo e não precisava mudar nem mexer em nada, foi bem significativo observar o sentimento de pertencimento e identificação com o espaço (Adélia).

Esse público excluído socialmente tem na biblioteca comunitária o local para se manifestar. “Com finalidade, estrutura e dinâmica semelhantes à biblioteca pública, essa categoria de biblioteca tende a se firmar pela possibilidade de melhor atender à comunidade a que serve, com a qual se identifica e interage” (CUNHA, 2006, p.102). Portanto, as bibliotecas comunitárias Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria contribuem para formar leitores por meio da mediação com textos literários e disponibilizam acervo que estão de fato sendo utilizados. Por meio de observação nas bibliotecas percebemos o lançamento de cordel pelos leitores na Feira do Livro 2017.

7.3 Vozes dos Leitores

O total de entrevistados são oito leitores, sendo o perfil deles predominantemente feminino, com apenas dois meninos. A delimitação de idade para participar da pesquisa foi entre 10 e 14 anos determinando a heterogeneidade tanto de faixa etária quanto de escolaridade dos selecionados. Os leitores são moradores do entorno das bibliotecas, oriundos de escolas públicas, sendo que alguns iniciaram sua vida estudantil nas escolas parceiras das bibliotecas.

Quadro 5 – Perfil dos Leitores

Monteiro Lobato	Idade	Escolaridade	Sexo	Tempo que Frequentava
Bela	14 anos	9º ano	Feminino	3 meses
Mulan	13 anos	7º ano	Feminino	1 ano
Pocahontas	10 anos	5º ano	Feminino	1 ano
Hércules	10 anos	4º ano	Masculino	2 anos
Portal da Sabedoria	Idade	Escolaridade	Sexo	Tempo que Frequentava
Mégara	14 anos	8º ano	Feminino	2 anos
Jasmine	13 anos	8º ano	Feminino	4 anos
Malévola	10 anos	4º ano	Feminino	Não informado
Aladdin	12 anos	7º ano	Masculino	Não informado

Fonte: Resultado da Pesquisa

A narrativa foi obtida por meio de entrevista, sendo gravada e transcrita respeitando a linguagem dos leitores e grafada em itálico. Vale destacar que trechos não significativos para a pesquisa foram suprimidos. A partir do agrupamento e análise das sentenças foi possível identificar a mediação da leitura nas categorias elencadas, isto é, Importância da biblioteca, Atividades de Leitura, Gêneros de Leitura e Importância da Leitura.

7.3.1 Importância da biblioteca

A primeira categoria analisada refere-se a importância da biblioteca para os entrevistados, enfatizando a relação que os leitores mantêm com esse espaço. O sentimento de pertencimento que a biblioteca comunitária desperta é o fator relevante para perpetuar sua vida útil “[...] ao agregar em sua missão o desenvolvimento social e pessoal será, absolutamente, um dos principais agentes transformadores da sociedade, elevando o capital humano, cultural e educacional de seus usuários ao longo da vida” (SENNA; PRADO; BARBOSA, 2015, p.166), cabe aos leitores validar a aceitação. Nas falas aqui apresentadas, os leitores demonstram essa identificação com as bibliotecas.

Eu acho que aqui é bem interessante, já que é um lugar onde as pessoas podem vir trocar, deixar, doar livros e eu acho importante para a comunidade ter uma biblioteca. (Bela)

Eu vim no primeiro dia, depois o segundo e aí eu comecei a vir todos os dias. (Mulan)

Quando eu estou aqui eu me sinto muito à vontade e tem várias brincadeiras, mediação de leitura, a gente lê livros e fica sabendo sobre os autores e sobre outros livros que ainda não pegamos e é muito bom a biblioteca Portal da Sabedoria. (Jasmine)

Na faixa etária entrevistada eles possuem autonomia para irem sozinhos até a biblioteca, em virtude da proximidade com as suas residências. De acordo com os relatos os leitores sabem a importância de ter um aparato como esse no seu bairro. Os frequentadores do espaço afirmam compartilhar suas experiências convidando outras pessoas a também frequentarem a biblioteca. Por exemplo:

A biblioteca é muito legal eu recomendo a muitas pessoas a virem para cá porque tem muitos livros interessantes e legais e podem ajudar no conhecimento das outras pessoas. (Pocahontas)

Eu moro perto daqui e acho a biblioteca muito legal porque a tia chama para a gente ler (Hércules).

Eu falo sempre para os meus amigos virem para a biblioteca e já veio uns dez amigos meus aqui. Eu falei que tinha biblioteca aqui aí eles vieram (Aladdin).

Mesmo com o trabalho constante de enraizamento comunitário realizado pelos profissionais que atuam nas duas bibliotecas comunitárias pesquisadas, nem todos os moradores têm essa visão positiva compartilhada pelos frequentadores. Porém, os que têm incentivam amigos e parentes. Isso é demonstrado no discurso dos leitores.

Eu sempre falo para os meus amigos virem fazer a carteira da biblioteca, mas eles nunca vêm e eu acho que é porque eles não têm o mesmo interesse que eu pela leitura por isso eles não vem (Mégara).

O pessoal divulga a biblioteca no site, eu divulgo para os colegas da escola, para os meus vizinhos, mas eu tenho muita vontade que as pessoas conheçam mais a biblioteca Portal da Sabedoria e que venham ler os livros que gostam (Malévola).

Os leitores são parte fundamental nesse processo de promover os produtos e serviços da biblioteca. Eles se esforçam e a insatisfação está presente nas falas da Mégara e da Malévola quanto a frequência do público. Isso reflete como os leitores mesmo sem a dimensão dos estudos teóricos têm consciência da importância da biblioteca sair dos muros físicos indo até o leitor que ainda não a conhece ou tem a imagem da biblioteca como algo particular para quem está em idade escolar.

A frequência dos usuários indica como as bibliotecas comunitárias estão sendo recebidas. De acordo com as regras de empréstimo registradas no Manual de Procedimento das bibliotecas cada leitor pode levar até dois livros durante os outros dias da semana e na sexta-feira até três livros, tornando-se o dia com mais movimento, como reforçado nas falas dos seguintes leitores:

Na sexta são três livros então venho para fazer empréstimo sempre na sexta porque nos outros dias são apenas dois (Jasmine).

Eu sempre venho uma vez por semana porque a gente pega de três em três livros aí demora um pouco para vir trocar (Mégara).

Eu venho mais dia de sexta-feira para pegar livro emprestado (Aladdin).

O público frequentador das bibliotecas é composto majoritariamente por estudantes estimulados pelos professores das escolas as quais as bibliotecas ficavam vinculadas como espaço de leitura. Os ex-alunos continuam frequentando, pois aprendem desde o maternal a importância da biblioteca. A possibilidade de levar o livro para casa esvazia de maneira significativa as bibliotecas durante as primeiras horas de funcionamento nos dois turnos. No horário de saída das escolas, ou seja, nas duas últimas horas de funcionamento a biblioteca é tomada por muitos leitores para fazer empréstimos, renovações e devoluções.

Todos os dias eu venho às 15 horas ou assim que eu saio da escola e fico em média meia hora ou uma hora depois vou embora para casa. (Mulan)

Hoje eu não estudo mais na escola, mas eu faço serviço de convivência e sempre que termina o nosso horário eu venho para a biblioteca eu pego livro, ou na hora do recreio eu venho ler aí a gente aprende mais, então praticamente toda tarde eu estou aqui na biblioteca lendo (Jasmine)

Mesmo não estudando mais aqui eu sempre venho porque eu faço serviço de convivência do CRAS aí no final do horário eu venho, leio, pego livro e levo para casa e na data certa eu trago. (Malévola)

Por semana eu venho umas duas a três vezes à biblioteca, mesmo não estudando mais aqui eu sempre venho porque eu faço serviço de convivência do CRAS aí no final do horário eu venho, leio, pego livro e levo para casa e na data certa eu trago, tem vezes que não dá porque nem todo dia eu venho para o PETI³, mas quando eu tenho um tempinho eu venho e leio (Malévola)

Vale destacar que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é um projeto para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos realizado na unidade do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da Cidade Olímpica e atende crianças encaminhadas pelo PETI. Presente na fala de quatro leitores demonstrou ser uma parceria muito forte para a frequência dos leitores, não só por manter as crianças na escola em período integral, mas também por trabalhar em conjunto com a Biblioteca *Portal da Sabedoria*.

A aproximação entre usuário e biblioteca também contribui diretamente na frequência. Estabelecer estratégias de divulgação na comunidade como o uso de mídias sociais, meios de comunicação de massa, rádios comunitárias são alguns dos recursos que podem ajudar a tornar a biblioteca conhecida.

Eu estudava aqui na escola então assim que começaram a planejar a biblioteca eles divulgaram fizeram uma inauguração e aí os alunos começaram a frequentar e eu comecei a participar quando ainda não tinha nem o processo da carteirinha a gente pegava o livro e eles anotavam nosso nome e o nome do livro (Jasmine).

Eu vim para cá com seis anos para fazer o primeiro ano e fui conhecendo os livros, aprendi a ler e aí eu me tornei mediadora mirim⁴ porque eu gosto muito de ler e a biblioteca é muito boa, muitas pessoas gostam e vem de fora conhecer e é bom porque eu comecei assim toda vez eu via as crianças entrarem aqui e ficava pensando será que é bom, aí teve um dia que eu vim e gostei muito e comecei a ler os livros até que elas fundaram a carteirinha para levar livros emprestados para casa (Malévola).

³ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) é um conjunto de ações do Governo Federal que tem por objetivo retirar crianças e adolescentes menores de 16 anos do trabalho precoce ofertando serviços de orientação e acompanhamento dentre eles os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

⁴ São leitores que se destacam em relação a leitura e são escolhidos para auxiliar os mediadores nas ações da biblioteca.

A mediação da leitura está implícita na indicação de leitores que tem uma experiência na utilização do espaço para trazer os amigos e familiares. “A biblioteca é um instrumento do qual o homem, enquanto mediador, faz uso intencional e programado para influenciar a sua aproximação da leitura, mas ela não é estática, pois também transforma o objeto final” (MOTOYAMA; SANTOS; SILVA, 2017, p.28), ou seja, há uma troca e se o indivíduo for influenciado de forma positiva ele irá compartilhar a experiência com amigos e familiares a frequentar a Biblioteca, conforme revelado nas seguintes falas dos leitores:

Eu conheci a biblioteca por meio da minha prima e uma amiga que falaram que era super bacana e como elas sabem que eu sou louca por leitura, aí elas acharam que seria importante me falar sobre a biblioteca (Bela).

Eu fiquei sabendo que aqui tinha uma biblioteca porque o meu colega me falou e que todo mundo podia vir, não só quem era aluno da escola (Mulan).

Eu conheci a biblioteca porque a minha mãe trabalha na escola e antigamente eu não vinha com ela, aí depois eu comecei a vir todas as tardes (Pocahontas).

A primeira vez que eu vim foi com as minhas irmãs ler livro, mas eu não lembro quanto tempo faz isso (Aladdin).

Tem uma amiga que mora perto da minha casa e eu falo para ela vir para a biblioteca, e ela veio várias vezes e pegou emprestado alguns livros e já participou aqui de uma atividade. Ela é de outra escola e ela participou da atividade de torta na cara que foi feita pela biblioteca (Pocahontas).

A família é muito importante nesse processo de incentivar a leitura, o caso da Mégara foi relatado na fala de uma das mediadoras (cf.seção 7.2.5), na qual a família tornou-se leitora iniciando por mãe e filha e se estendendo ao pai e ao irmão que viram o exemplo das duas lendo.

Eu acho que faz uns dois anos que eu frequento aqui, quando eu vim morar aqui a minha prima pediu para minha mãe para eu participar do PETI, aí de lá eu comecei a vir com ela para a biblioteca. A minha mãe fez uma carteirinha para ela pegar livro e passou a me trazer e foi assim que eu fiquei sabendo (Mégara).

Conforme Mégara reforça, a prima contribuiu para que ela conhecesse a biblioteca, porém a mãe ao tirar a carteira da biblioteca e a levar para fazer empréstimos, e durante o tempo de espera também escolher livros de seu

interesse, demonstrou como podem ser reproduzidas nos adultos as boas práticas das crianças.

Os mediadores de leitura que trabalham nas bibliotecas também cumprem seu papel ao cativar os leitores para que saibam a função da biblioteca e como ela pode contribuir para o seu desenvolvimento. Hércules descreve isso:

A primeira vez que eu vim eu entrei aqui e perguntei tia o que é isso aqui e ela me falou que era uma biblioteca. Eu não sabia o que era aí ela me explicou que uma biblioteca tinha muitos livros e que eu poderia aprender a ler aqui porque eu não sabia ler nessa época (Hércules).

A curiosidade da criança a levou a vencer o medo e questionar sobre como funcionava aquele espaço demonstrando que a biblioteca não é uma instituição familiar para ele. As bibliotecas comunitárias promovem essa aproximação e seguem a tendência de “[...] se firmar pela possibilidade de melhor atender à comunidade a que serve, com a qual se identifica e interage” (CUNHA, 2006, p.102). A ausência de bibliotecas públicas causa esse cerceamento no direito de ler e conhecer as possibilidades que o mundo dos livros oferece e que talvez somente em idade escolar a criança tivesse acesso.

7.3.2 Atividades de leitura

O incentivo à leitura está presente nas mediações de leitura realizadas tanto internas como externas, cumprindo a função de dinamizar o espaço da biblioteca e levar seus produtos e serviços onde os leitores estão, “[...] se consolidando como um espaço privilegiado para a intervenção social e o desenvolvimento de mediação de leitura” (MACHADO, 2005, p.116), rompendo com o silêncio tão cultuado anteriormente pelas bibliotecas. A partir dessas ações de mediação de leitura os entrevistados relataram como acontecem as atividades e de quais participaram.

Eu faço empréstimo dos livros e participo de algumas atividades, aqui na biblioteca eu já fiz teatro, nós íamos para vários lugares para se apresentar para as outras pessoas e é um dos projetos que eu participei aqui na biblioteca e foi só esse projeto mesmo (Pocahontas).

A tia conta histórias para a gente, às vezes nós brincamos de adivinhar. Eu lembro de uma brincadeira que ela fez com o livro aí ela dá uma dica e nós temos que acertar qual é o animal (Hércules).

As falas revelam perfis diversificados de leitores mais participativos e outros que não conhecem as ações, o que pode ser apontado como meta a ser alcançada, pois “[...] um ponto importante a ser quebrado é exatamente o medo que as pessoas possuem da biblioteca. A não frequência à biblioteca é motivada, muitas vezes, não pela desinformação, mas pelo medo” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a, p.80). Entre os motivos para a não participação foram apontados os meios de divulgação de baixo alcance, desinteresse mesmo sabendo das ações e a timidez.

Eu não participo das atividades de leitura porque eu não fico sabendo aí eu não venho, mas se eu soubesse eu viria sim. Eu acho que eles divulgam, mas eu não sei onde ocorre essa divulgação (Bela).

De vez em quando tem umas leituras, filmes, eu nunca vim para assistir (Mulan).

Aqui na biblioteca sempre tem as atividades, mas eu nunca quis participar, eu fico com um pouco de vergonha, mas o meu irmão sempre vem quando tem sessão de filme, mas eu não gosto muito e também porque eu estudo de manhã aí fica ruim para vir (Mégara).

Os leitores mais assíduos nas ações expuseram detalhes possibilitando visualizar quais são as atividades com maior participação. O Bingo Literário foi o mais citado, porém outras ações também fazem parte da rotina das bibliotecas.

Eu gostei de todas, mas a que foi mais especial é o bingo literário porque as tias leem uma história aí depois que termina elas fazem uma pergunta, a gente retira umas cartinhas que é onde está a resposta e quem bater⁵ ganha uma caixa de bombom (Jasmine).

O que eu lembro mais é o bingo literário porque foi o que eu mais participei (Malévola).

Acredita-se que a leitura não se restringe aos livros, as linguagens artísticas são consideradas durante a elaboração das ações de mediação de leitura. Segundo Araripe (2014, p.92) “Podemos ler todas as coisas, ou melhor, todos os

⁵ Expressão utilizada na cidade de São Luís para representar o ato de completar a cartela e ganhar o bingo.

textos: imagens, gestos, sonhos, vida, rua, bairro, cidade, símbolos, fotografias, poesias, músicas, lugares, e livros, muitos livros”

O teatro e o cinema estão presentes e são utilizadas pelos mediadores para estimular dentre muitos aspectos a criatividade e a leitura de mundo dos leitores. Essa ação é complementada com dinâmicas e jogos para que eles manifestem opiniões e troquem experiências sobre as leituras realizadas; assim acontecendo a mediação entre os próprios frequentadores.

Eu já participei do bingo literário, cineteca, café literário e vários outros porque são muitas atividades aí a gente esquece um pouco. Tem também teatro de fantoches que a gente conta as histórias para as criancinhas (Jasmine).

Aqui tem o bingo literário, tem vezes que as crianças vêm e nós lemos para elas junto com as mediadoras, e tem várias brincadeiras. Tem vezes que nós fazemos artes aqui sobre os livros, fazemos peças de teatro. Tem também o cinema que nós assistimos o filme e depois a tia faz pergunta e nós vamos respondendo. Nós fazemos leitura para as mães que estão grávidas e assim as crianças já saem com vontade de ler e aprender mais (Malévola).

Já participei de atividades aqui na biblioteca, eu participei quando foi competição de quem soletrava mais e foi muito legal a nossa equipe ganhou e o prêmio foi uma caixa de livro (Aladdin).

Durante as mediações são distribuídos lanches, há sorteio de brindes, dinâmicas e prêmios para os ganhadores do concurso conforme demonstra Aladdin ao mencionar a caixa com livros que a equipe dele recebeu ao vencer. A mediação de leitura realizada pelas bibliotecas estimula a criatividade dos leitores e propicia a descoberta de talentos na comunidade, a produção textual, a prática de autoria própria, como narra Jasmine.

Aqui também já teve concurso de poesia que nós tivemos que criar e tivemos inspiração nos poemas e ajuda das tias e foi bom porque apesar de ter sido um concurso ninguém saiu desanimado mesmo quem não ganhou porque foi uma experiência de viver um dia de poeta e como é escrever (Jasmine).

Esse exercício baseado na escrita é importante para despertar o pensamento crítico para que o leitor saiba identificar as estruturas linguísticas e no caso da poesia os elementos que a caracterizam.

As brincadeiras são o que mais chamam minha atenção aí por isso que eu queria vir todo dia para cá porque sempre tinha brincadeira (Aladdin).

A realização da mediação de leitura é uma importante ferramenta para que o leitor permaneça na biblioteca, pois o espaço tradicionalmente silencioso ganha vida e características de acolhimento, como exemplificado na fala de Aladdin. O investimento em mediações que priorizem o lúdico para apresentar as obras literárias pode contribuir para o crescimento dos leitores, levando-os a exercer de forma crítica seu papel na sociedade (RABONI; PONCE, 2017).

Em todas as sentenças proferidas pelos entrevistados é perceptível a figura do mediador conduzindo as ações e exercendo a oralidade ao ler em voz alta o que está presente nos livros configurando dois papéis definidos por Bortolin (2010, p.22, grifo da autora) como:

a) leitor-narrador é todo indivíduo que medeia o encontro do leitor com diferentes textos (de origem escrita ou oral), utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar.

b) leitor-ouvinte é todo indivíduo que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de *leitor que lê com os ouvidos*.

Entretanto, o leitor é receptor, mas também produtor configurando que a mediação não é estática e sim dialógica. Nesse dinamismo é imprescindível conhecer os gêneros de leitura dos leitores.

7.3.3 Gêneros de leitura

A terceira categoria de análise é gênero de leitura que os entrevistados gostam de ler. As preferências desse público são essenciais para entender como a mediação da leitura está influenciando essas escolhas. O acervo das duas bibliotecas é composto exclusivamente por literatura e aqui se utiliza o conceito de Candido (1995, p.174) que a considera como “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.”

A preferência dos leitores são as mais diversas, porém se destaca a literatura fantástica como predominante. Esse gênero abrange livros que tratam sobre ficção científica, a fantasia e o horror. A literatura fantástica também chamada obras fantásticas é um gênero literário inaugurado em 1968 pelo teórico Tzvetan Todorov ao escrever a obra *Introdução à literatura fantástica* reunindo e debatendo trabalhos que abordam o sobrenatural (GAMA-KHALIL, 2013). Os leitores entrevistados manifestam sua opinião da seguinte forma:

Eu gosto de ler romances, poemas, literatura fantástica que são aqueles que envolvem aventura e romance no meio (Bela).

Eu leio livro de terror, infantil e pego alguns que eu gosto para levar para casa. Eu começo a ler a primeira página aqui e se eu gostar eu levo (Mulan).

Eu gosto de ler livros que falam sobre a vida da pessoa, que falam sobre coisas que acontecem ou que já aconteceram com essa pessoa, ou mesmo ficção que a pessoa pode inventar coisas e são bem interessantes (Pocahontas).

Eu gosto de ler história em quadrinhos, literatura fantástica, poesia e outros (Jasmine).

Acredita-se que nos dias atuais a referência a esse tipo de literatura pode ser resultado da influência de obras estrangeiras no Brasil em virtude da massiva divulgação na mídia as tornando populares entre os jovens, exemplos como *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, *Crônicas de Nárnia*, e também ocupando sua representatividade a série *Dragões do Éter* do brasileiro Raphael Dracon.

Os seres sobrenaturais, e os mundos fictícios onde também se inserem os contos de fada seduzem os leitores a vivenciarem realidades que não são comuns ao seu cotidiano. Silva (2017, p.21) explica que nos contos de fadas “[...] a tendência é que haja uma idealização dos personagens principais na qual suas condutas consistem em modelos de ações aprovadas ou desaprovadas no contexto social onde a história é transmitida”. Alguns leitores exemplificaram em suas falas quais os livros que mais gostaram demonstrando que o universo da realza desperta a curiosidade deles.

O livro que eu mais gostei foi Diário de uma Princesa porque é divertido tem conto de fadas (Aladdin).

Eu gostei muito de ler os livros da Kiera Cass e eu até repito as vezes eles porque foram os que eu mais gostei e eu li a coleção todinha tem A Seleção, A coroa, A herdeira porque eu gosto de ler livros que envolvam príncipes e princesas (Mégara).

As histórias em quadrinhos são importantes instrumentos para auxiliar na alfabetização das crianças, pois as imagens ajudam na compreensão da mensagem. Hercules e Aladdin estão no processo pós-alfabetização buscando aprofundar as técnicas de leitura.

Eu gosto de ler revistas da Mônica e vários gibis porque são engraçados, eu gosto de história de contos de fadas, eu já li (Hércules).

O que eu mais gosto de ler é revista em quadrinho (Aladdin).

Vergueiro (2005, p.4) chama atenção para a prática errônea de muitas unidades de informação em relação ao tratamento dispensado a esse tipo de literatura, pois “[...] em uma evidente demonstração de ignorância e preconceito, as histórias em quadrinhos são utilizadas pelos profissionais de informação como um chamariz para a leitura de livros, uma espécie de concessão dos profissionais a uma leitura menor [...]”.

Na prática das bibliotecas, alvo desta pesquisa, os gibis recebem atenção, mas estão atraindo prioritariamente as crianças pequenas, pois os adolescentes leem muito mangás e gêneros similares. É possível notar que os leitores preferem iniciar pelas revistas em quadrinho como meio para esse primeiro contato com a leitura. A mediação da leitura está presente quando Mégara diz que as mediadoras vão mostrando outros gêneros literários, é salutar destacar que não se deve dar valor maior para um em detrimento do outro.

Eu me sinto muito à vontade com o livro e quando eu estou lendo uma história que eu gosto me sinto muito bem. Eu também gosto dos informativos, algumas coisas de poesias, literatura infantil e são esses livros que eu gosto de ler, eu só não gosto mais de ler revista em quadrinhos. Quando eu comecei a ler era mais em quadrinhos aí depois as tias foram me apresentando outros tipos de livro como os de princesa, os informativos, e vários outros tipos de livros (Mégara).

Os autores brasileiros também estão presentes nos relatos, Jasmine diz “eu gosto do Monteiro Lobato e do Ziraldo que são muito bons. As poesias de Gonçalves Dias, Ferreira Gular”. A leitora apresenta um conhecimento sobre poesias

resultado de uma das mediações de leitura que participou. Durante o concurso de poesias os leitores foram orientados pelos mediadores a conhecerem os poetas e buscarem inspiração para elaborarem as suas produções textuais. “A familiaridade com os modos e dificuldades da criação poética contribui para a melhor avaliação das obras com as quais a criança estará se deparando no percurso da formação do seu gosto pela poesia” (BORDINI, 1986, p.56).

Autores como Ziraldo representante da literatura infantil brasileira é tratado com grande entusiasmo por Malévola, ao destacar seu livro preferido e explicar como a narrativa tem proximidade com a sua vida.

Eu gosto de outros escritores, mas o meu preferido é o Ziraldo e o livro dele que eu mais gosto é Descobertas da Nina porque ela é uma menina muito realista porque ela é muito pequena, mas ela já quer ser um pouco além e é muito bacana porque ensina e ajuda a gente a pegar no livro mais e é uma obra bem bonita porque ele fez nos personagens a ajudar a gente a saber coisa que a gente ainda não sabe e descobrir o que tem no livro. Tem outros livros que eu gosto, mas são tantos que eu já li que eu não lembro mais o nome, mas eu gosto mesmo é dos livros do Ziraldo (Malevola).

Essa identificação da leitora com o livro decorre dos artifícios utilizados na literatura voltada para o público infantil com foco na narração verbal e visual, recuperando a tradição da oralidade com um texto menos formal, se aproximando da criança com uma linguagem que eles entendem. Há uma identificação por tratar de temas comuns facilitando o entendimento do universo abordado (CALDIN, 2001), o que acontece também com Jasmine ao falar sobre o livro *O diário de um banana*.

Eu gosto de Diário de um banana nada popular e também Uma garota nada popular. O diário de um banana é muito bom porque mostra a história de um garoto que tem um irmão e o irmão dele é popular e ele não é, e só tem um amigo e ele tem dias ruins e várias coisas acontecem com ele também e eu gosto muito porque já é contando a pré-adolescência e a adolescência (Jasmine).

Os gêneros literários se modificam de acordo com critérios do leitor, considerar as particularidades do público e principalmente ouvir antes de indicar uma leitura são responsabilidades dos mediadores, pois em uma biblioteca o público frequentador é heterogêneo e nesse contexto como afirma Chartier (1998, p.110) há dois tipos de leitores:

Há aqueles que estão em condições de dominá-la porque sua cultura e os instrumentos que ela construiu permitem orientar-se racionalmente nesse mundo prolífico, e aqueles que, completamente desarmados diante desta profusão, fazem as más escolhas e são como que asfixiados ou afogados pela produção escrita.

A mediação durante o tempo em que os leitores estão escolhendo os materiais que levarão por empréstimo é essencial para o melhor aproveitamento do acervo disponível nas bibliotecas.

É muito bom estar aqui às vezes nós usamos o computador quando eu não acho um livro que eu gosto a mediadora ajuda a pesquisar sobre os livros (Mulan).

Essa é uma ótima biblioteca as moças ajudam a gente a escolher livro, porque tem umas pessoas de biblioteca que falam assim leva esse e te forçam a levar aquele livro e elas aqui não. Aqui elas perguntam qual livro você quer levar, elas falam dos livros e se a gente quiser a gente leva então eu acho bom porque elas são pessoas bem legais ajudam a escolher os livros, mas elas não são o tipo de pessoa que forçam a barra para a gente levar o livro mesmo não querendo, e é tudo ótimo. (Mégara).

Mégara aponta o problema da imposição das leituras que segundo ela ocorre em outras bibliotecas que já frequentou, reforçando os motivos que a fazem gostar dos mediadores. A imposição de livros pode acarretar danos temporários ou permanentes como o afastamento do leitor não só da biblioteca, mas também desinteresse pela leitura. O mediador precisa considerar a base cultural e informacional daquele leitor, mas nem sempre os mediadores têm essa sensibilidade para estabelecer o diálogo prejudicando a comunicação entre ele e o leitor (BORTOLIN, 2013).

Quando eu chego aqui eu fico confuso porque eu não sei qual livro eu escolho para mim ler aí eu pego mais história em quadrinhos eu não peço ajuda para as tias porque eu fico confuso então eu escolho da minha mente o que me chama mais atenção tipo Turma da Mônica, aquele que tem a panela na cabeça o Menino Maluquinho porque são os que eu acho mais divertidos e chamam minha atenção (Aladdin).

A experiência de Aladdin durante a escolha dos livros que ele irá ler, chama a atenção para a timidez que impede alguns leitores de solicitarem ajuda,

exigindo do mediador a observação do comportamento destes para uma possível intervenção.

A mediação da leitura contribui para que os leitores desfrutem de todos os benefícios que a leitura oferece, reconhecendo como a leitura pode influenciar positivamente ou negativamente as suas vidas, conforme será apresentado na seção 7.3.4.

7.3.4 Importância da leitura

Os benefícios da leitura são incontestáveis como ressalta Bloom (2000, p.25) gostamos de ler porque “[...] na vida real, não temos condições de ‘conhecer’ tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida”.

A leitura está configurada em três níveis, sensorial, emocional e racional, que representam a forma de aproximação do que foi lido, “[...] esses níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral que se insere” (MARTINS, 1985, p.37).

Apresentar como cada leitor vê o ato de ler é essencial para entender a concepção de leitura que eles têm e como a mediação da leitura influencia nessa concepção. Utilizando um discurso, mesmo que reprodutor da ideia dos adultos Bela comenta:

Como minha avó sempre diz que a leitura é muito boa para a nossa mente e ajuda quando estivermos mais lá para frente e tiver uma prova oral ou coisa do tipo para lermos um texto. Eu amo livro e estou sempre aqui fazendo empréstimos e eu acho bacana ficar lendo livro. É uma paixão e minha mãe fica dizendo quando eu estou em casa e fico lendo muito livro para eu sair para brincar na rua e eu falo não mãe é mais legal ficar aqui lendo livro (Bela).

Os primeiros mediadores são os membros da família, Bela possui dois exemplos distintos de reforço positivo e negativo em relação a leitura, na opinião da mãe o lúdico presente na literatura não é uma forma de lazer divergindo do que explica Petit (2009, p.81):

[...] lendo com frenesi obras variadas, muitos leitores se dedicam na realidade a uma atividade vital, mesmo que não estejam sempre conscientes disso. O que não os impede de também encontrar prazer, distração, informações, assuntos de conversa, algumas vezes idéias que apurem seu espírito crítico; e, de tempos em tempos, de se encantar com uma escrita, serem tocados por um estilo, sensibilizados por um ritmo.

Dentre os benefícios citados nas entrevistas ao frequentar as bibliotecas foram: o aumento da vontade de ler e a qualidade da leitura.

Olha eu acho assim, quando eu passei a ler mais, porque antes eu não lia, eu até tenho muito livro em casa, mas eu não lia, só que agora eu já li todos e já li vários livros daqui e consegui imaginar várias coisas através dos livros e também consigo adquirir vários conhecimentos para mim mesma e para as outras pessoas (Pocahontas).

Eu passei a ler melhor e conheci outros livros, autores dos livros e histórias (Mulan).

Quando eu comecei a ler melhorou bastante a minha leitura e para mim foi uma coisa muito boa, depois que eu fiz a minha carteirinha aí eu comecei a ler e foi melhorando quando eu comecei a pegar livro aqui. Mudou muita coisa depois que eu comecei a frequentar a biblioteca, mas principalmente a minha leitura e também quando eu pego livro informativo eu fico sabendo de muitas coisas e quando são livros de histórias eu conheço várias me ajudou na escola quando eu tenho que ler. Minha leitura já era boa mas ficou muito melhor depois que eu comecei a pegar livro (Mégara).

Eu moro perto daqui e acho a biblioteca muito legal porque a tia chama para a gente ler e eu acho que devemos ler para ter um futuro melhor (Hércules).

Eu conheci várias histórias a minha leitura melhora cada vez que eu leio e quanto mais ler mais ficamos sabendo sobre determinado livro, porque a gente vê pessoas falando sobre aquele livro e acha que o tema não é legal, mas você pegando e lendo você pode mudar de ideia. E ler ajuda a imaginar várias coisas. Tem personagem que você acompanha e que depois que vamos entender sobre o que ele passou e só no finalzinho que eles se dão bem ou não (Jasmine).

Depois que eu comecei a vir para a biblioteca melhorou minha leitura eu aprendi a ler muito mais (Aladdin).

Quanto às mudanças em relação a leitura após começar a frequentar a biblioteca, Malévola compara o seu progresso a quando aprendeu a ler, comprovando que é essencial para o domínio das técnicas de leitura a prática constante.

Depois que passei a vir para a biblioteca mudou o meu jeito de ser, de aprender as coisas, aprendi a ler porque a minha leitura que era péssima eu gaguejava muito e agora eu já consigo ler sem gaguejar e também aprendi novas coisas viajando no mundo da literatura e é muito bom. Quando eu estou triste eu chego aqui e me alegro parece que aconteceu algo na minha vida e é muito bom, tem vezes que eu choro tem vezes que eu me alegro tudo isso só lendo (Malévola).

O estímulo constante a essa prática contribui para que o leitor alcance níveis de desenvolvimento na oralidade, na escrita e aumente o cabedal de conhecimentos, mas se não houver acesso a bibliotecas que ofereçam acervo de qualidade, livros de interesse do leitor e mediação exercida de forma ética a leitura ficará impossibilitada de realizar transformações sociais.

8 OBSERVAÇÃO DA PESQUISADORA E SÍNTESE DAS VOZES

Após analisar as repostas dos entrevistados se faz necessário sintetizar os resultados obtidos, bem como destacar questões percebidas por meio da observação assistemática realizada pela pesquisadora durante a coleta de dados abrangendo aspectos que ultrapassaram as informações presentes nas falas dos entrevistados.

8.1 Observação da pesquisadora

A observação iniciou com as visitas para escolher as bibliotecas participantes da pesquisa e em seguida com a apresentação dos instrumentos de coletas de dados, reuniões com as gestoras e para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Durante as visitas para a realização das entrevistas foi possível também desenvolver a observação assistemática. A pesquisadora presenciou a rotina e o atendimento dos usuários, bem como as ações e eventos fora do espaço das bibliotecas. As visitas ocorreram nos dois turnos de funcionamento das bibliotecas evidenciando o período da tarde como o mais movimentado, principalmente após o encerramento do horário de aula das escolas próximas.

A equipe da biblioteca é pequena e se desdobra para atender todas as demandas internas e externas e atuar nas discussões sobre políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca, merecendo destaque a luta incansável da gestora da *Rede Leitora Terra da Palmeiras* para conseguir manter e ampliar o funcionamento das bibliotecas.

Atualmente os debates sobre essa temática na cidade de São Luís vêm sendo conduzido pela *Rede Leitora Terra das Palmeiras*, e a presença da bibliotecária fazendo a interlocução entre o poder público, a sociedade civil, e os membros da Rede impossibilita a presença constante dela nas bibliotecas, porém é notória a importância da articulação local e nacional que a mesma está desenvolvendo.

A Feira do Livro de São Luís 2017 (FELIS) trouxe discussões sobre temas relacionados as bibliotecas comunitárias, onde foi possível acompanhar a participação da bibliotecária em duas mesas de debate, bem como conhecer outros

sujeitos importantes das outras bibliotecas que não foram selecionadas para a pesquisa. A participação da Rede na FELIS também ocorreu com mediações de leitura para os visitantes e lançamento do livro *Coletivo de Literatura de Cordel* produzido pelos alunos do quinto ano do *Instituto Educacional Maanain* em parceria com a *Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato*.

Nas mediações externas presenciou-se desde a elaboração dos recursos até a execução, permitindo observar a performance das mediadoras e a recepção do público. As mediadoras conduzem as mediações com segurança sobre as obras apresentadas utilizando algumas vezes somente a narração dos livros, e em outros momentos recursos confeccionados por elas.

Não foi possível presenciar as mediações internas explícitas, no entanto, as implícitas são constantes na rotina das bibliotecas nas quais as mediadoras conversam com os leitores sobre os livros lidos ou dão dicas sobre outras leituras.

O contato com os entrevistados e outros frequentadores das bibliotecas possibilitou confirmar o que foi relatado pela equipe da biblioteca. O público infantil e infanto-juvenil é o mais presente principalmente nas mediações externas e é visível o interesse deles.

As mediadoras têm uma relação muito próxima com os leitores, gerando uma identificação deles com os trabalhos desenvolvidos por elas. O carinho que os mesmos demonstram ao frequentarem a biblioteca, foi testemunhado em uma das entrevistas com uma das mediadoras em virtude da interrupção por um grupo de leitores que antes de deixar o espaço da biblioteca foram abraça-la.

A próxima subseção aponta as convergências e divergências entre as vozes dos sujeitos, isto é, bibliotecária, leitores e mediadores.

8.2 Síntese das vozes

As vozes apresentaram muitos pontos convergentes revelando um trabalho percebido de forma semelhante por quem realiza e por quem recebe. Quanto aos pontos divergentes não houveram falas contraditórias, porém em comparação com as teorias da mediação ocorrem alguns equívocos no fazer diário das bibliotecas.

A relação da bibliotecária e equipe das bibliotecas comunitárias se ampliou ao longo do processo de implantação e com as formações ofertadas, tanto pela rede local quanto pelo Instituto C&A, colaborando na realização de projetos diversificados.

Da fala da bibliotecária é importante destacar que ela atua na *Rede Leitora Terra das Palmeiras* desde o ano de 2013 acompanhando a ampliação na quantidade e qualidade das ações das bibliotecas. A bibliotecária afirma que não tinha experiência anterior e, inicialmente, não tinha a dimensão do Projeto, portanto *tive que ampliar a minha visão sobre o fazer do profissional bibliotecário dentro da comunidade*. Isso, porém não impediu o seu “olhar sensível” perante os grupos comunitários em que atua, além disso, é nítido a sua consciência política e sua visão sobre o papel do bibliotecário nas bibliotecas comunitárias. Ela explicita que se integra nos movimentos socioculturais da cidade e realiza articulações políticas fora das bibliotecas.

A mediação de leitura, na visão da bibliotecária, ocorre de forma positiva, ela fez questão de afirmar que: *às vezes eu chego e [a programação] já está pronta, aí eu não interfiro*. A bibliotecária comenta que por circular de biblioteca em biblioteca e, portanto, passar pouco tempo com os leitores e pelo seu discurso, ela acredita que é função do mediador planejar e conduzir as mediações, proporcionando assim autonomia para que ele conheça o acervo e possa dar sugestões de outras leituras aos leitores. Afinal são eles que estão diariamente em contato com o público e que fazem a mediação. No entanto, Barros (2006, p.17) ressalta que os professores e os bibliotecários são os profissionais “[...] mais numerosos e freqüentes mediadores oficiosos de leitura”, portanto diretamente responsáveis por esse processo.

O fato dos mediadores terem anteriormente participado de projetos que envolviam leitura deu a eles uma bagagem inicial que, posteriormente, foi acrescida nas trocas de experiências, nas reuniões de formação, na participação em eventos. Adélia conta que participou *de projetos grandes, de referência nacional de incentivo à leitura, passei pelo projeto Mar de Letras*⁶. Cada membro da equipe trouxe consigo contribuições para enriquecer as ações da biblioteca.

⁶ Biblioteca montada em uma embarcação para levar livros as cidades ribeirinhas do interior do Maranhão.

As preferências dos leitores sobre os gêneros de leitura demonstram que a mediação de leitura está sendo realizada com apoio nos livros literários, fornecendo “[...] um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas” (PETIT, 2009, p.282).

Após comparar as falas de todos os entrevistados foi constatada a alta frequência da palavra livro revelando esse suporte como centro de todas as ações das bibliotecas e em poucos momentos são citadas a utilização de outros tipos de leitura, confirmando o que afirma Almeida Júnior (1997a, p.31): “[...] outras formas de se obter ‘conhecimento’ são sumariamente relegadas a segundo plano pois, acredita-se, a cultura só é preservada e transmitida através do seu registro e este só é inteligível sob a forma bibliográfica”.

De acordo com Mégara *quando eu comecei a ler era mais em quadrinhos aí depois as tias foram me apresentando outros tipos de livro*. Os leitores falaram sobre revistas em quadrinhos e contos de fadas, outros possuem uma visão mais ampla das opções de leitura apontando a literatura fantástica como gênero preferido, *O Diário de um Banana* está entre o mais apreciado dos leitores, bem como os que retratam essa fase de transição da infância para a adolescência, de autores brasileiros. *Eu gosto de outros escritores, mas o meu preferido é o Ziraldo (Malévola)*.

As mediações ocorrem tanto externas como internas e demonstram uma preocupação com vários públicos. A mediadora Cora tem segurança em afirmar: *que a mediação ajuda a incentivar a leitura e que a criança ou o adolescente peguem um livro para ler*.

A mediação para bebês e o projeto *Ler pra mim!*, que é realizado com gestantes é imprescindível para o fomento a leitura desde antes do nascimento envolvendo as mães e as crianças leitoras e, possivelmente frequentadoras assíduas. Essa ação demonstra a preocupação e contribuição dos mediadores na formação de mães leitoras e narradoras de histórias. Fica evidente a motivação da mediadora, pois ela acaba por contagiar as crianças, por exemplo, Malévola ao fazer a leitura para as gestantes acredita que *as crianças já saem com vontade de ler e aprender mais*.

Assim, é possível afirmar que os leitores se inspiram nos mediadores, visto que as crianças “copiam” os adultos e realizam a mediação para os leitores menos experientes, isto é, para as crianças menores, ou seja exercem a função de bibliotecários mirins definidos por Almeida, Costa e Pinheiro (2012, p.478) como “[...] aquelas crianças que recebem ensinamentos no processo das atividades de incentivo à leitura através da literatura infantil”.

Na Rede Leitora Terra das Palmeiras é utilizado o termo mediador mirim. Malévola ocupa esse posto por ter se destacado em sala de aula e na biblioteca por copiar a postura das mediadoras nas ações assim que aprendeu a ler, utilizando os livros para narrar histórias para os seus colegas que ainda não tinham domínio da leitura.

Para realizar a prática é necessário entender a teoria. Na questão a respeito do entendimento do conceito de mediação da leitura, o discurso de Adélia e também da bibliotecária revela a mediação como ponte, isso restringe o significado da atuação da biblioteca e do mediador. O ideal é que a mediação ocorra em um processo não linear, isto é, em um movimento dialógico.

Reforçamos que há uma contradição na compreensão da mediação da leitura com o que elas desenvolvem no cotidiano, visto que percebemos a existência de trocas simbólicas com os leitores em várias frentes. Em outras palavras na prática a relação mediador-mediando flui de forma natural sem opressão. A mediadora Ruth alerta que: o papel do mediador é ler, observar, abrir espaço para troca de ideias e opiniões, *mostrar caminhos* sem apontar *certo ou errado*. Para essa mediadora é necessário *que eles consigam seguir sozinhos buscando prazer na leitura e conhecendo um mundo diferente*.

Os leitores confirmam a postura das mediadoras de deixá-los livres na biblioteca e sabem que elas estão disponíveis caso precisem de ajuda ou queiram conversar sobre um livro que já leram. Como sugere Nóbrega (2002, p.129) a biblioteca deve:

Proporcionar concretamente ambiências de leitura, por meio da criação de espaços agradáveis para o convívio com os livros e demais suportes de leitura e diversidade de linguagens [...] para ler gostoso uma boa história, ouvir com prazer um caso contado, contemplar tranquilamente um quadro, ouvir uma melodia, assistir quieto e trêmulo um filme.

Ao descrever como acontece a escolha dos livros, Mégara confirma as falas da mediadora Ruth e da bibliotecária, sobre a liberdade que eles têm para ir até o acervo e escolher e cita que *tem umas pessoas de biblioteca (não identificadas) que falam assim leva esse e te forçam a levar aquele livro e elas aqui não.*

No entanto, o mediador precisa atentar-se para auxiliar os leitores que ainda não têm essa maturidade para escolher sozinhos ou por vergonha não pedem auxílio como é o caso de Aladdin que afirma: *eu não peço ajuda para as tias porque eu fico confuso então eu escolho da minha mente o que me chama mais atenção.*

Quanto à importância da leitura tanto os mediadores como os leitores apresentaram uma visão utilitarista da função da leitura sendo utilizado de forma didática para ensiná-los a ler, esse fato se justifica por algumas das mediadoras também exercendo a profissão de professoras da educação infantil. Apesar das bibliotecas possuírem independência das escolas como espaço de leitura, ainda há uma influência muito forte por parte delas, escolas, sobre a participação dos leitores.

[...] a biblioteca deveria ser um espaço cultural, mais do que um complemento didático, para dar lugar a percursos singulares, a achados imprevistos (em particular no caso de quem não pode ter acesso a uma biblioteca familiar). Ela não deveria estar a serviço apenas da pedagogia, mas se afirmar como um "espaço de não obrigação no interior da obrigação [...]" (PETIT, 2009, p.273).

A leitura também precisa propiciar o desenvolvimento cognitivo e pensamento crítico, além do domínio das estruturas linguísticas e semânticas presentes nos textos. Os mediadores precisam ampliar esse conceito da leitura praticada em sala de aula. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar (CHARTIER, 1998, p.104).

Pode-se dizer que a mediação da leitura está presente nas ações da biblioteca, tanto no auxílio prestado pelos mediadores para escolher um livro, quanto nas atividades lúdicas estimulando a criatividade dos leitores. Em meio às tecnologias ocupando o espaço do brincar é importante ressaltar que o lúdico precisa estar presente rompendo o perfil de biblioteca como lugar de silêncio, pois

nela a leitura deve ser apresentada como lazer, o que vem sendo feito com as dinâmicas e brincadeiras relatadas pelos leitores.

Os recursos utilizados pelos mediadores priorizam essa interação por meio das brincadeiras, isso foi destacado pelos leitores em relação às atividades de leitura na subseção 7.3.2. É perceptível o entusiasmo deles ao contarem sobre os concursos que já participaram e ao descreverem o Bingo Literário. Conforme relata Aladdin as brincadeiras influenciam na vontade de frequentar a biblioteca.

As brincadeiras são o que mais chamam minha atenção aí por isso que eu queria vir todo dia para cá porque sempre tinha brincadeira (Aladdin).

Os frequentadores têm a biblioteca como espaço de convivência, o público é formado majoritariamente por estudantes do ensino fundamental e médio, mas há um trabalho de ampliação desse público com envolvimento das famílias, onde os mediadores incentivam os pais a levarem os filhos para a biblioteca. Além disso, eles são estimulados a lerem para aqueles que ainda não são alfabetizados. A mediadora Clarice sugere a estratégia de utilizar livros só de imagens, assim os pais leem *uma vez e depois eles criam a história*.

O relato da mediadora Cora sobre a família de Mégara na subseção 7.2.5 reforça os resultados da divulgação e conscientização. Enquanto os pais esperam os filhos escolherem os livros que levarão emprestados, as mediadoras falam sobre a importância de ler para as crianças e deles acompanharem esse processo fazendo com que muitos também se tornem leitores. Mégara durante a entrevista mencionou sobre a mãe e o irmão demonstrando a importância de trazer a família para a biblioteca e deixar a televisão de lado.

Manter as bibliotecas em funcionamento e realizar as mediações internas com uma equipe reduzida torna-se o principal entrave mencionado tanto pela bibliotecária quanto pelos mediadores, impactando diretamente na participação dos leitores. O enraizamento comunitário é o pilar principal para a continuidade dos serviços das bibliotecas porque só serão utilizados se os moradores se apropriarem desse espaço como relata a mediadora Adélia: *eu acho que o que falta é uma abertura de divulgação ampla, uma relação com a comunidade mais forte*. São necessárias ações mais densas nos bairros, para que todos os moradores saibam onde estão localizadas essas bibliotecas.

Nas vozes dos leitores foi possível notar uma variação nos perfis com alguns mais participativos e outros que não se sentem à vontade para frequentar a biblioteca quando tem as mediações. Esses aspectos devem ser considerados pelos mediadores durante o planejamento das ações, pensando que há diversos perfis na biblioteca, entre eles: crianças mais extrovertidas dispostas a interagir e as mais tímidas que não se sentem confortáveis para se expor.

A identificação dos leitores com a biblioteca é um ponto crucial a ser destacado, pois eles sentem a necessidade de compartilhar as experiências para que outras pessoas também passem a frequentar, como demonstra Malévola - *eu tenho muita vontade que as pessoas conheçam mais a biblioteca Portal da Sabedoria e que venham ler os livros que gostam.*

Deve-se ainda destacar algumas palavras utilizadas pelo público leitor que demonstra quanto a biblioteca comunitária é fundamental na vida dos cidadãos: *é tudo ótimo (Mégara), eu acho que aqui é bem interessante (Bela), quando eu estou aqui eu me sinto muito à vontade (Jasmine).* Há também o exemplo do pai que falou: *essa leitura de vocês parece ser muito interessante!*

A escolha de duas bibliotecas considerando a localização, uma com sede própria e outra dentro da escola comunitária, demonstrou ser um fator relevante para a análise dos resultados. Ao comparar as vozes de todos os envolvidos nas mediações, foram encontrados, em sua maioria, pontos em comum que permitiram avaliar o alcance das *Bibliotecas Comunitárias Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria.*

Por fim as duas bibliotecas bem como a Rede Leitora Terra das Palmeiras desenvolvem um trabalho ainda tímido como está presente nas vozes da bibliotecária e das mediadoras nas subseções 7.1.5 e 7.2.5, porém com bons resultados na formação de leitores, com grande participação do público durante as mediações. Quanto à divulgação percebeu-se que a *Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato* precisa ser fortalecida nas imediações, pois somente as crianças, adolescentes e os pais que têm filhos matriculados na escola comunitária conhecem a sua localização, em contraponto a *Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria* tem um amplo reconhecimento.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção apresenta as considerações sobre a mediação da leitura realizada nas *Bibliotecas Comunitárias Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria*. As bibliotecas comunitárias são espaços de relevância, mas pouco estudadas na CI, este estudo possibilitou conhecer uma rede de bibliotecas atuante em várias frentes na cidade de São Luís do Maranhão.

O presente estudo teve com objetivo geral - Investigar a mediação da leitura nas bibliotecas da Rede Litora *Terra das Palmeiras* da cidade de São Luís do Maranhão. Para tanto foi realizada a Análise de Conteúdo das falas da bibliotecária, mediadoras e leitores buscando elementos para caracterizar as mediações internas e externas realizadas nas *Bibliotecas Comunitárias Monteiro Lobato e Portal da Sabedoria*, comparando os conceitos descritos no referencial teórico e a prática vivenciada no campo pesquisado.

Quanto seus três objetivos específicos: a) descrever os projetos de incentivo à leitura e a atuação do bibliotecário; b) analisar a mediação da leitura realizada nas bibliotecas da Rede; c) identificar a percepção da comunidade quanto à contribuição da Rede na formação de leitores.

Avalia-se que o primeiro objetivo específico foi cumprido ao apresentar as visões dos mediadores ao descrever as ações realizadas, como ocorre o planejamento e os recursos utilizados nas mediações de leitura tanto internas como externas. Na fala dos leitores foram contempladas as ações que eles participaram e experiências durante a frequência nas bibliotecas. A atuação da bibliotecária, por articular diferentes questões políticas e ter a responsabilidade de gerir tecnicamente a Rede, resulta no afastamento da rotina de cada biblioteca, impossibilitando a direta com o público leitor, participando somente do agendamento das atividades e acompanhando a execução no dia programado.

O segundo objetivo específico permitiu entender as mediações tanto para quem realiza quanto para os participantes. O entendimento dos mediadores sobre a função da leitura ainda está arraigada ao utilitarismo e a aprendizagem. Vale destacar que apenas repassar para os leitores a compreensão da estrutura do texto não é o suficiente para formar um leitor; o próximo passo é contribuir com a construção de um leitor crítico que saiba apropriar-se do lido. O conceito de

mediação da leitura está evidente na teoria proferida pelos mediadores, mas é necessário ampliar algumas questões, por exemplo, a mediação entendida como ponte, representando um único movimento de aproximação entre o objeto mediado e o leitor.

Durante a realização da pesquisa de campo não foi possível acompanhar as mediações de leituras que ocorrem no espaço das bibliotecas, visto que a agenda de eventos foi extensa no período da pesquisa e a equipe se fez presente. É importante essa representatividade para que a biblioteca seja reconhecida, mas é preciso também fazer a base na própria comunidade, com um trabalho constante de incentivo à leitura trazendo os moradores para ocuparem esse espaço e também atuarem como mediadores voluntários, estabelecendo parceria com os idosos para disponibilizarem um horário para a contação de histórias, atores para realizarem trabalhos de dramaturgia em uma relação de confiança para que esteja sempre em funcionamento.

O terceiro objetivo específico também foi alcançado. Visto que nas respostas foram perceptíveis o respeito e o afeto para com as mediadoras e reconhecimento da importância do papel das mesmas no incentivo à leitura. Durante a observação presenciou-se o atendimento desde a escolha do livro até a finalização do empréstimo. Alguns leitores solicitam ajuda das mediadoras e em uma conversa informal relatam as suas necessidades. Quando necessário o mediador questiona alguns pontos para melhor atendê-lo. Outros já têm total conhecimento do acervo e desenvolvem com o mediador uma relação para debater sobre o que foi lido e as expectativas quanto ao livro que irão levar por empréstimo.

Foi possível atestar nas entrevistas que a mediação da leitura está ocorrendo com fluidez e os leitores estão se permitindo conhecer a pluralidade do acervo. Para alguns os mediadores são modelos e tendem a trilhar o caminho da partilha do que gostam de ler. Por outro lado, para aqueles que ainda não tem total domínio da leitura os colegas são exemplos a serem seguidos.

O cargo de mediador mirim concedido ao leitor que se destaca, e a possibilidade de ele auxiliar as mediadoras durante as atividades na biblioteca representa um incentivo para fomentar a leitura por meio dos que já foram iniciados nesse mundo, gerando também a “competição sadia” para ocupar esse posto.

No entanto, a pequena equipe que atua em cada biblioteca não consegue dar conta da quantidade de atividades externas (formações, reuniões, movimentos políticos) e conciliar a rotina de atendimento ao público. Em consequência disso, muitas vezes fecha-se a biblioteca nos dois turnos ou parcialmente. Fator que contribui para o afastamento dos leitores, pois ao encontrá-la algumas vezes fechada, pode perder a vontade de retornar.

É possível concluir que o Projeto iniciado com as cinco bibliotecas tornou-se significativo em termos de atuação para o acesso à leitura nos bairros em que estão situadas. As bibliotecas financiadas por meio do *Programa Prazer em Ler* do Instituto C&A proporcionam uma estrutura moderna, atrativa com acervo composto por vários *best-sellers* e também com a valorização da cultura da cidade de São Luís e do Maranhão. São usadas para diversas atividades incluindo reuniões da comunidade, visita de autores para mostrarem seu trabalho, exposição de produções criativas dos leitores, mediações de leitura e lazer.

É ponto pacífico que a ampliação dos projetos de financiamento é de vital importância para a continuidade das bibliotecas. A sustentabilidade está sendo trabalhada, mas somente o reconhecimento dessas ações por meio dos *Planos* - Municipal e Estadual do Livro, Leitura e Biblioteca com aprovação de dotação orçamentária garantirá a manutenção das bibliotecas comunitárias na cidade de São Luís do Maranhão.

Esta pesquisa fruto da persistência em registrar o trabalho da *Rede Leitora Terra das Palmeiras* extrapolou os procedimentos metodológicos proporcionando a vivência de uma realidade desconhecida até mesmo pela pesquisadora residente na cidade, com bairros com inúmeros problemas sociais, dificuldade de acesso, alto índice de violência, fruto da ocupação desordenada e sem aparatos culturais, mas também conhecer quem são os protagonistas sociais que lutam em prol do ideal de manter uma biblioteca funcionando mesmo com as dificuldades enfrentadas para levar esse Projeto adiante.

Espera-se com a realização deste estudo despertar o interesse de outros pesquisadores e, principalmente dos bibliotecários, tanto em esfera local quanto nacional, para se envolverem nesse Projeto, pois é de fundamental importância fortalecer esse movimento sociocultural para a cidade de São Luís do Maranhão e também para as incontáveis cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALBUQUERQUE, Maria do Carmo (Org.). **Participação popular em políticas públicas: espaço de construção da democracia brasileira**. São Paulo: Instituto Pólis, 2006.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.5, n.1, 2012. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/13197>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

ALMEIDA, Waldinéia Ribeiro; COSTA, Wilse Arena da; PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Bibliotecários mirins e a mediação da leitura na biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.17, n.2, p.472-490, set. 2012. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/812>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997a.

_____. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Eduel, 1997b.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.2, n.1, 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

_____. **Biblioteca pública: avaliação de serviços [livro eletrônico]**. Londrina: Eduel, 2013.

_____. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na biblioteconomia e na ciência da informação. **Divers@**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052/27431>>. Acesso em: 12 out 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elisabeth da (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da informação**. Recife: Néctar, 2008.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa; MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas comunitárias em pauta. In: ENCONTROS COM A BIBLIOTECA: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS E POPULARES: DIÁLOGO COM A

UNIVERSIDADE, 2006, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: Itaú Cultural, 2006. p.2-26. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2405>. Acesso em: 04 dez. 2017.

ALVES, Mariana de Souza; SALCEDO, Diego Andres; CORREIA, Anna E. G. Coutinho. Um mapeamento da produção científica sobre bibliotecas comunitárias na Ciência da Informação brasileira. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 40-66, set. 2016/fev. 2017.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Leitura e dinamização de acervos: um banquete de luzes, cores, fantasias, realidades. In: CAVALCANTE, Lidia Eugenia; ARARIPE, Fátima Maria Alencar (Orgs.). **Biblioteca e comunidade: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. p.89-105.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Mediação como conceito potencializador do diálogo entre a ciência da informação e os campos da arquivologia, biblioteconomia e museologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012, p.1-17.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Centros de informação popular e o bibliotecário. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.2, n.2, 1997. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/318/367>>. Acesso em: 03 out. 2017.

ARENA, Dagoberto Buim. Alunos, professores e bibliotecários: uma rede a ser construída. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, v.29, n.57, p.10-17, 2011.

BAGANHA, Filomena. Novas bibliotecas, novos conceitos. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**, Porto, n.1, p.93-97, 2004. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/616/1/93-97FCHS2004-11.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

BAJARD, Elied. **Ler e dizer: compreensão do texto escrito**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Maria Helena T. C. de. A mediação da leitura na biblioteca. In: BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da (Orgs.). **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA Editora, 2006.

BASTOS, Gustavo Grandini. A constituição do silêncio em bibliotecas comunitárias. **Fragmentum**, Santa Maria, n.32, p.46-48, jan./ mar. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/4738/2877>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA; Marco Antônio; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.21, n.3, p. 87-100, set./dez. 2011. Disponível em:

<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10822>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BELL, Judith. **Projeto de pesquisa**: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MONTEIRO LOBATO. **Manual de Procedimentos**. São Luís, 2016.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PORTAL DA SABEDORIA. **Manual de Procedimentos**. São Luís, 2016.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BOBBIO, Norberto. **O conceito de sociedade civil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1986. (Série princípios, 97)

BORTOLIN, Sueli. A mediação de leitura nos espaços infanto-juvenis. In: BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da (Orgs.). **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA Editora, 2006.

_____. A ética na mediação da leitura na biblioteca escolar. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, v.20, n.2, p.423-434, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23717/13051>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

_____. Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2010.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação oral da informação: a visibilidade dos mediadores da ciência da informação. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Orgs.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN. 2015.

BRAGA, Maria de Fátima Almeida. A biblioteca pública como um lugar de signo. **Infociência**, São Luís, v.4, p.21-34, 2004. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/15935>>. Acesso em: 21 set. 2017.

BRASIL. Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999. **Diário Oficial [da] República do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 mar. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9790.htm>. Acesso em: 05 jun. 2015.

BRITO, Paulo Afonso Barbosa de. Movimentos sociais: aspectos históricos e conceituais. **Educação e movimentos sociais**, Brasília, n. 3, abr. 2005.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2003.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estud. av.**, São Paulo, v.16, n.44, p.173-185, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2017.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças**. 2001. 323 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 22, n.1, p.35-46, 1998. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/03/pdf_8c5db462f9_0008815.pdf>. Acesso em: 02 out. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. A literatura e a formação do homem. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v.24, n.9, set. 1972. p.82-90. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/download/.../3701>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

CARVALHO, Kátia de; GESTEIRA, Ivana A. Lins. Organizações sociais na atual sociedade: espaços de leitura. In: CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka. **O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFBA, 2006. p.41-53.

CARVALHO, Maria do Carmo. **Participação social no Brasil hoje**. São Paulo: Instituto Pólis, 1995.

CARVALHO, Neuza Ceciliato de. Leitura literária: o processo de comunicação literária e a formação do leitor crítico. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; LÍMOLI, Loredana. **Entrelinhas entretelas: os desafios da leitura**. Londrina: Ed. UEL, 2001. p.53-63.

CASTRO, César Augusto. Tendências pedagógicas no ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. In:_____(Org.). **Conhecimento, pesquisa e práticas sociais em Ciência da Informação**. São Luís: EDUFMA, 2007. p.131-142.

CASTRO, Cesar Augusto; SILVA, Diana Rocha da; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. A Biblioteca Pública do Maranhão como instituição educacional.

Perspectivas em Ciência da Informação, Brasília, v.16, n.3, p.255-269, jul./set. 2011. Disponível em: <

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1160>>. Acesso em: 11 out. 2017.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Bibliotecas autogeridas e participação comunitária. In: CAVALCANTE, Lidia Eugenia; ARARIPE, Fátima Maria Alencar (Orgs.).

Biblioteca e comunidade: entre vozes e saberes. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. p.27-34.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; FEITOSA, Luis Tadeu. Bibliotecas comunitárias:

mediações sociabilidades e cidadania. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, mar, p. 121-130, 2011. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr.

Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

CENSO NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS. **Estudo**

qualitativo: principais resultados. Brasília: FGV, 2010. Disponível em:

<www.cultura.gov.br/site/wp.../microsoft-powerpoint-fgv-ap-minc-completa79.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CHARTIER, Anne-Marie. Os modelos contraditórios de leitura: entre formação e consumo. Da alfabetização à cultura de massa. **História da Educação**, Porto Alegre, v.7, n.13, jan./jun. 2003. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30532/pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COELHO, Clara Duarte; BORTOLIN, Sueli. A produção científica sobre bibliotecas comunitárias nos periódicos da ciência da informação. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2017, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2017. p. 93-107.

Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/viewFile/442/266>>. Acesso em: 24 out. 2017.

CORREA, Marcele de Jesus. Análise geoespacial da cidade operária: a dinâmica de ocupação como um dos eixos de expansão urbana do município de São Luís – MA.

Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 69-79, jul./dez. 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CUNHA et al. O processo de segregação socioespacial de São Luís-MA e suas implicações no bairro Divineia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRÁFOS, 7., 2014, Vitória, ES. Anais...Vitória, ES, 2014. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404665545_ARQUIVO_Trabalho_CBG_completo_Carol66.pdf>. Acesso em 15 dez. 2017.

CUNHA, Vanda Angélica da. Questões e estratégias do processo de disseminação da informação em bibliotecas públicas: um estudo de caso. In: CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka. **O ideal de disseminar: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFBA, 2006. p.97-114.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteca: dimensão social e educativa**. Fortaleza: Edições UFC, 1993.

DAVALLON, Jean. La médiation: la communication en procès? **MEI: Médias et Information**. Paris, n.19 (Médiations & Médiateurs). UFR Communication de l'Université Paris 8, 2003, p.37-59. Disponível em: <www.mei-info.com/wp-content/.../ilovepdf.com_split_3.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DUMONT, Márcia Milton Vianna. **As bibliotecas escolares comunitárias da Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais: análise de seu funcionamento em dez escolas de primeiro grau de Belo Horizonte**. 1983. 259 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em administração de Bibliotecas da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, 1983.

_____. Bibliotecas escolares comunitárias: uma revisão bibliográfica. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v.13, n.2, p.147-178, 1984. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2903>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

FAILLA, Zoara. Retratos: leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: _____. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p.19-42.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Comunicação e cultura: as faces e os sotaques da biblioteca comunitária. In: CAVALCANTE, Lidia Eugenia; ARARIPE, Fátima Maria Alencar (Orgs.). **Biblioteca e comunidade: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. P.107-120.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. [livro eletrônico]. Londrina: EDUEL, 2013. Disponível em:

<www.uel.br/editora/portal/.../LEITURA%20INFANTO%20JUVENIL_DIGITAL.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca Pública é Biblioteca Escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 1/2, p. 9-16, jan./jun. 1978.

FERREIRA, Maria Mary. Políticas públicas de informação e políticas culturais: e as bibliotecas públicas para onde vão? **TransInformação**, Campinas, v. 18, n. 2, p.113-122, maio/ago. 2006.

_____. Biblioteca, leitura e informação no contexto das políticas públicas: um olhar sobre o Brasil da era Lula/Dilma. In: CONFERÊNCIA SOBRE TECNOLOGIA, CULTURA E MEMÓRIA, 2013, Recife. **Anais...** Recife, 2013. Disponível em: <www.liber.ufpe.br/ctcm2013/anais/files/10b.BLICPP.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.

_____. Bibliotecas municipais no Brasil e políticas públicas: uma história do tempo para construir uma sociedade leitora. In: CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.). **Livro, leitura e leitor: perspectiva histórica**. São Luís: Café & Lápis: EDUFMA, 2016. p.593-621.

_____. Espaços de informação e de leitura: qual o papel do estado na construção de espaços mediadores de conhecimento?. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. Disponível em: <enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3066/2192>. Acesso em: 01 out. 2016.

_____. Informação e desigualdade social: Desafios para pensar o Estado democrático a partir das bibliotecas públicas maranhenses. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 9., 2007, Portugal. **Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas**. Portugal, 2007. Disponível em: <<https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/567>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2009.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Rev. Esc. Biblioteconon. UFMG**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.131-138, set. 1980. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2888>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **Rev. Esc. Biblioteconon. UFMG**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.145-169, set. 1983. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1973>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise do conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A Literatura Fantástica: Gênero ou Modo? **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, Londrina, v.16, p.18-31, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol26/TR26b.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Os sem terras, ONGs e cidadania**: a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGS e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação&Informação**, Londrina, v.19, n.2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GOROSITO LOPEZ, Antonio. La biblioteca comunitaria: una experiencia de organización social, educativa y cultural. **Biblios: Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información**. v. 4, n. 15, p. 35-40, abr./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/161/16101504.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUARNIERI, Alice Camargo. Promoções comunitárias da biblioteca. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4. São Paulo, 12-18 ago. 1978. **Anais...** São Paulo, FEBAB, 1978. v. 2, p. 288-323.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais: Principia Editora, 2006.

IBARROLA, Norma Romero. Los bunkos: bibliotecas comunitárias en zonas marginadas. In: HAZA, Maria Trinidad Roman. **La lectura em los grupos vulnerables, mesa redonda**: memoria Ciudad de México 27 de febrero de 2001. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 2002. p.57-69.

IBGE. **Cidades**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/3rv>>. Acesso em: 12 set. 2016.

INSTITUTO C&A. **Programa Prazer em Ler**. 2016. Disponível em: <http://institutoce1.dominiotemporario.com/instituto/site/content/atuacao/prazeremler/sobre_o_programa/sobre_o_programa.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. **Programa Prazer em Ler 3 anos**. 2009. Disponível em: <http://institutoce1.dominiotemporario.com/instituto/site/content/atuacao/prazeremler/materiais_de_apoio/material_de_apoio.aspx>. Acesso em: 18 maio 2017.

JARAMILLO, Orlanda. Políticas públicas para el desarrollo y fortalecimiento de la biblioteca pública. **Rev. Interam. Bibliot.** Medellín, Colombia, v. 29, n. 1, p.31-62, enero-jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762006000100003>. Acesso em: 14 set. 2017.

JARAMILLO, Orlanda; RÍOS, Mónica Montoya. Revisión conceptual de la biblioteca pública. **Rev. Interam. Bibliot.** Medellín, Colombia, v. 23, n. 1, p.13-56, enero-dic., 2000. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/7903/7420>>. Acesso em: 21 set. 2017.

JEANNERET, Yves. A relação entre mediação e uso no campo de pesquisa em informação e comunicação na França. **R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.25-34, set., 2009. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/753>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

JESUS, Maria. Implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios do Estado da Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 7., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: CIFORM, 2007. Disponível em: <<http://www.cinform.ufba.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1999.

KONTZ, Christie; GUBBIN, Barbara (Orgs.). **Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas**. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?: política para a cultura/política para o livro**. São Paulo: Summus, 2004.

LOPES, Aline; PIMENTA, Cristina. **Como montar um centro de documentação: democratização, organização e acesso ao conhecimento**. Rio de Janeiro: Abia, 2003.

MACABU, Mônica. Conheça a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias: organização atua para promover ações de incentivo à leitura e à literatura como um direito humano. **Biblioo**, 2016. Disponível em: <<http://biblioo.cartacapital.com.br/rnbc/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Escola de Comunicação e Artes de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009.

_____. Análise de políticas públicas para bibliotecas no Brasil. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p. 94-111, 2010.

_____. Identidade cultural de Heliópolis: biblioteca comunitária. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.15, n.2, p.113-125, jul./dez. 2005. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/8814>. Acesso em: 04 dez. 2017.

MACIEL, Ana Lúcia Suárez; BORDIN, Erica Bonfim; COSTA, Roberta Justina da. Gestão social contemporânea: dialética entre público e do privado. In: MACIEL, Ana Lúcia Suárez; BORDIN, Erica Bonfim. **A face privada na gestão das políticas públicas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Fundação Irmão José Otão, 2014.

MADELLA, Rosângela. **Bibliotecas comunitárias: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal**. 2010. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade Federal de Santa, Florianópolis, SC, 2010.

MADELLA, Rosângela; SOUZA, Francisco das Chagas de. Bibliotecas comunitárias em Florianópolis-SC: o olhar de seus agentes. **Em Questão**, Porto Alegre, v.18, n.1, p.171-195, jan./jun. 2012. Disponível em: <seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/24324/0>. Acesso em: 24 out. 2017.

MAIA, Marilene. Desigualdades, cidadania e as possíveis mediações com a sociedade civil. In: MACIEL, Ana Lúcia Suárez; BORDIN, Erica Bonfim. **A face privada na gestão das políticas públicas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Fundação Irmão José Otão, 2014.

MALHEIRO, Armando; RIBEIRO, Fernanda. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2011.

MARANHÃO. Projeto de Lei nº 10.613, de 5 de julho de 2017. Cria o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas e dá outras providências. **Diário Oficial [do] Estado do Maranhão**, Poder executivo, São Luís, MA, n.125, 7 jul. 2017, p.1-2. Disponível em: <http://gerenciador.tjma.jus.br/app/webroot/files/publicacao/417367/lei_no_10_613__d_e_5_de_julho_de_2017_12072017_1116.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 38-57.

MARQUES NETO, José Castilho. Políticas públicas de leitura e a formação de mediadores. In: SANTOS, Fabiano; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009. p.61-70.

MARTINS, Carlos Wellington Soares. Política cultural, democracia e participação popular: o segmento Livro, Leitura e Literatura na construção do Plano Municipal de Cultura de São Luís-MA. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 1, n.7, p. 155-171, 2014. Disponível em: <www.politicasculturaisemrevista.ufpb.br>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. Africanidades e relações raciais em bibliotecas comunitárias em São Luís – MA. In: ENCONTRO COMEMORATIVO DOS 30 ANOS DO NEAB/UFMA, 2015, São Luís, **Anais...**São Luís: UFMA, 2015. p.1-18.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MEDEIROS, Ana Lídia Gonçalves; SANTOS, Sérgio Pizzot Rodrigues dos; BONFIM, Alexandre Maia do. A leitura como direito humano: uma reflexão de como a leitura é indispensável à liberdade. **Dignidade Re-Vista**, [S.l.], v.1, n.1, p.18-26, jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/dignidaderevista/article/view/199>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins; SANTOS, Izabele Dias dos; SILVA, Gabriele Góes da Silva. Mediadores para além do ambiente escolar: o que nos dizem acadêmicos de Pedagogia e Letras. In: FEBA, Berta Lúcia Tagliari; SOUZA, Renata Junqueira (Orgs.). **Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente**. Tubarão, SC: Ed. Copiart, 2017. p.12-44.

PAOLI, Maria Célia. Movimentos sociais, cidadania, espaço público: perspectivas brasileiras para os anos 90. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, n. 33, p. 115-133, 1991. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/33/Maria%20Celia%20Paoli%20>

%20Movimentos%20Sociais,%20Cidadania,%20Espaco%20Publico.pdf.>. Acesso em: 31 mar. 2017.

PETIT, Michelle. **A arte de ler ou como resistir a adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PEREIRA, Potyara A. P. **Política social: temas e questões**. São Paulo: Cortez, 2009.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê. 2002.

_____. **A casa da invenção**. São Paulo: Ateliê. 2003.

_____. Biblioteca do século XIX para o XXI. **Revista USP**, São Paulo, n.97, p.59-70, • mar./abr./maio. 2013.

MORAES, Rubens Borba de Moraes. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MORAES, Janielle de Oliveira; FURTADO, Luciana Nathalia Moraes; MORAES, Luan Carlos de Oliveira. Biblioteca comunitária "o fantástico mundo da leitura": uma alternativa para a socialização do conhecimento na comunidade do Coroadinho em São Luís-MA. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2012, Cariri, **Anais...Cariri**: UFC, 2012. p. 1-15. Disponível em:<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2005/1293>>. Acesso em: 20 out. 2017.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.13, n.1, p.7-54, 1984. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/2698>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

MÜLLER, Mary Stela; FORTES, Waldyr Gutierrez. Comunicação na biblioteca: uma questão interdisciplinar. **Transinformação**, v. 8, n. 2, p. 33-44, 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/233>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola, 2002. p.120-135.

NOGUEIRA, Maria Cecilia Diniz. Biblioteca pública: a ambivalência de seu papel. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.222-248, 1986. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/3674>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **A biblioteca "fora do tempo": políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil, 1937-1989**.1994. 221 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 58-77.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Tradução e posfácio: Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico – prática. Campinas: Papirus, 2007.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Bibliotecas públicas**: políticas do estado brasileiro de 1990 a 2006. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2008.

PIVA, Glauber; PEREIRA, Amilton. Um estado de palavra. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Políticas públicas do livro e leitura**. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2006.

PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.139-145, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000008735/8a275e14d12fc1815cc579451d97e0c0>>. Acesso em: 15 maio 2017.

_____. Bibliotecas comunitárias como território de memória interagindo práticas da aprendizagem e mudanças. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v.10, n.6, dez. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez09/Ind_com.htm>. Acesso em: 28 ago. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABÊLO, Renata de Lima. **Direito à cidade capitalista: da luta popular pela terra ao impasse no impasse no acesso à propriedade e aos serviços públicos na Cidade em Olímpica em São Luís-MA**. 156 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional)-Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

RABELLO, Odilia Clark Peres. Da biblioteca pública a biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p.19 42, mar. 1987. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

RABONI, Paulo César de Almeida; PONCE, Rosiane de Fátima. Trabalho educativo: mediação, desenvolvimento humano e apropriação da leitura. In: FEBA, Berta Lúcia Tagliari; SOUZA, Renata Junqueira (Orgs.). **Mediação de leitura**: espaços e perspectivas na formação docente. Tubarão, SC: Ed. Copiart, 2017. p.88-115.

RAMPASO, Renata Favero. **Entenda o terceiro setor**: teoria e prática. Osasco: Novo Século Editora, 2010.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REDE TERRA DAS PALMEIRAS. **A Rede**. 2013. Disponível em: <<http://redeleitoraterradaspalmeiras.blogspot.com.br/p/a-rede.html>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Conheça a RNBC**. 2017. Disponível em: <<http://www.rnbc.org.br/p/conheca-rnbc.html>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

REIS, Linda G. **Produção de monografia**: da teoria à prática. Brasília: Senac DF, 2008.

RÉMY, Juliana Buse de Oliveira. Perfil de usuários, fontes de informação e constituição de acervo. In: CAVALCANTE, Lidia Eugenia; ARARIPE, Fátima Maria Alencar (Orgs.). **Biblioteca e comunidade**: entre vozes e saberes. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. p.71-88.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. 2015. Disponível em: <www.prolivro.org.br/>. Acesso em: 17 maio 2016.

ROCHA, Danieli Lima; SOUSA, Cláudio José da Silva de. Geografia da criminalidade: análise espaço-temporal dos casos de roubo na área urbana do município de São Luís – MA. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 14., 2009, Natal. **Anais...** Natal, 2009. Disponível em: <<http://martel.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2008/11.17.21.03.41/doc/835-842.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

ROCHA, Silvio Luís Ferreira. **Terceiro Setor**. São Paulo: Malheiros, 2003.

RÖSING, Tania M. K. Do currículo por disciplina a era da educação-cultura-tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura. In: SANTOS, Fabiano; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p.129-156.

RIBEIRO, Maria Solange; CURY, Maria Catarina. Biblioteconomia na sociedade informatizada: a reconstrução da identidade profissional. In: CASTRO, César Augusto (Org.). **Conhecimento, pesquisa e práticas sociais em Ciência da Informação**. São Luís: EDUFMA, 2007. p.201-222.

SALAMON, Lester. A emergência do terceiro setor – uma revolução associativa global. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 5-11. jan./mar. 1998.

SANTAELLA, Lucia. A Leitura Fora do Livro. In: CICLO DE PALESTRAS DA EXPOSIÇÃO POESIA INTERSIGNOS: DO IMPRESSO AO SONORO E AO

DIGITAL, 1998, São Paulo, **Anais...**São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mos-tra/santaell.htm>> Acesso em: 15 dez. 2017.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. Estratégias do capital na produção do espaço urbano: o processo de verticalização e as desigualdades socioespaciais em São Luís, Maranhão. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.25, n.44, p.191-220. 2015. Disponível em: <periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/download/9603/8046>. Acesso em: 31 out. 2017.

SANTOS, Luís Miguel Luzio dos. **Socioeconomia**: solidariedade, economia social e as organizações em debate. São Paulo: Atlas, 2014.

SENNA, Ana; PRADO, Geraldo Moreira; BARBOSA, Maria de Fátima Sousa de Oliveira. Capital social e recursos educacionais nas favelas Pavão-Pavãozinho/Cantagalo do Rio de Janeiro. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v.10, n.1, p.155-154, 2015. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/download/24211/13432>. Acesso em: 04 dez. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SIGNATES, Luís. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos olhares: Revista de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos**, São Paulo, v.1, n.2, p. 37-49. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. **É preciso estar atento**: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias. Curitiba: Appris, 2014.

_____. Relações entre a oralidade e a escrita com a literatura clássica infantil na construção da realidade social Relações entre a oralidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.13, n.2, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/430>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; GOMES, Henriette Ferreira. A importância da mediação para a construção de uma autonomia no contexto dos usuários da informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.23, n.2, p. 33-44, maio/ago. 2013. Disponível em: <www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/12958>. Acesso em: 12 ago. 2017.

SILVA; Jonathas Luiz Carvalho; SILVA, Roosevelt Lins. Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia brasileira: algumas considerações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 203-217, jul./dez. 2010. Disponível em: <

<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16023>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da Rede Municipal de Londrina**: formação e atuação. 231 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Marília, 2006a.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: _____. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006b.

SILVA, Roosewelt Lins. **Tecnologias criativas em bibliotecas**: processos informacionais e modos de produção de subjetividade. 2016. 186 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/152731/001011598.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. Dados das Bibliotecas Públicas no Brasil. Disponível em: <<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>>. Acesso em: 17 maio 2016.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOUZA, Eliseu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Eliseu Clementino de (Orgs.). **Pesquisa Narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2017.

STOCKER, Claudia Teresinha. **Os caminhos e descaminhos da leitura na aquisição do conhecimento**. Nova Friburgo: Êxito Brasil, 2011.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira**: desempenho e perspectivas. São Paulo: LISA, 1980.

_____. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

_____. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/887>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

TEIXEIRA, Vania Laneuville. Leituras e leituras na educação de jovens e adultos. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.177-186.

UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. 1994. Disponível em:

<<https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/.../PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2017.

VARELA, Aida. **Informação e autonomia**: a mediação segundo Feuerstein. São Paulo: Senac, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramZero**, v.6, n.2, p.1-13, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1585>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

YEPES, José Lopes. **La lectura crítica como recurso didáctico**: modelos y métodos. México: Minos Tercer Milenio, 2015.

YUNES, Eliana. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: _____. **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002. p.13-51.

ZILBERMAN, Regina. Leitura literária e outras leituras. Leitura: práticas impressos e letramentos. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b. p. 71-88.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Pedagogia da leitura: movimento e história. In: _____. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2005a. p.111-115.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista para os Mediadores

Tempo que trabalha na Rede.

O que levou você a ser mediador na Rede.

Descreva detalhadamente as atividades/projetos de leitura desenvolvidos na Biblioteca em que trabalha e a sua atuação.

O que entende por mediação da literatura e como ela está presente nas suas atividades realizadas na Biblioteca.

Como é a participação dos leitores no espaço da biblioteca e nas atividades de mediação dos textos literários Caso queira relate algum acontecimento em que percebeu a influência da Rede na vida do leitor.

APÊNDICE B

Pergunta Gerativa de Narrativa para os Leitores

Quero que você fale sobre suas práticas de leitura e a sua experiência na Rede Leitora Terra das Palmeiras desde quando você começou a frequentar até o dia de hoje. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo dar detalhes, pois tudo que for importante para você também interessa para esta pesquisa.

APÊNDICE C

Roteiro de Entrevista para os Leitores

Fale como você tomou conhecimento sobre a existência da biblioteca.

Descreva sua frequência na biblioteca.

Você já participou das mediações de leitura realizadas pela biblioteca? Comente sobre as atividades e como ocorreram.

O que mudou na sua vida depois que você passou a frequentar a biblioteca?

APÊNDICE D

Pergunta Gerativa de Narrativa para o Bibliotecário

Quero que você fale sobre sua vivência na Rede Leitora Terra das Palmeiras. A melhor maneira de fazer isso seria iniciar por suas motivações para tornar-se bibliotecário da Rede, as atividades que realiza e então contar as suas percepções sobre os projetos de mediação da leitura e a recepção da comunidade e dos leitores. Você pode levar o tempo que for preciso para isso, podendo dar detalhes, pois tudo que for importante para você também interessa para esta pesquisa.

APÊNDICE E

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Crianças e Adolescentes

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**O TERCEIRO SETOR E O FOMENTO À LEITURA: UMA ANÁLISE DAS INICIATIVAS POPULARES NA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA”**

Gostaríamos de convidar a criança ou adolescente sob sua responsabilidade para participar da pesquisa **“O TERCEIRO SETOR E O FOMENTO À LEITURA: UMA ANÁLISE DAS INICIATIVAS POPULARES NA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA”**, a ser realizada em **“Rede Leitora Terra das Palmeiras”**. O objetivo da pesquisa é **investigar os projetos de incentivo à leitura realizados pela Rede Leitora Terra das Palmeiras, analisando a mediação literária presente nas atividades realizadas e descrever a percepção da comunidade quanto à contribuição da Rede para a apropriação da leitura**. A participação da criança ou adolescente é muito importante e ela se daria da seguinte forma **(entrevista gravada sobre a experiência da criança como usuário da biblioteca e participação nas atividades de mediação literária)**.

Esclarecemos que a participação da criança ou do adolescente é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação da criança ou do adolescente a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à criança ou adolescente. Esclarecemos, também, que as informações da criança ou do adolescente sob sua responsabilidade serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade da criança ou do adolescente. **Os registros gravados serão transcritos para uso desta pesquisa e depois descartados.**

Esclarecemos ainda, que nem o(a) senhor(a) e nem a criança ou adolescente sob sua responsabilidade pagarão ou serão remunerados (as) pela participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente da participação.

Os benefícios esperados são avaliar os projetos da Rede Leitora Terra das Palmeiras apontando os pontos positivos e os pontos a serem melhorados para despertar o interesse da comunidade para a leitura. Quanto aos riscos, **há riscos de gradação mínima identificados.**

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (**Clara Duarte Coelho, Rua Paes Leme, nº 52, Apto 103, Jardim América, Londrina- PR, CEP: 86010610, (43) 998196377 e (98) 982263148, e-mail: claraduartecoelho@gmail.com**), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a) .

Londrina, ____ de _____ de 201__.

Pesquisador Responsável Clara Duarte Coelho

RG: 0216909120023

_____ (NOME POR EXTENSO DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo com a participação **voluntária** da criança ou do adolescente sob minha responsabilidade na pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

Assentimento Livre e Esclarecido do Adolescente

_____ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido totalmente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

APÊNDICE F

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Adultos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**“O TERCEIRO SETOR E O FOMENTO À LEITURA: UMA ANÁLISE DAS INICIATIVAS POPULARES NA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA”**

Prezado (a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa **“O TERCEIRO SETOR E O FOMENTO À LEITURA: UMA ANÁLISE DAS INICIATIVAS POPULARES NA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA”**, a ser realizada em em **“Rede Leitora Terra das Palmeiras”**. O objetivo da pesquisa é **“investigar os projetos de incentivo à leitura realizados pela Rede Leitora Terra das Palmeiras, analisando a mediação literária presente nas atividades realizadas e descrever a percepção da comunidade quanto à contribuição da Rede para a apropriação da leitura.** Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma (**entrevista gravada sobre a Rede Leitora Terra das Palmeiras**).

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e futuras pesquisas e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. **(Os registros gravados serão transcritos para uso desta pesquisa e depois descartados).**

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado (a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são avaliar os projetos da Rede Leitora Terra das Palmeiras apontando os pontos positivos e os pontos a serem melhorados para

despertar o interesse da comunidade para a leitura. Quanto aos riscos, **há riscos de gradação mínima identificados.**

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (**Clara Duarte Coelho, Rua Paes Leme, nº 52, Apto 103, Jardim América, Londrina- PR, CEP: 86010610, (43) 998196377 e (98) 982263148, e-mail: claraduartecoelho@gmail.com**), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor(a) .

Londrina, ____ de _____ de 201_.

Pesquisador Responsável Clara Duarte Coelho

RG: 0216909120023

_____ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

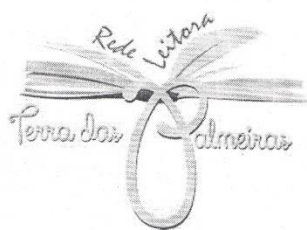
Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

ANEXOS

ANEXO A

Declaração de Concordância da Instituição Co-participante



REDE LEITORA TERRA DAS PALMEIRAS
INSTITUTO MARIANA
 Unidade 101, Rua 11, Nº 38- Cidade Operária
 CNPJ: 41.484.502.0001/12
 EMAIL: redeleitoraterrasdaspalmeiras@gmail.com

Instituto Mariana
 Unidade 101, Rua 11, Nº 38 - Cidade Operária
 CNPJ: 41.484.502/0001-12



Declaração de Concordância dos Serviços Envolvidos e/ou de Instituição
Co-Participante

São Luís, 27 de janeiro de 2017.

Ilma. Sra. Profa. Dra. Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
 Coordenadora do CEP/UEL

Senhora Coordenadora

Declaramos que nós da Rede Leitora Terra das Palmeiras composta por BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PORTAL DA SABEDORIA, BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ARTHUR AZEVEDO, BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PAULO FREIRE, BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MONTEIRO LOBATO, BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSUÉ MONTELLO), estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa "O terceiro setor e o fomento à leitura: uma análise das iniciativas populares na cidade de São Luís do Maranhão" sob a responsabilidade de Clara Duarte Coelho vinculada ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, até o seu final em janeiro de 2018.

Estamos cientes que as unidades de análise da pesquisa serão mediadores, bibliotecários e usuários das bibliotecas bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,

Maria Neuza da Silva Ribeiro
 Maria Neuza da Silva Ribeiro
 Gestora
 Maria Neuza da Silva Ribeiro
 DIRETORA

ANEXO B

Folheto da Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato

Missão
PROMOVER O ACESSO E INCENTIVAR O USO DO LIVRO LITERÁRIO PARA O PLENO EXERCÍCIO E A GERAÇÃO DA INFORMAÇÃO, CONTRIBUINDO PARA A QUALIDADE DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.

Visão
TEMOS COMO VISÃO DE FUTURO SER UMA REFERÊNCIA MUNICIPAL, ESTADUAL E NACIONAL NO APOIO AO DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO, CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO E CULTURAL DE CADA CIDADÃO.

NOSSA BIBLIOTECA




Apoio:



PARA VIAJAR NO MUNDO DA LEITURA:
Funcionamos de Segunda a Sexta-feira
08h às 12h e 14h às 18h

Unid. 101; Rua- 11; Nº 79; Cid. Operária
Tel: (98) 3302-6684 / bcmonteirolobato@gmail.com
Mediadores: Mikael (98) 98843-4265 / Ed. Júnior (98) 98174-1623
Bibliotecária: Thais Rodrigues (98) 98781-8457




LIVROS NAS COMUNIDADES
Eli avisa que chegaram mais livros literários.
- Ela chegaram mais livros literários.
Eli! Aqui na Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato a movimentação não para, começa o interesse pela leitura desde criança. E não se preocupe com idade não, seu moço. O espaço é de todos e abraça a todos com total segurança. A segurança de um local acolhedor, de um bom livro, logo uma boa leitura. Sem contar os cafés literários que estão acontecendo e a comunidade conhecendo e batendo papo com os autores locais. Sim, aos poucos estamos formando pequenos-grandes-leitores! E num piscar de olhos os livros saem voando pelas ruas da Cidade Operária. Você vê dentro e nas ruas da biblioteca crianças, adolescentes e adultos discutindo e compartilhando as leituras já vivenciadas. O direito e o acesso aos livros há muito tempo foi sendo escondido da gente. Alguns já encontraram e agora eu convido você para conhecer e abraçar essa causa junto com agente.

Edinaldo Júnior
Mediador da Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato há 13 anos

CONTANDO A NOSSA HISTÓRIA
Em 2004 era apenas um sonho, algo desejado, porém sem muita estrutura de funcionamento, mas com ações pontuais de leitura foi minando o desejo de ler e fazer ler, com fímidas atividades em sala de aula, a leitura foi fazendo parte da rotina das crianças atendidas nesta instituição. Em 2005 essas atividades se intensificaram e o que era apenas pontual, transformou-se em projeto para um semestre, envolvendo além das crianças, as famílias. O Projeto Brincando e Aprendendo na Escola, na Família e na Sociedade, contou com o apoio da antiga Associação de Escolas Católicas, hoje CENEC de Brasília, dando uma dinâmica diferente as atividades de leitura que já vinham sido desenvolvidas e implantando um espaço de leitura "Monteiro Lobato". Em 2012, o mesmo projeto foi encaminhado para o Instituto C&A e também foi aprovado com a principal proposta de incentivar a leitura literária, para tal foi criada a Rede Leitora Terra das Palmeiras, composta por 5 Bibliotecas, e agora, o que era espaço de leitura, transformou-se em Biblioteca Comunitária "Monteiro Lobato".
"o sonho tornou-se Realidade"

FALA DO LEITOR

A biblioteca me proporcionou muita coisa e continua proporcionando, acho que a melhor coisa que fizeram foi a biblioteca comunitária. Eu realmente não me interessava pela leitura, mas foi só entrar aqui e me apaixonar por este lugar. E hoje em dia é meu lugar preferido. Aprendi muita coisa, tive a chance de ir a dois cafés literários, e já estou ansioso pelo terceiro, pude apreciar o talento de vários escritores maranhenses. Aprendi com a biblioteca coisas que tenho certeza que não descobriria em outro lugar, aqui é um novo mundo para mim, e tenho certeza que meus amigos também se sentem assim.
Simplesmente amor!
Steffanny Ferraz
há 13 anos

Quando eu tive o meu primeiro contato com os livros, senti que estava entrando em outro mundo, onde só seria eu e eles, aí então eu percebi que a biblioteca seria meu mundo particular... Os livros são totalmente importantes para a formação cidadã e cultural das pessoas, mas nem todas sabem que as bibliotecas possuem as ferramentas necessárias para estes meios. A partir do momento em que você abre um livro, não é só para lê-lo, e sim para desfrutar mais conhecimentos que esse livro traz e transmiti-lo para as outras pessoas. Então é isso, a biblioteca me cativou e me ajudou a entender o mundo pelos livros.
Hadjeza Carvalho
há 13 anos

MEDIAÇÃO DE LETURA

CANTATA LITERÁRIA

POESIA DE PORTA EM PORTA

O QUE É MEDIAÇÃO?
Mediar é tornar a história interessante para o leitor, debatendo, colocando-o na história de forma prazerosa. A formação do leitor dá-se pelo prazer da leitura que surge ainda na infância, com o hábito de ouvir e contar histórias, pois forma um sujeito crítico capaz de ver e ler a realidade do mundo de múltiplas formas.

O CONSTRUIR DE UMA MESMA HISTÓRIA

ANEXO C

Boletim da Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria

Boletim Informativo Mês Agosto - 2017

Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria



108, Quadra 51, Bloco B N° 02, Cidade Olímpica,
São Luís/MA

Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá!

Mensagem do Mês

A Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria, parabeniza a Rede Leitora Terra das Palmeiras pelo 4º aniversário, que foi realizado no dia 10/08/2017, em homenagem ao escritor maranhense Gonçalves Dias.



Atividades realizadas em Agosto:

Neste mês participamos de algumas formações voltadas para o Fortalecimento e a Sustentabilidade da RBC.

A seguir nossas Formações realizadas:

- Formação de Fortalecimento em RBC, realizadas no Instituto Santa Luzia.
- Formação da INESC, realizada na Biblioteca Estadual Benedito Leite.
- Ação de enraizamento no Circo Escola da Cidade Operaria,

Comunicados Importantes

No mês de Agosto o número de empréstimos foram 363 livros.

O livro mais lido foi "A Onça e a Anta" da autora Sônia Junqueira.

Livros recebidos por doação - 04 livros de literatura.



Eventos Futuros

01/09/2017

Reunião da Rede Ilha Literária.

05/09/2017

Visita no Espaço de Leitura Raimundo Antunes – No Bairro da Alemanha.

13/09/2017

Ação de Enraizamento Comunitário nos Bairros de São Luís.

16/09/2017

Doação de livros do Clube do Livro no Shopping São Luís.

20/09/2017

Formação de Fortalecimento em RBC.

ANEXO D

Ações da Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria



Ações feitas pela Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria

**Mediação de Leitura****Bingo Literário****Tenda Literária****Cineteca****Oficina de História**



Contação de História



Varal Literário



Mediação para Bebês



Lendo na Praça



**Projeto Ler pra mim!
Mediação para Gestantes**

